



BRASIL

A SUCESSÃO DE MÉDICI

Quem irá suceder ao general Médici, cujo mandato expira em 15 de Março de 1974? Depois de um discurso presidencial de 31 de Março de 1972 o assunto está «em suspenso». Há muito tempo que este constitui um dos assuntos evitados pela imprensa. Mas o mecanismo da sucessão vai sendo analisado, e com ele, são as engrenagens do Poder, as instituições do regime, que vão sendo parcialmente explicadas.

Há muitas interpretações para este «interdito» oficial. Segundo uns, o presidente da República não quereria ver debilitada a acção do seu Governo por um debate considerado prematuro. Para outros, trata-se de preservar a unidade do Exército, evitando o lançamento de várias candidaturas militares. O presidente quer reservar-se a possibilidade de escolha, embora ninguém duvide de que o seu sucessor será um militar, e muito possivelmente um general de quatro estrelas. «Não há nada na nossa constituição que obrigue a isso, diz-nos um senador e antigo ministro, mas é certo que será assim».

Há quem afirme que o general Médici recebeu o mandato das Forças Armadas justamente para tomar uma decisão. Para outros, porém, as coisas passar-se-ão como em Outubro de 1969, ou seja, será de uma consulta entre os oficiais-generais seguida de uma deliberação do Alto Comando das

Forças Armadas, instância suprema do regime, que sairá a decisão. O Alto Comando das Forças Armadas é composto pelo ministro do Exército, o general Orlando Geisel, os ministros da Marinha e Aviação, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, os chefes das três armas e ainda o chefe da

Casa Militar do presidente da República, general Baptista de Figueiredo.

Afirma-se do mesmo modo que o futuro do chefe do executivo será escolhido entre os dez generais de quatro estrelas que compõem o Alto Comando do Exército, ou entre os outros generais do Exército de igual patente, entre os quais o actual embaixador do Brasil em Paris, general Lira Tavares, e o presidente da Petrobras (sociedade petrolífera do Estado), general Ernesto Geiser, irmão do ministro. Os meios políticos inclinam-se a ver neste último o futuro chefe de Estado.

No passado dia 1 de Março, o general Médici declarou que o mecanismo da sucessão entraria em funcionamento no segundo semestre do ano em curso. Alguns observadores admitiram a hipótese de que o actual presidente poderia ser reeleito ou ver prolongado o seu mandato. Em apoio da tese de uma reeleição do presidente, os meios políticos fazem valer a sua amabilidade, simplicidade, assim como a paixão pelo futebol, autêntico delírio nacional.

É certo que esta popularida-



de não se explica só pelo desporto. Deve-se também ao facto de que o actual Governo, contrariamente aos que o precederam, não se tem contentado com simples «palavras de ordem negativa», mas tentou a sério traçar um «plano nacional», de que o aproveitamento da Amazônia é apenas um dos aspectos. Entretanto, esta popularidade pode também ser explicada em termos do que o economista Bresser Pereira denomina «a fraca educação democrática do povo brasileiro».

Igualmente interessantes são as razões que levam alguns a afastar a hipótese da reeleição. Eis algumas: «O regime não é personalizado. O Poder não pertence a este ou àquele chefe, mas à instituição militar. Sendo assim, ninguém é reelegível, porque é o princípio da alternância que vigora no Exército brasileiro. Um general não pode continuar mais de doze anos como gene-

Continua na pág. 2

A EXPLOÇÃO DO 1.º DE MAIO

- REIVINDICADA PELAS "BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS"

Num comunicado recebido, pelo correio, na redacção deste jornal e assinado por «Brigadas Revolucionárias», esta organização reivindica a autoria da «acção de sabotagem» praticada no 4.º piso do Ministério das Corporações, às duas horas e cinquenta da madrugada do dia 1 de Maio. Esta acção, segundo uma nota oficiosa do Ministério das Corporações, constou duma «violenta explosão que, além de outros prejuízos, ocasionou a destruição das salas do 4.º andar, onde funciona a divisão da contratação colectiva da direcção dos serviços do trabalho, entre as quais a da respectiva secretaria». Uma outra nota oficiosa distribuída pela DGS, esclarecia que «não houve vítimas».

No mesmo comunicado, as «Brigadas» reivindicam o rebentamento de petardos com propaganda política nas seguintes localidades: Viana do Castelo, Braga, St. Tirso, Famliação, Trofa, Maia, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia, S. João da Madeira, Aveiro, Agueda, Leiria, Caldas da Rainha, Marinha Grande, Torres Vedras, Peniche, Mafra, Sintra Cacém, Amadora, Benfca, Algés, Pontinha, Loures, Sacavém, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira, Cacilhas, Almada Cova da Piedade, Seixal, Barreiro, Lavradio, Baixa da Banheira, Moita, Montijo, Setúbal, Alcacer do Sal, Grândola, Beja, Portimão, Olhão, Faro, Tavira, e Vila Real de Santo António.



1.º CONGRESSO DA A.N.P.

Encerrou hoje em Tomar

TOMAR; 6 — Com a leitura, discussão e votação das conclusões, seguida de um discurso do Presidente do Conselho, terminou, hoje, nesta cidade, o 1.º Congresso da ANP, que decorreu sob o signo de certa unidade, como era de esperar, entre os membros daquela «associação cívica». A seguir a esta sessão, decorreu no restaurante instalado nos jardins do hotel dos Templários, um almoço que reuniu todos os congressistas.

As sessões de secção de ontem tinham terminado por volta das 18 horas, ao que se seguiu a sessão administrativa do Congresso, para eleição dos novos, oito vogais da Comissão Central que substituirão, tal

como está previsto nos estatutos da ANP, um igual número de membros. Foram igualmente aprovados o relatório e contas da Comissão cessante.

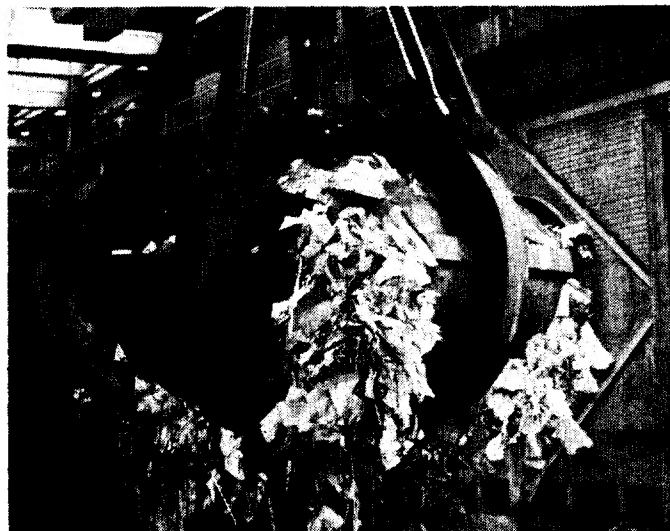
Ontem de manhã tinha sido lida uma comunicação do dr. Augusto Ataíde, integrada na secção de «doutrinação, acção política e participação», cujos trabalhos foram iniciados no dia anterior. Foram igualmente apresentados comunicações sobre «Obras Públicas», do eng. Rui Sanches, sobre «Comunicação e Transportes», do eng. Oliveira Martins, e sobre «Política Industrial», do dr. Hermes dos Santos. De tarde decorreram os debates sobre as comunicações apresentadas da parte da manhã.

O LIXO EM CANAIS DE DESCARGA

70 MIL PRÉDIOS COM MICRÓBIOS

Jão não são somente os vazadouros públicos, as estruturas e os caixotes do lixo a descoberto que contribuem para a proliferação das doenças infecto-contagiosas. Os tubos de descarga do lixo, utilizados sobretudo nos prédios de construção recente, tidos como uma aquisição técnica de elevado interesse sanitário, são afinal responsáveis pela propagação em larga escala de doenças contagiosas. O alarme vem de Paris onde se apurou que inquilinos

habitando andares diferentes em construções dotadas com esse receptáculos, foram hospitalizados com poucos dias de intervalo, vítimas de doenças provocadas por germes encontrados nos tubos de descarga. No entanto, desconhecem-se ainda entre nós as consequências do uso dos canais de descarga em edifícios de habitação, segundo informações dos Serviços de Engenharia Sanitária da Direcção Geral de Saúde. (Pág. 8)



LEIA HOJE

- Política social da CEE
- A nova política dos «Panteras Negras»
- A visita de Fernando Namora, uma
- Carta do Brasil de Chianca de Garcia Salários na África do Sul
- A Ciência e o Homem
- Ronnie Scott: «Jazz» hoje à noite

LEIA AMANHÃ

- No Suplemento «EXCLUSIVO»
- A Líbia do impetuoso coronel Gadaafi
- A escalada petrolífera
- Crise dos Países Baixos
- O México numa encruzilhada
- Telefotos e Pelo Mundo — as imagens e os factos dos principais acontecimentos internacionais da semana

HOJE: 28 PÁGINAS

F. N. A. T.

CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO PUBLICITÁRIA EM PAVILHÕES GIMNODESPORTIVOS, PISCINAS, PARQUES DE JOGOS E DE CAMPISMO DESTE ORGANISMO

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aceita propostas até às 17 horas do dia 18 de Maio para a concessão em epígrafe, cujas instalações se situam em:

PAVILHÕES GIMNODESPORTIVOS

Guimarães, Guarda, Covilhã, Cartaxo, Salvaterra de Magos, Azinhaga, Muge e Santo António das Areias.

PISCINAS

Cabedelo (Viana do Castelo) e Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol», na Costa da Caparica.

PARQUE DE JOGOS

Lisboa e Porto

PARQUES DE CAMPISMO

no Cabedelo (Viana do Castelo), na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica e nas Termas de S. Pedro do Sul.

As propostas deverão ser entregues na 6.ª Secção — Calçada de Santana, 180 — tendo lugar a sua abertura às 15 horas do dia 22 de Maio e a ela poderão assistir os interessados.

Lisboa,

O SECRETÁRIO-GERAL



BREVEMENTE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1973

(de 30 de Maio a 3 de Junho)

BATSHEVA DANCE COMPANY

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

Hoje, amanhã e dia 8 Antigos Assinantes (tarde)
Dia 9 Bilheteira encerrada
Dias 10-11-12 Novos Assinantes
Dia 13 Bilheteira encerrada
Dias 14 e seguintes Venda Avulso

Bilheteira aberta das 13 às 19 horas — Telef. 36 86 64

GRANDE EMPRESA IMOBILIÁRIA

Necessita para equipa de manutenção do seu conjunto habitacional:

CARPINTEIRO — PINTOR

Resposta: Telefone 65 42 61.

BRASIL: A SUCESSÃO DE MEDICI

Continuação da pág. 1

ral, e mais de quatro no mesmo posto de comando. A alma do presidente Médici é demasiado militar para transgredir uma tal norma.

AS TENDÊNCIAS DENTRO DO EXÉRCITO

O general Ernesto Geisel, considerado o sucessor provável, passa por ser um homem austero, firme, talvez mesmo obstinado, e ainda, pela sua cultura e competência, como um dos dez ou quinze mais brilhantes «intelectuais» do Exército brasileiro. Nascido em 1908, no Rio Grande do Sul, ele é um «gaúcho», tal como o general Médici e a maior parte dos dirigentes actuais. Foi chefe da Casa Militar do presidente Castelo Branco, que de 1964 a 1966 abriu o país aos investimentos estrangeiros. Por esta razão, ele passa por ser um dos defensores do chamado «cosmopolitismo económico». Além do mais, em razão da política comercial «agressiva» da sociedade que dirige, a Petróbras, é igualmente considerado um nacionalista, e ainda um dos militares hostis aos «abusos» policiais. A acrescentar a isto, ele foi uma das personalidades que se abalaram um pouco com a polémica sobre a «concentração crescente das riquezas».

Para aqueles que tentam analisar o Exército brasileiro — e a tarefa não é nada fácil — existe no seu seio uma corrente que se preocupa com a importância que assumem os investimentos estrangeiros e a desigualdade crescente da distribuição do rendimento nacional. Nelson Werneck Sodre, distinguia recentemente, no semanário «Opinião», uma ten-

dência «moderada» e «profissional» (quer dizer, defendendo o regresso progressivo dos militares aos quartéis), oposta a uma tendência «radical» e «política». A primeira, na opinião editorialista, está à beira de suplantar a segunda. Mas tais divergências não são assim tão nítidas, sendo mesmo corrente ouvir-se dizer que a distinção real é a que divide os oficiais do activo e os da reserva, acrescentando-se que o general Ernesto Geisel, sendo um «reservista», não está assim tão bem colocado como se diz.

A propósito do debate sobre a sucessão, surgem assim outros debates. Os partidários de uma abertura baseiam-se numa frase do general Médici, pronunciada em 7 de Outubro de 1969, logo após a sua investidura: «Quando acabar o meu mandato, é esperança minha que a democracia esteja definitivamente instaurada no nosso país...». Pouco depois, os termos de «democracia» e «democrata» seriam banidos do vocabulário oficial, para já não falar das citadas previsões a longo termo. Os deputados do partido governamental, a Aliança de renovação nacional, substituíram esses vocábulos pelo termo «institucionalização». Institucionalizar o regime de 1964 consistiria, na opinião de algumas pessoas, em abolir o acto institucional n.º 5, que concede ao presidente poderes quase ilimitados, e a reservar as suas disposições essenciais para os casos de urgência previstos na Constituição.

Do lado da oposição legal, vai-se um pouco mais longe: na opinião dos seus dirigentes, um regresso a um Estado de direito implicaria o restabeleci-

mento das liberdades democráticas. Mas na realidade, a maior parte dos observadores não espera uma tal evolução. Bem pelo contrário, é de esperar que venham a ser prorrogadas em Abril de 1974 as medidas decretadas por um período de dez anos em 1964 contra personalidades do «antigo regime» privadas dos direitos cívicos, ou cujos mandatos tenham sido objecto de anulação, aliás, o discurso do presidente Médici de 31 de Março passado, por ocasião do nono aniversário do regime, foi bem explícito sobre o assunto: a democracia política, disse ele, é a última etapa de um processo que se inicia com a democracia económica, e depois com a democracia social. Como ainda não está realizada a democracia económica, nem tão pouco a democracia social... Num documento elaborado em 1970, mas só tornado público no ano passado, o Conselho de segurança nacional fixou para o fim deste século o termo de uma tal evolução...

Evocando, a propósito da sucessão, a escolha do presidente Castelo Branco em 1964, o jornal «O Estado» escrevia que nunca se tinha visto «tanto mistério». Foram os militares, com o apoio de alguns governadores, que lançaram a sua candidatura, que depois foi aprovada pelo Congresso. Mas antes de se apresentar perante o Congresso, o general Castelo Branco estabeleceu contactos com os vários partidos, che-

gando mesmo a conferenciar com o antigo presidente Kubitschek. «Houve então uma escolha porque houve um debate político», acrescenta o jornal.

Também o general Costa e Silva suscitou um largo debate, antes de ser eleito presidente, «percorrendo o país e concedendo entrevistas». Mas já a designação do general Médici se processou em circunstâncias diferentes. Tendo adoecido gravemente o presidente Costa e Silva, o general Médici, então chefe do serviço nacional de informação, que comanda o aparelho de segurança militar, acedeu imediatamente à presidência. Este precedente teria fortemente influenciado a concepção actual dos militares sobre a função presidencial: para eles, um tal cargo representa uma missão. E para uma missão não há candidatos. A missão confia-se a quem se mostrar mais digno de a assumir.

O general Costa e Silva tinha sido o «eleito» dos quartéis, o general Médici foi o «eleito» do alto comando militar. Um dos mais lúcidos observadores do Brasil contemporâneo concluiu que houve na altura uma vitória da hierarquia militar sobre a «base» e que, a partir de então, o poder nunca mais deixaria de concentrar-se. É por isso que hoje o presidente Médici aparece na posição de árbitro.

Charles Vanhecke

VENCIMENTOS ABAIXO DO MÍNIMO

MARVÃO — Os guarda-rios da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos não foram abrangidos com os 15 por cento de aumento recentemente concedido pelo Governo alegando-se que os seus ordenados foram beneficiados desde 1 de Janeiro de 1970. Acontece que, actualmente um guarda-rios de 2.ª classe auferia mensalmente 1.900\$00 e um de 1.ª classe 2.000\$00, não atingindo como se vê, os 2.400\$00 que é o mínimo estabelecido para os servidores do Estado. Dadas as funções policiais que lhes são cometidas, não se compreende porque vencem cerca de metade do ordenado dos guardas nacionais republicanos, guardas fiscais, polícias de segurança pública, etc. As funções dos guarda-rios são vastas e exige certos conheci-

mentos que vão além da quarta classe de instrução primária. Fiscalizam a pesca nas águas interiores do país, a caça, ei de águas, posturas municipais e regulamento dos Serviços Hidráulicos. Fiscalizam e prestam informações referentes a obras de hidráulica, dão pareceres sobre divisão de águas são agentes campestres, etc. Sendo assim, qual a razão porque estes agentes não são equiparados aos guardas dos Serviços Florestais e Aquícolas, para os quais foi criado um quadro? A estes além de terem melhores vencimentos é-lhes fornecido transporte (motoretas), enquanto os guarda-rios têm que se deslocar a pé a grandes distâncias e quantas vezes sob fortes trovoadas chuvas ou sol ardente, porque os cantões a seu cargo têm cerca de 100 km2.

Congresso da ANP

DOCTRINAÇÃO

«As novas gerações e a vida política é tema sobre o qual nos surgem, de jacto, bom números de lugares-comuns e ideias feitas. Todos os conhecemos e estamos a ouvir... a juventude situa-se sempre nos extremos... a juventude é revolucionária... a juventude tende a desinteressar-se da política... a juventude está hoje predominantemente marxizada» — afirmava quase no início do seu discurso, o dr. Augusto Ataíde. E prosseguia, falando a uma assistência, predominantemente de pessoas idosas e bem situadas na vida: «o fenómeno da integração das novas gerações no corpo social, que continuamente se repete, é hoje um dos mais relevantes que se põe nos quadros do estado moderno. E tem repercussões directas e intensas no plano da vida política. Na verdade ela é afectada, época após época, pela chegada de novas

ideias, novas tensões, novos movimentos originados na juventude».

E mais a diante: «Suponho, por mim, e antes de mais, que na verdade não poderemos minimizar a gravidade da pressão exercida sobre a chamada «inteligência» de tantos países pelo marxismo. E teremos de reconhecer como inegável a marxização de uma parte da juventude sob a influência de tais mestres». E quase a terminar: «Já várias vezes afirmei e escrevi ser minha arreigada convicção, hoje, no termo de uma juventude intensa e continuamente atento às características evolução, pensamento, espírito da minha geração, que ela exigirá à sociedade a qual cresceu e se integrou, um dinamismo contínuo de progresso e modernização». Organismo como o nosso que perca de vista esta base fundamental falhará certamente no seu contacto, na sua abertura às novas gerações».

Instituto dos ferroviários do Sul e Sueste

Tomaram posse dos seus cargos os novos corpos gerentes do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste, para o ano de 1973, ficando assim preenchidos os lugares da Direcção: Calixto Vaz de Carvalho, como presidente, Joaquim Baptista Candeias e Teodoro Maurício Costa, respectivamente, primeiro e segundo secretários, Teodósio Mendes, tesoureiro, Cristiano Ferrão, Joaquim Francisco Castanheira e José Emílio, como vogais. Para o cargo de presidente da Assembleia Geral foi eleito o sr. Ezequiel da Costa Cavaco.

em 3 linhas

Foi criado um Consulado de 2.ª classe em Sydney e extinto o Consulado Honorário na mesma cidade australiana.

Um decreto, pelo Ministério do Ultramar, publicado no «Diário do Governo» (1.ª série, n.º 106) aprova o regulamento do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

O dr. Álvaro das Dores Sales de Andrade, conservador da 2.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa foi nomeado vogal da 2.ª Secção (Registo Predial) do Conselho Técnico dos Registos e do Notariado.

Foi confirmada a declaração de utilidade turística do Hotel Apartamento Eurotel, que a Solurbe-Sociedade Luso-Italiana de Construção e Urbanização, S.A.R.L. construiu em Almargem (Tavira).

Foi, igualmente, confirmada essa declaração relativa ao Hotel da Rocha, construído na Praia da Rocha pela Praitur-Sociedade Hoteleira Praia da Rocha, Lda.

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 106) a lista provisória e graduada dos candidatos admitidos ao concurso para provimento de vagas de professor existentes em todos grupos do quadro comum dos liceus do Ultramar.

Foram aprovados, oficialmente, os estatutos da insti-

TRABALHAR

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Não é tão simples como pôde parecer à primeira vista. Porque o trabalho não é só um dever e uma obrigação, como nos ensinaram na escola, não é só, até, um direito. Seria demasiado simples, demasiado tranquilizador, demasiado infantil. Empregava-se uma pessoa, e pronto, respirava fundo, tinha trabalho para a vida, nada mau. Bons tempos em que pensávamos em coisas assim e também em que era possível a todos escolher livremente entre a dignidade do trabalho e a indignidade da boa vai ela. Mas terão alguma vez existido tempos desses? Portanto o trabalho... Ele é isso sem dúvida, uma necessidade e ainda uma sorte (quando o temos), uma concessão (de quem no-lo dá), uma coisa que não devia existir (quando se é novinho), por vezes uma esmola mascarada (quando se é velho). Que não devia ser assim? Claro que não. Mas eis que, de repente, um dia, abrimos o jornal e, se não estamos treinados para só ver o que não magoa a alma (a maior parte das criaturas têm esse treino, como o conseguiram não sei, ou talvez se trate de uma dádiva da natureza), verificamos que há pessoas por qualquer razão que não lhes diz respeito, despedidas e desempregadas. Que podem arranjar outro trabalho, há quem pense. Mas se nos detivermos nas páginas de anúncios (e também aqui é necessário que não estejamos programados para ler e perceber unicamente o anúncio que nos interessa), vemos que os patrões só pedem gente nova. E essencial indicar a idade, ter o serviço militar cumprido, às vezes até mandar retrato. A meta é quase sempre os 35 anos. 36, pelos vistos já não serve. E dizer também qual é o ordenado pretendido e mandar curriculum. Claro que os que pretendam ordenado mais baixo, tenham curriculum mais rico e idade menor (tudo isto junto até parece esquisito — porque ainda há quem exija muita experiência — mas não é) serão os preferidos. Isso, porém, já é outra história. Fiquemos nesta.

MERCADO COMUM

RELATÓRIO SOBRE POLÍTICA SOCIAL

A Comissão Europeia acaba de submeter ao conselho um relatório descrevendo quais poderiam ser as linhas directrizes de um programa de acção social a aplicar pela Comunidade. Recomenda, principalmente, estudar a partir de agora os meios de abolir o trabalho em cadeia. Este documento será objecto de um primeiro exame por parte dos ministros responsáveis pelos assuntos sociais, em 21 de Maio próximo, em Bruxelas. Será seguidamente discutido quando da conferência tripartida agrupando os representantes dos trabalhadores, dos empregadores e dos poderes públicos que deve reunir-se em Junho, no Luxemburgo.

O objectivo definitivo, quando da conferência «ao mais alto nível» é fazer de forma que este programa social europeu possa receber um princípio de execução a partir de Janeiro de 1974.

No espírito da Comissão, as medidas recomendadas deveriam receber uma aplicação plena daqui até ao fim da segunda fase da união, económica e monetária portanto, daqui até 31 de Dezembro de 1976. Segundo Patrick Hillery, o comissário europeu encarregado dos assuntos sociais, todas as acções propostas deveriam poder ser aplicadas de forma escalonada durante os anos futuros. De facto, dada a ambição do programa proposto e a importância das despesas que implicaria a sua realização, pode-se pensar que o essencial do trabalho do conselho e dos parceiros sociais vá consistir agora em definir prioridades.

A Comissão distingue duas grandes categorias de acções: as destinadas a assegurar um pleno e melhor emprego; as que visam assegurar uma melhoria das condições de vida e de trabalho. — A procura de um melhor equilíbrio entre a oferta e a procura de trabalho.

A Comissão Europeia apresenta a série de sugestões seguintes: seriam acordados prémios, cujo financiamento seria suportado, em parte, pela C. E. E., para encorajar a criação de novos empregos nas r e giões sub equipadas ou em declínio. A Comunidade contribuiria para a instalação, por parte dos Estados membros, de sistemas de reconversão profissional, compreendendo garantias contra as perdas de rendimentos. O conselho de ministros decidiria, antes de Julho de 1974, das medidas

concretas destinadas a dar aos trabalhadores migrantes garantias em matéria de protecção social de centros de acolhi-

mento e de formação assim como de educação e de habitação. Hillery precisou que, no espírito da Comissão estas medidas deveriam ser concebidas de tal maneira que os trabalhadores migrantes pudessem mandar vir as suas famílias para o país de acolhimento.

CRÉDITOS COMUNITÁRIOS?

Uma comissão permanente deveria ser instaurada junto da Comissão para conceber, antes do Verão de 1974, medidas de toda a ordem a pôr em vigor para melhorar o trabalho das mulheres: acesso ao emprego, formação, férias de maternidade, flexibilidade das horas de trabalho, creches, etc.

Poderiam ser acordados créditos comunitários a fim de apressar o estabelecimento, nos países membros, de siste-

mas visando completar a formação dos jovens que não conseguissem encontrar um emprego à saída da escola. A comissão evoca igualmente a possibilidade de consentir pré-salários e prémios de mobilidade.

Do mesmo modo, a C.E.E. poderia tomar a seu cargo uma parte das despesas efectuadas para garantir os trabalhadores idosos contra as perdas de rendimentos devidas a reformas prematuras.

Poderia, finalmente, encorajar a readaptação profissional dos trabalhadores inferiorizados.

A melhoria das condições de vida e de trabalho.

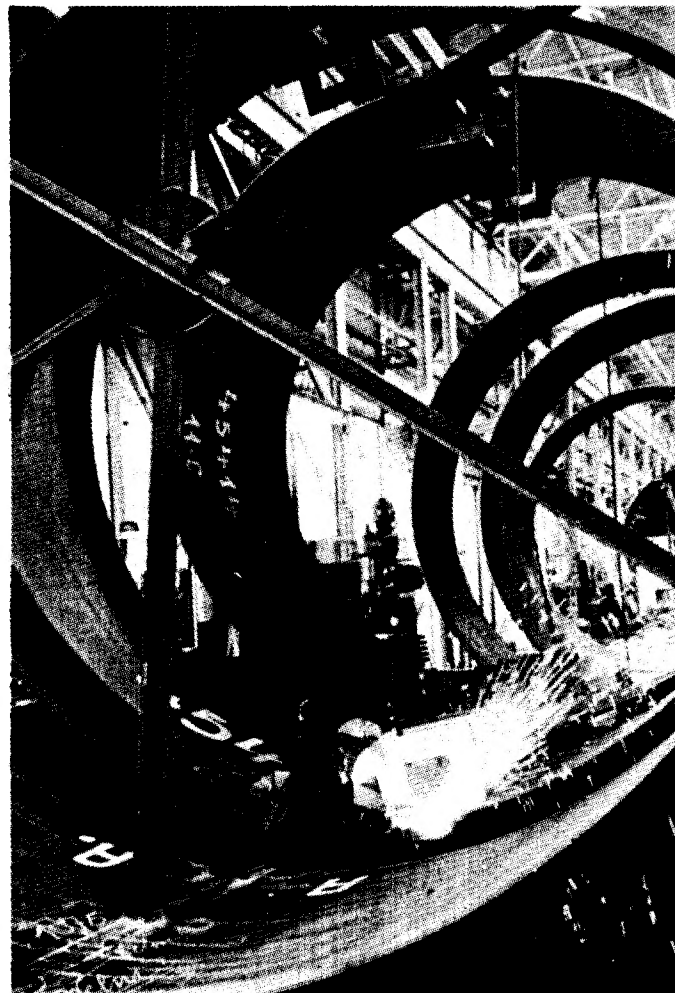
O objectivo perseguido pela Comissão é o de, simultaneamente, promover uma distribuição mais equitativa dos rendimentos e combater a tendência para a desumanização dos métodos de trabalho. Ela sugere o empreendimento, de modo imediato, de colaboração com os parceiros sociais, dos estudos com vista à abolição do trabalho em cadeia. Estes estudos deveriam ser levados a efeito por sectores de actividade e numa base comunitária.

É preciso partir da ideia claramente afirmada de que o trabalho em cadeia não deveria existir, pois provoca danos psicológicos sérios, declarou a este respeito Patrick Hillery.

O colega europeu examinara igualmente, daqui até ao fim de 1974, os problemas levantados pela definição de um salário mínimo europeu. Tomará, de igual modo, as iniciativas necessárias para assegurar a igualdade dos salários masculinos e femininos, e para que sejam melhorados os programas nacionais relativamente à participação dos trabalhadores nos lucros da empresa.

A Comissão estudará, daqui até ao fim de 1974, a possibilidade de conceder uma ajuda comunitária em matéria de subsídio de desemprego. Isto seria, no seu espírito, a maneira, para os países ricos e sem desemprego, de manifestar a sua solidariedade relativamente aos Estados membros parceiros subindustrializados e a braços com dificuldades no domínio do emprego.

PHILIPPE LEMAITRE
LE MONDE



O nosso mundo

NÃO QUEREMOS



Não queremos ver mulheres despidas, seminuas ou mesmo nuas, nas ruas onde passamos, nos comércios onde fazemos compras, nas camionetas, nos comboios e nos aviões onde viajamos, nas repartições onde pagamos as contribuições, muito menos nas igrejas onde rezamos. Basta que um dia, quando casarmos, as vejamos nuas, mas com o pudor digno da mulher que se preza, que não se expõe, não se compra e não se vende. Uma sociedade que tal permite é uma sociedade corrompida, anémica, podre, que mais valia não existir (...). Queremos, sim, uma mulher limpa, sem vícios, económica, que se dedique à educação dos filhos, ao governo da casa, ao carinho do marido. Não queremos a mulher abandonada por esta vida de consumo, de gas-

tos, de luxos, de mentiras, de sensualismos, de instintos animalescos. Queremos a mulher sensata e prudente, modesta, digna do seu nome, como Deus a criou e pretende que ela seja. (Zélio, in «Jornal do Sul», transcrito por «Ecos de Marco de Canaveses».)

DIA TRISTE

O Dia do Turista, este ano, foi triste. Não houve sol; choveu e para cúmulo, ao anoitecer, desapareceu como por encanto a energia eléctrica, não permitindo sequer a muitos entusiastas assistir pela TV ao jogo Real-Ajax, já anunciado, e que entrava no número limitado dos que a nossa televisão transmite. Não nos propomos discutir as causas que motivaram mais este prolongado corte de energia num dia festivo. Já nos vamos por assim dizer habituando a este ritmo. Há qualquer coisa que não funciona bem e a que é preciso pôr cobro porque isto vai de mal a pior. E por hoje nada mais podemos dizer sobre

o assunto. («Povo Algarvio», de Tavira).

AZAR

O guarda fabril José Caeiro, natural de Cuba e residente em Mira de Aire, costuma preencher o tobo da sociedade com um colé da mesma empresa. Na semana finda, preencheu, como de costume, as duas primeiras colunas e esperou pelo colega que não apareceu para preencher as duas seguintes. Por tal motivo não registou o boletim. Foi grande o seu desespero ao verificar, na segunda-feira, que tinha os 13 resultados certos na primeira coluna. O facto foi bastante comentado, pois o pobre homem, já sexagenário, projectava comprar uma casita... Já é ter azar. («Diário do Ribatejo».)

SANTANA

Depois de uma excelente viagem que pouco mais durou que trinta minutos, cheguei a Santana muito antes da hora prevista para o

início da missão que ali me levava. Por isso resolvi visitar o lugar e comecei pela modesta capelinha, primorosamente caiada de branco. Estive, depois, no pequeno jardim público, contemplei o enorme cruzeiro que lhe fica próximo e admirei a azáfama do mulherio que lá à fonte, de cântaro à cabeça ou apoiado na anca. Foi um vozear que me despertou a atenção para um rancho de pescadores que aguardavam a carreira (não sei para onde); elas vestidas de negro como que a lembrarem traições do mar; eles, queimados pelo sol e pela brisa salgada, envergavam calças pretas e grossas camisas aos quadrados — protótipos de todos os lugares piscatórios. O que mais me impressionou nesta gente foi uma certa melancolia nas suas expressões e a nobreza, embora rústica, da maneira como gesticulavam. (Vitor Aparício, in «Jornal de Almada».)

TORTOSENDO

O edifício onde em tem-

pos funcionou o lactário foi votado ao abandono. Há uns tempos já algo distantes iniciaram-se obras de ampliação, com vista a fazer ali infantil o Instituto Materno Infantil. O local é o perfettamenteemente indicado para o efeito. Porém, as obras pararam. O edifício ficou abandonado. A «criança» arrombou as portas e assenhoreou-se do edifício e não é difícil calcular o que vem acontecendo... Vidros partidos, portas desconjuntadas, sanitas destruídas, estores danificados e tantas outras anomalias. «A priori» poderíamos responsabilizar a «miudagem» que vem processando a destruição. Mas, bem vistas as coisas, a culpa é dos adultos... Seja como for, é urgente que se tomem medidas; doutro modo parece-nos que um dia destes restarão apenas os escombros dum edifício que, não tendo condições para o infantil, poderia servir capazmente para posto médico ou para outros serviços públicos. O reparo aqui fica; quem de direito que decida. (Notícias da Covilhã)

Droga e pastos ruins fazem cair os toiros nas praças

«Porque caem os toiros?» foi um assunto levantado pela primeira vez em Portugal pelo crítico José Lanceiro durante o III Congresso Tauromáquico, que teve lugar em Lisboa, no passado mês de Setembro. A sua proposta levantou celeuma em Portugal e na Espanha. Críticos espanhóis referiram-se ao problema. No «ABC» de Madrid, em 7 de Janeiro, Eduardo Miura, dono de uma das mais conceituadas ganadarias da Península ao responder a uma entrevista, apoiou em absoluto a sugestão do congressista português.

Não se trata, aliás, de um problema exclusivamente tauromáquico, apesar de ele se evidenciar principalmente nesse campo, — uma questão médico-veterinária e mesmo zootécnica.

José Lanceiro disse-nos que sobre as quedas (mais) que frequentes dos toiros: «É do conhecimento geral que uma res inválida é muito mais cómoda

para os toureiros do que um toiro, com os anos — chamemo-lhe regulamentares — força e destreza. Porém, a frequência com que os toureiros

estão a enfrentar reses com as faculdades diminuídas, parece começar a ter efeitos perniciosos, por já haver meios populacionais que não aceitam este estado de coisas e a deserção dos espectadores tem sido fatal para os empresários».

Mais à frente declarava: «Observa-se, talvez por mera coincidência, que é nas corridas em que actuam os toureiros de maior nomeada que a invalidez dos antagonistas é maior. No entanto, observa-se com muito interesse, de que nas novilhadas se correm animais dos mesmos ganadeiros e, neles, os novinhos não caem e até derrubam os picadores. Proponho que este Congresso tome em consideração este assunto e que seja recomendado às entidades competentes que para além do que determina

o artigo 137 do Regulamento Taurino Espanhol, sejam analisados «pos-mortem» os líquidos orgânicos das reses, pelos processos que os laboratórios oficiais considerem mais eficientes e se dê público conhecimento dos resultados das análises».

Reconheço a ousadia da proposta até por não ser licenciado em medicina veterinária ou semelhante mas penso que essa medida seria, de certo modo, um procedimento análogo, embora com sentido inverso, aquele que se está a praticar nos seres humanos — especialmente com os desportistas — em relação ao «doping».

Com esta sua sugestão, pretendia José Lanceiro pôr a clareza e evitar especialmente a especulação de que se há a não droga nos toiros: a dúvida que

assalta o espírito de todos e a quase certeza para alguns...

DROGA, TALVEZ, MAS NÃO SÓ...

A droga nos toiros não é uma questão actual. Desde há bastantes anos que ele tem sido levantado. Em 1954, o dr. Mário Carmona dizia que era dado tubarina aos animais. Os congressistas franceses não hesitaram em confirmar a José Lanceiro o que na França era dado Gardenal aos toiros, droga que passadas duas horas não deixa vestígios da sua aplicação.

Aliás e como nos afirmou o nosso interlocutor, a droga nos toiros é uma consequência de dopagem noutros espectáculos. Apresentou uma lista de 23 estupefacientes que os ingleses inventaram para as corridas de cavalos. Quer como estimulantes quer como sedativos. Por vezes é tão lucrativo perder como ganhar. Também no ciclismo se recorreu ao controlo «anti-doping» para acabar com o uso da droga. Tanto nos Jogos Olímpicos do México como de Munique, as autoridades socorram-se das análises no final das competições, para se certificarem que os atletas vencedores não tinham tomado estimulantes. E houve algumas desclassificações. Porque não acontecer o mesmo, portanto, com as corridas de toiros? Em Espanha, o público está convicto de que os animais (pelo menos alguns!) entram nas arenas drogados.

Não se pode cair numa afirmação sem para isso possuir provas e estas dificilmente se conseguiriam obter. No entanto, poder-se-á perguntar? Se não é a droga que faz cair alguns toiros, porque será que os animais que estão a entrar nas arenas com um aspecto bravo, com peso, com casta, com idade e que à primeira vista parecem reunir as condições ideais para uma luta sem tréguas, passados alguns minutos (talvez o efeito da droga se comece a fazer sentir) eles apresentam-se em perfeita

inferioridade e diminuídos?

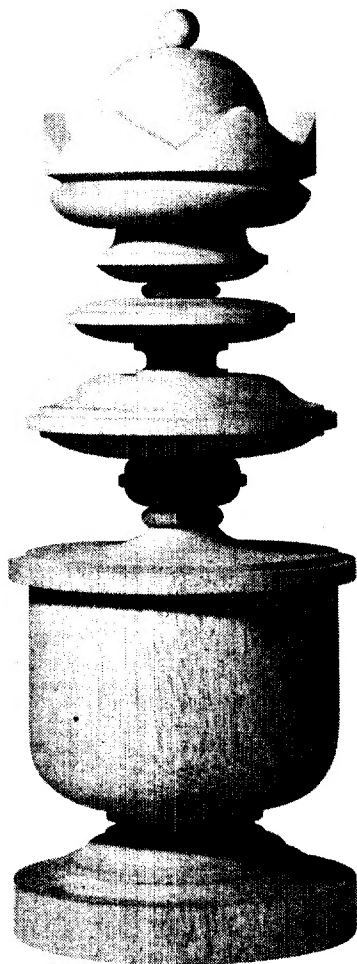
Bom, mas não será unicamente a droga que faz cair os toiros, a todo o momento, nas arenas. José Lanceiros apontou-nos outros motivos bastante pertinentes. A fadiga muscular, por exemplo. Os toiros não fazem exercício. Os pastos foram sendo reduzidos em favor de terras para plantação e quando os animais deveriam caminhar 5 a 6 quilómetros por dia, não andam uns metros. Por falta de espaço, como dissemos e também porque interessa aos ganadeiros poupar ao máximo as energias do animal, evitando-lhe o dispêndio de calorías. O excesso de alimentação é outras das razões. Com tanta adiposidade e sem uma estrutura óssea suficiente, os membros acusam debilidade e não aguentam o peso do corpo. A ausência de casta, de ferocidade, de nervo, os pastos ruins, a consaguinidade, o transporte deficiente para as praças e que muitas vezes lhe causa lesões, a tubarina como já fizemos referência, a febre aftosa e a glosopeda podem ser outros dos motivos invocados.

A terminar apresentamos apenas mais duas razões: o reumatismo perarticular carpiano, adquirido pelos bezerros no Inverno e o picar excessivo e mal dos toiros, o que ocasiona grandes lesões perda de sangue e consequente perda de glóbulos vermelhos. Isto leva à oxidação dos tecidos e à acumulação de carbono; o animal fica com dificuldade em respirar e até pode conduzir à sua morte por asfixia.

O público não se apercebia certamente destes motivos, mas na maioria dos casos, começa a sentir-se defraudado no espectáculo para que comprou o seu bilhete (cada vez mais caro) e não vê realmente tourear.

Quanto tornarem a haver toiros a sério nas arenas, talvez o espectáculo, neste momento cheio de facilidades (para os toureiros) se torne difícil e emocionante.

sonarte 30/73



COROLLA também é "REI"

Pois é.
Na sua classe, você não pode conseguir melhor.
Comodidade e conforto incomparáveis.
«Performances» sem paralelo.
Linha elegante. Qualidade. Segurança.
Economia surpreendente.
Um carro «a sério».
Um amigo sempre às suas ordens.
Em toda a parte.
Em todas as circunstâncias.
Nos caminhos mais difíceis.
A «pedra-chave» do seu dia-a-dia.
A solução dos seus problemas.
«Jogue» no Corolla com a certeza de ganhar.

TOYOTA



veio para ficar

E FICOU MESMO

IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS



Os toiros caem cada vez mais nas praças.

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

Concluimos, hoje, as alegações do advogado de António Champalimaud, dr. Manuel João da Palma Carlos, feitas no decorrer da audiência, de sexta-feira, do caso da herança Sommer.

Um primeiro problema, porém, há que abordar, sobre a aplicabilidade do disposto no art.º 532.º do Código Civil aos títulos de crédito:

O de determinar se os títulos de crédito são, ou não, susceptíveis de aquisição por usucapião.

Sustenta, na verdade, o sr. prof. Vaz Serra, no parecer que os assistentes trouxeram ao processo, que «os títulos de crédito e entre eles as acções de sociedades, não são susceptíveis de aquisição por usucapião».

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DO PROF. VAZ SERRA

O sr. prof. Vaz Serra, não obstante, é o primeiro a reconhecer, no seu citado parecer, que tar tese «é discutida no nosso e outros direitos», citando como defensores da tese contrária à sua, quer o prof. Alberto dos Reis, na sua obra «Títulos ao Portador», quer o prof. Mário de Figueiredo no seu livro «Caracteres Gerais dos Títulos de Crédito» quer o prof. Dias Marques no volume 1.º da sua obra «Prescrição aquisitiva»; e, além disso, no mesmo sentido, numerosa jurisprudência: os acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça de 13 de Novembro de 1934 (na Collecção Oficial 32-260), de 21 de Fevereiro de 1936 (na colecção oficial, 31-61), de 13 de Maio de 1952 (no Boletim Ministério Justiça 31-137), de 11 de Janeiro de 1955 (na revista Legislação e Jurisprudência 88-108) e de 19 de Fevereiro de 1959 (no Boletim Ministério Justiça 92-435).

Mas, como eu dizia a V. Ex.ªs esta tese de que os títulos de crédito, e entre eles as acções das sociedades não são susceptíveis de aquisição por usucapião é a tese do prof. Vaz Serra num parecer que aparece nos autos no ano de 1971.

A verdade é que, anos atrás, sobre a mesma matéria, o sr. prof. Vaz Serra, mostrava-se muito menos seguro da certeza que agora, através do parecer, quis transmitir a V. Ex.ªs.

E se se fôr mais atrás, verifica-se que o sr. prof. Vaz Serra já emitira também opinião absolutamente oposta àquela que veio afinal a fixar no parecer.

Sigamos, portanto, a evolução das opiniões do sr. prof. Vaz Serra a respeito deste problema da susceptibilidade de aquisição dos títulos de crédito por usucapião.

Quando ainda se não tinham começado a suscitar incidentes entre os irmãos Champalimaud, quando Carlos não tinha ainda principiado a tentar alcançar o comando das Empresas, quando se estava ainda muito longe — alguns anos — de levantar o problema do destino das acções providas de Henrique Araújo Sommer, em 1956 — como V. Ex.ªs verificam do Boletim do Ministério da Justiça n.º 61 — o sr. dr. Vaz Serra escrevia: «a equiparação dos títulos ao portador às coisas móveis pode levar a que se lhe aplique também os outros meios de aquisição das coisas móveis.»

«Sendo coisas móveis (os títulos ao portador) parece que em princípio deverão poder adquirir-se pelos vários meios por que se podem adquirir as coisas móveis. Poderiam, deste modo, adquirir-se por usucapião.»

«Em 1968, no Boletim n.º 176 do mês de Maio desse ano, quando estava a concluir-se a instrução preparatória feita pelo inspetor sr. dr. Manuel Fernandes, quando os processos estavam a descer para este Tribunal, o sr. prof. Vaz Serra, pronunciando-se sobre o mesmo problema, equacionava a questão já de forma diferente:

«A questão é de difícil solução e não cabe tratá-la aqui, pois diz respeito aos títulos de

crédito em geral, ou aos títulos ao portador em geral e não só às acções ao portador». Portanto já não mantinha a afirmação que produziu em 1956 no sentido da possibilidade de aquisição por usucapião dos títulos de crédito.

E então, finalmente, em 1971, viria a ser junto aos autos o seu parecer, em que já se pronuncia em tom categórico, no sentido de que os títulos de crédito, e entre eles as acções de sociedades, não são susceptíveis de aquisição por usucapião.

As citações que produziu, de doutrina e Jurisprudência contrária, foram a concessão que fez, naturalmente, previsivelmente, em função das suas anteriores opiniões.

O PIOR MOMENTO E O LOCAL MENOS APROPRIADO

Assim, em face, seja das dúvidas manifestadas pelo prof. Vaz Serra, no Boletim n.º 176, de Maio de 1968, seja da opinião contrária à tese que agora perfilhou nestes autos, e que transcemos do Boletim n.º 61, de Dezembro de 1956, parece-nos que o sr. prof. Vaz Serra escolheu o pior momento, e o local menos apropriado, para firmar a sua nova e actual tese.

Se tantas dúvidas tinha o sr. prof. Vaz Serra, quanto à susceptibilidade ou insusceptibilidade da aquisição dos títulos de crédito por usucapião, não seria, em nosso entender, o local mais próprio para afirmar a tese, (com que concluiu o seu parecer) um processo crime, já recheado de problemas cíveis, um processo crime que não é positivamente a tribuna mais própria para a fixação de teses duvidosas de direito, quando está em jogo a liberdade e a honra dos indivíduos.

Eu poderia apreciar o seu trabalho, na revista de Legislação e Jurisprudência, onde tantos estudos doutrinais tem publicado. Não o posso fazer neste processo crime contra António Champalimaud, e em parecer produzido precisamente na altura mais complexa do julgamento, e depois do sr. prof. Vaz Serra, em dois momentos distintos — antes da abertura dos conflitos entre os irmãos e no momento em que o processo estava a concluir a sua investigação na Polícia Judiciária — ter emitido duas opiniões difereentes, uma em sentido oposto à que agora produziu no processo, outra admitindo já que seria duvidosa a opinião que primeiramente perfilhara.

De resto, a tese que o sr. prof. Vaz Serra acabaria afinal por adoptar, em desfavor do meu constituinte António Champalimaud — nem é a corrente, nem é a mais juridicamente aceitável.

Demonstra-o em profundidade, o sr. prof. Ferrer Correia, no seu outro parecer junto a estes autos em 30 de Abril último, com larga citação da doutrina alemã, de juristas espanhóis, de doutrinadores italianos, de autores franceses, e de doutrina e jurisprudência portuguesas.

E, coisa curiosa, o prof. Ferrer Correia pode até citar o próprio prof. Vaz Serra, na medida em que este inequivocamente aceita que os títulos ao portador são equiparados às coisas móveis (págs. 45 deste parecer do prof. Ferrer Correia).

A nossa tese é, pois, a deste distinto professor, concluindo, como ele, que «a usucapião é um dos modos possíveis de aquisição da propriedade de títulos de crédito».

E esta doutrina, de resto, a que está de acordo com a nossa mais recente jurisprudência, como se decidiu no Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça de 18/12/59, segundo o qual «os títulos de crédito são coisas

móveis, susceptíveis de posse e apropriação, por isso, de aquisição por prescrição», (No Boletim Ministério da Justiça 92 435).

Arredado este primeiro obstáculo, trazido aos autos pelo prof. Vaz Serra, posso reatar o fio exacto do problema, reafirmando a tese de que, se as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, se antes não fossem já proprietárias legítimas das acções providas de Henrique Araújo Sommer, tê-las-iam adquirido por usucapião, após a morte dele.

O prof. Ferrer Correia, no claro, exaustivo e documentado parecer junto aos autos, demonstra, mais do que com a sua autoridade de professor, com a sua qualidade de invulgar Jurista, que os actos praticados pelas duas senhoras integram, na verdade, os dois elementos da posse — o *corpus* e o *animus* — os dois elementos necessários à aquisição da propriedade das acções pela via da usucapião.

Mais adiante, e ainda a propósito do mesmo tema, prosseguiu o dr. Palma Carlos:

Ajuvante apenas que a usufruição de todas as acções em causa pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, foi reconhecida, até pelos próprios queixosos, no pedido de partilha adicional, que deduziram no processo de inventário por óbito de Henrique Sommer em 8 de Novembro de 1958.

Esse pedido, encontram-no V. Ex.ªs certificado nos autos, e, pela sua leitura, podem V. Ex.ªs na realidade constatar que:

«Os aqui assistentes ali expressamente reconhecem que António Champalimaud entregava às senhoras suas tias os dividendos das acções que haviam sido de Henrique Araújo Sommer».

«Os mesmos aqui assistentes expressamente protestavam não reclamar os dividendos vindendos, continuando portanto a entregá-los às senhoras suas tias, caso não fosse deduzida oposição ao pedido de partilha adicional que formulavam através do seu referido requerimento».

Mas, se merecessem crédito as afirmações dos assistentes — de que a propriedade dos títulos era dos herdeiros de Henrique Sommer, e só usufruto das senhoras (afirmações dos assistentes puramente gratuitas, não acompanhadas, nem alicerçadas em quaisquer meios de prova), teriam as senhoras, pelo menos, adquirido, por usucapião, o usufruto das acções.

E a aquisição pelas senhoras, fosse da própria propriedade das acções, fosse do simples usufruto delas, por usucapião, — conduziria sempre, no caso concreto destes autos crimes a uma mesma e idêntica conclusão: a de que António Champalimaud, quando houvesse de restituir as acções, era exactamente a suas tias, e só a elas, que podia restitui-las.

Restituía-lhes, ou na qualidade de proprietárias (se a usucapião fosse da própria propriedade) ou na de usufrutuárias, se a aquisição fosse de mero usufruto.

Havendo, e devendo, que fazer entrega das acções a D. Maria Luísa e D. Albana, — a quem nunca António Champalimaud podia entregá-las, era a seus irmãos.

Isto, esta circunstância, esta conclusão incontroversa, conduziria sempre ao mesmo afundamento da acusação.

O Excelentíssimo Adjunto do Procurador da República, nas suas alegações finais, alegações em que a dignidade se aliou ao saber — não desejou tomar, e efectivamente não tomou, posição definida, quanto a este problema de usucapião das acções, por parte da senhora D. Maria Luísa e da senhora D. Albana.

Entendeu que era um problema que embora sobre o mesmo se tivesse debruçado, era demasiado vasto para ser tratado numas alegações orais, em processo, socri-me.

O distinto Adjunto do Procurador da República entretanto, aceitando, como das suas alegações resultou, a realidade da matéria de facto, alegada na contestação de António Champalimaud, em relação aos actos de apropriação das acções, praticados pela sr.ª D. Maria Luísa e pela sr.ª D. Albana, — aceitaria implicitamente a tese que eu estou sustentando, e embora tenha ainda feito referência a outra objecção apresentada pelo prof. Vaz Serra, no seu parecer junto ao processo.

AINDA O PARECER DO PROF. VAZ SERRA

É que o prof. Vaz Serra, para assumir uma posição oposta à do prof. Ferrer Correia, teve de partir de um pressuposto, cuja autenticidade os autos desmentem: o de que os factos expostos na consulta não mostram clara e inequivocamente que as irmãs de Henrique Sommer tivessem tido a posse das acções.

Sua Excelência entendeu, na verdade que os actos de apropriação que eu descrevi, e cujo descritivo tanto o Exm.º representante do Ministério Público, como o próprio ilustre advogado da acusação particular aceitaram ser exacto — traduziriam, não a prática de actos materiais exercidos sobre as acções, mas constituiriam simples actos jurídicos, que não caracterizam a posse.

Eu poderia alongar-me, ao repetir, a crítica que incidentalmente já produzi, à citada afirmação do sr. prof. Vaz Serra.

Mas isso seria fazer perder o tempo de V. Ex.ªs, — e o meu próprio.

Limitar-me-ei, por isso, neste momento, a apreciar a sua afirmação, sobre um outro prisma.

E esse é o de que, uma afirmação do teor da que o sr. prof. Vaz Serra produziu, não podia ter cabimento num processo penal.

Sua E.ª ignorava provavelmente que o seu parecer se destinava a instruir uma acusação criminal.

Porque, caso contrário, e mesmo não sendo um penalista, e tão somente o conceituado civilista que é, — não se teria certamente aliado de algumas regras elementares, pertinentes ao ónus da prova em processo penal. A regra do benefício da dúvida a favor do acusado; a regra de que é a acusação que cumpre fazer prova dos factos imputados.

Não basta, pois, dizer, como fez o prof. Vaz Serra que «os factos expostos na consulta não mostram clara e inequivocamente que as irmãs de Henrique Sommer tivessem tido a posse das acções».

Para um processo penal, haveria de afirmar ou poder afirmar-se que «os factos expostos na consulta mostram clara e inequivocamente que as irmãs de Henrique Sommer não tiveram a posse das acções».

De outro modo, é inverter a regra do benefício da dúvida; é inverter uma regra elementar do Processo Penal.

E querer beneficiar os queixosos e não o arguido, do benefício da dúvida, que só a este pode aproveitar.

Em relação a um mesmo problema jurídico, permite-me inquirir se poderá depender a sorte de um réu num processo penal, da variabilidade de posições doutrinais, como aquelas que V. Exas traduziram.

No caso concreto, porém, a equacionação da dúvida, nem sequer merece ter lugar.

E que a posição assumida pelo prof. Vaz Serra, mostra-se afastada da mais comezinha rea-

lidade.

A aceitar-se a peregrina tese de que para que alguém exerça a posse sobre acções de sociedades, é necessário a prática de actos materiais que tenham por objecto as acções possuídas ou a possuir, então teremos que muito raramente os proprietários de títulos exercem sobre eles a respectiva posse.

E que, como é de conhecimento elementar, como é do conhecimento normal, do conhecimento de todas as pessoas que alguma vez foram proprietárias de títulos, estes não são obviamente objectos de uso pessoal!

A generalidade das pessoas que são proprietárias de títulos, podem nem chegar jamais a vê-los ou a tocá-los. — eles, os títulos, os papéis, são comprados através dos bancos, são por estes guardados, são estes que cobram os respectivos dividendos, que concorrem a novas emissões, etc., etc.

Erradamente os donos de títulos, os mantêm nas gavetas ou nos cofres de suas casas.

Acerca deste ponto, também o sr. prof. Ferrer Correia, com a clareza e o senso das realidades que, a unanimemente, se lhe reconhece, pronunciou-se em termos decisivos, no seu último parecer junto aos autos.

Após ter feito várias citações do prof. Ferrer Correia, o dr. Palma Carlos, concluiu a análise desta questão, afirmando:

Firmo, pois, e em definitivo, a conclusão — que espero seja também a de V. Ex.ªs — de que não procedem de modo algum as dúvidas suscitadas no parecer do sr. prof. Vaz Serra, e que, pelo contrário, se apresenta nítido, claro e irrefutável, que as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana adquiriram a propriedade das acções que são objecto da pronúncia, através da usucapião, mesmo que se viesse a considerar não a terem adquirido por doação do próprio Henrique Sommer.

«Bastaria, para julgar este processo, pôr num prato da balança a personalidade dos assistentes, e no outro, o das senhoras suas tias.»

Entretanto, não posso, snrs. Juizes, terminar as considerações que venho formulando acerca desta problemática, sem deixar de me referir a uma outra dúvida que neste julgamento veio a ser apresentada, tanto pelo distinto magistrado do Ministério Público como pelo ilustre advogado dos assistentes.

Trata-se das declarações prestadas pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana no decurso da instrução preparatória, as quais foram objecto de largos comentários do sr. Dr. Eridano de Abreu — comentários de que abertamente discordo, por inteiramente inadequados e injustificados.

A referencição dessa matéria, a reconstituição do quadro em que ela se processou, não deixa, aliás, de oferecer interesse.

É que bastaria, snrs. Juizes, — posso dizê-lo — bastaria, para julgar este processo, pôr num prato da balança a personalidade dos assistentes, e, no outro, o das senhoras suas tias.

Os assistentes traçaram aqui neste julgamento — eles próprios — os retratos das suas personalidades em termos tais, que me levaram a pasmar quando o meu ilustre colega dr. Eridano de Abreu se referiu a pretensas contradições verificadas em declarações prestadas pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana.

E foi na presença do assistente Carlos Champalimaud, que tranquilamente lia uma revista, sentado no seu lugar habitual, que o dr. Palma Carlos, assim inequivocou o procedimento deste:

«Então o sr. Carlos Champalimaud que ao longo de todo o processo, com um à vontade

que apenas pode explicar-se pela anomalia mental que lhe foi detectada através dos relatórios psiquiátricos juntos aos autos, que ao longo de todo o processo fez variar constante e desavergonhadamente as suas infundadas e caluniosas queixas contra António Champalimaud:

«Então o sr. Carlos Champalimaud, que mente concretamente nos mais diversos pontos do processo, e sobre todos e todos os factos, como já tive oportunidade de evidenciar a V. Ex.ªs.

«O sr. Carlos Champalimaud, que não obstante a sua idade, a sua prática dos negócios, as elevadas funções que exerceu em importantes sociedades, não hesitou em constantemente invocar perante V. Ex.ªs a sua ingenuidade, a sua candura, a sua confiança cega e ilimitada no seu irmão António, tudo para se irresponsabilizar pelos actos que ao longo dos anos foi praticando, e que deixaram marcas históricas da realidade que ele pretende ocultar;

«Então o sr. Carlos Champalimaud, que disse ter assinado escrituras sem consciência alguma do seu conteúdo, que disse não conhecer os seus bens, porque era o irmão António que de tudo tratava, que disse não ter tido conhecimento de uma conta conjunta aberta em seu nome em 1953 no Banco Nacional Ultramarino, e que expressou a propósito dos mais diversos assuntos a sua total incapacidade de compreensão;

«O sr. Carlos Champalimaud que não hesitou — ele, detentor de uma desconfiança mórbida assinalada nos pareceres psiquiátricos que já referi — que não hesitou em atribuir à Polícia Judiciária a falsificação de um auto de declarações, apenas para se irresponsabilizar de afirmações por ele produzidas e que nesse auto se achavam consignadas.

«E ele, este senhor Carlos Champalimaud, que vem apontar, através do seu ilustre advogado, umas aparentes hesitações ou inexactidões das declarações das senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, fazendo delas o espalhafato que aqui se viu!

O senhor Carlos Champalimaud em vez de andar a vislumbrar, com uma lupa, contradições (algumas só existentes na sua pobre cabeça), melhor faria, o sr. Carlos Champalimaud, em vez disso, se ocupasse o seu tempo, poupando o nosso, a esclarecer as suas constantes e incríveis contradições que pululam nos autos!

CERTO TIPO DE EXPLICAÇÕES...

E com que autoridade se poderia permitir também, a assistente sr.ª D. Maria Ana, de fazer comentários às hesitações bem compreensivas das sr.ªs suas tias?

Ao contrário da sr.ª D. Maria Ana, suas tias nem sequer alegaram a ignorância feminina ou o desconhecimento dos negócios, ou a sua avançada idade, para se eximirem a prestar declarações que as suas consciências lhes impuseram.

E nem sequer é preciso, snrs. Juizes, para explicar as declarações das sr.ªs D. Maria Luísa e D. Albana, vir alegar que os inspectores da Polícia lhes mudaram o sentido, como aqui, nesta audiência, o fez a assistente D. Maria Ana.

Nem é preciso ainda, para explicar e compreender as declarações das mesmas sr.ªs D. Maria Luísa e D. Albana recorrer às desculpas invocadas pela sr.ª D. Maria Isabel Brazão Sommer, de que o sr. Inspetor dr. Araújo e Sá começou aos muros na mesa e acabou por mudar o sentido das suas afirmações.

Não! Não é necessário recorrer a tal tipo de explicações, porque também a sr.ª D. Maria Luísa e a sr.ª D. Albana, não



A CIDADE AO VENTO

Na madrugada de sexta-feira, um pequeno tornado, acompanhado de forte aguaceiro, atingindo a velocidade dos 75 quilómetros por hora, fez-se sentir, com alguma violência, na cidade de Lisboa, causando avultados prejuízos. As rajadas sopraram com maior violência em algumas zonas da parte da cidade, Pena, Penha de França, Bairro Alto, Almirante Reis, e as batedas de chuva causaram inundações num ou noutro ponto de Lisboa, sendo, em muitos casos, necessário o concurso das corporações de bombeiros.

A intensidade do temporal varreu telhados e coberturas, derrubou postes e árvores. O Palácio Foz, por exemplo, sofreu importantes estragos, tendo ficado em grande parte destelhado, o que afectou diversas secções da secretaria ali

instalada, cuja falta de cobertura foi agravada pelas águas da chuva. A zona ribeirinha foi também bastante atingida, nomeadamente no porto de Lisboa. Aí, mais precisamente perto do cais da Companhia Insulana de Navegação, a forte ventania fez voltar-se um guindaste de grande porte que foi cair sobre um transformador eléctrico e uma camioneta carregada de sacos com enxofre. Um curto-circuito originado pelo embate do braço do guindaste incendiou parte da mercadoria do veículo. Registraram-se ainda outros estragos nas instalações portuárias. Os espaços arborizados da cidade foram naturalmente afectados pela ventania que lhes arrancou árvores e destruiu plantas. Passado o temporal, a fisionomia triste dos parques amanheceu com uma Lisboa desarrumada de detritos.



A SEMANA

UM NOVO ORGÃO

Realiza-se amanhã à noite, o primeiro concerto no órgão setecentista da Capela da Universidade de Coimbra, após o restauro a que foi submetido na Holanda, por iniciativa da Fundação Gulbenkian, no âmbito do seu Plano de Ressurgimento da Cultura Organística em Portugal.

Será solista deste concerto o organista Klaas Bolt, um dos mais notáveis intérpretes holandeses deste instrumento, designadamente no que respeita à música do séc. XVIII. Titular, desde 1953, do cargo de organista da Igreja de S. Bavo em Haarlem, Klaas Bolt é actualmente também professor do Conservatório Municipal daquela cidade. Em 1956 e 1957 obteve o Primeiro Prémio do Concurso Internacional de Improvisação de Haarlem. Tem dado grande número de concertos e realizado frequentemente gravações nos principais órgãos antigos holandeses. Klaas Bolt é membro da Comissão de Órgãos da Igreja Reformada Holandesa, que exerce oficialmente funções consultivas em matéria de restauro de órgãos históricos e construção de novos órgãos naquele país.

TROCA DE INSÍGNIAS

Enquanto o Conselho de Ministros aprovou o decreto-lei que concede ao presidente Médico, do Brasil, o grande colar da Torre e Espada, reservada apenas aos Chefes do Estado de Portugal, o Congresso brasileiro aprecia um pedido daquele presidente onde se propõe a entrega ao almirante Américo Tomás outro colar, o da Ordem Nacional do Mérito, igualmente privativo dos Chefes do Estado do «país irmão».

O chefe do Governo brasileiro desloca-se ao nosso País, em visita oficial, no próximo dia 14, prolongando-se a sua estadia até dia 18, estando programadas visitas ao Porto, Guimarães, Santarém e, principalmente, Lisboa.

CLAPARÊDE

No Centro de Investigação Pedagógica, da Fundação Calouste Gulbenkian, inaugura-se amanhã, pelas 18 e 30, com o patrocínio da Embaixada da Suíça e da dita Fundação, a Exposição Edouard Claparède. Sobre a vida e a obra deste pedagogo, o prof. Robert Dottrens, da Universidade de Genebra, fará uma conferência, a partir, à noite, no Auditório n.º 2 da sede da Fundação.

A MISSE

Para meninas de «corpinho bem feito», para um poeta publicista, para bem de algumas empresas e indústrias, com o amparo de várias entidades oficiais e particulares, lá passou mais um «taco-a-taco» entre medidas de busto-cintura-ancas e pouca imaginação, o

concurso da «Miss» Portugal. Desfilaram trajos falsamente populares, fatos de luxo, as aspirações das concorrentes, os seus ídolos preferidos, na passarela do Casino Estoril via câmaras da R.T.P., sem os aplausos de nenhuma multidão. Para a misse mais misse, entre outras benesses, uma viagem pelo Mundo, que, se não for muito guiada, talvez lhe venha a mostrar a real relevância daquilo que a premiou. Segundo uma das concorrentes, é possível que para o ano já não se repita.

DESMENTIDO DE KAULZA DE ARRIAGA

BEIRA, 5 — Em virtude de uma notícia telegráfica da "France-Press", proveniente de Blantyre, segundo a qual se teriam registado reencontros entre as forças militares portuguesas e forças da ordem do Malawi, após os nossos militares terem atravessado a fronteira, notícia largamente divulgada por outras agências noticiosas estrangeiras, jornais e emissoras internacionais, incluindo a África do Sul e a Rodésia, o general Kaulza de Arriaga, comandante-chefe das forças armadas em Moçambique, em passagem pela Beira, afirmou:

«Já tenho conhecimento desta atoarda que só confirma a irresponsabilidade ou má fé com que certas notícias são propaladas e difundidas. É tudo uma completa mentira, fruto da imaginação de algum louco ou produto da perfídia de alguém. Hoje mesmo será distribuído um comunicado oficial de categórico desmentido».

O consulado do Malawi em Moçambique afirmou que tem estado em contacto com Blantyre e tudo ali desconhece sobre tais incidentes. — (L.)

CONCURSO

São em número de vinte as colectividades de recreio inscrito no concurso de teatro amador que a S.E.I.T. voltou, este ano a realizar. As provas finais estão marcadas para Junho, em Setúbal.

JORNALISTA LIBERTO

Com destino a Londres, passou pelo aeroporto da Portela, o jornalista Peter Niesewand, finalmente libertado pelo Governo da Rodésia. Niesewand, que se encontrava preso desde 20 de Fevereiro, fora acusado pelas autoridades rodésianas de infracção à lei dos segredos oficiais da Rodésia. Para conseguir a sua libertação, o jornalista teve de se comprometer a não fazer comentários sobre o seu processo judicial, nem sobre a situação militar daquele país.



O PRINCIPAL FORNECEDOR

A metrópole voltou a ser em 1972 o principal fornecedor do mercado angolano, apesar de este Estado, ter comprado menos 1 347 000 contos de mercadorias do que em 1971. No ano passado, Angola adquiriu à metrópole mercadorias no valor de 2 485 000 contos.

Com fornecimentos avaliados em 1 364 000 contos, os Estados Unidos foram o principal abastecedor estrangeiro, seguidos, muito de perto, pela República Federal Alemã, país a que Angola comprou mercadorias no valor de 1 320 282 contos.

Os principais produtos colocados pela metrópole no mercado angolano, durante 1972, foram os seguintes: vinhos comuns, 291 686 contos, produtos farmacêuticos, 137 068, te-

cidos de algodão, 17 852, ferro ou aço em obra, 92 624, tecidos de fibra artificiais descontinuas, 54 462, medicamentos, 82 106, livros e impressos, 44 989, adubos, 49 137, leite e natas, 40 254, vidros em chapas e em obras, 36 950, vestuário e roupa interior em algodão, 30 047, vestuário e roupa interior em seda, 22 852, ferramentas 18 111, frutas, 15 899, utensílios de uso doméstico, 14 125, automóveis para transporte de pessoas e jeeps, 12 007, bombas, motobombas, etc. 11 755, automóveis mistos, não carroçados, 11 094, bacalhau seco 6 815, peças e acessórios autos, 2 745, papel para jornais 704, tractores, 699, máquinas escavadoras, 510, e outras mercadorias, 1 455 516 contos.

Chassagne — Chefe do Serviço de Curioterapia, «Problemas Radioterápicos nos Cancros da Esfera Otorrinolaringológica»; 11 e 30 — dr. H. Prade — Chefe do Departamento de Anatomia Patológica, «Exames Histológicos Extemporâneos dos Tumores Cutâneos»; 21.30 — dr. Guy Michel — Assistente-cirurgião, «Indicações e Resultados das Excentrações Pélvicas no Cancro do Colo»; 22 e 15 — dr. Jean Lacour — Chefe do Serviço de Cirurgia, «Indicações Terapêuticas e Prognóstico dos Cancros Tireóides»; e 23 horas — dr. J.P. Wolff — Chefe do Serviço de Ginecologia «Epitelioma do Colo Restante».

RODIN A OUTRAS HORAS

Devido ao avultado número de visitantes que tem registado — 40 000 até à passada quinta-feira — a exposição Rodin, patente nas galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, passou a ter novos horários, a partir de hoje. Assim, de terça-feira a domingo, a exposição abrirá às 10 e 30 e encerrará às 20 horas. O dia de encerramento semanal é à segunda-feira. A exposição encerrará definitivamente no dia 10.

VIGILÂNCIA A TENTA

No seu recente encontro com o seu colega espanhol, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício afirmou a dada altura:

«O mundo atravessa, na verdade, uma época em que são postos em causa valores que deveriam constituir guia segura das atitudes e posições dos Estados e fundamento da ordem interna e internacional. Enfrentamos uma ofensiva que procura minar os espíritos e as bases das sociedades. Nada revela melhor alteração e parcialidade dos tempos em que vivemos do que o tratamento que tem recebido em certas esferas internacionais essas acções condenáveis e odiosas, comandadas e organizadas, que são o terrorismo internacional, e que hoje se estendem a todos os continentes e vitimam indiscriminadamente pessoas e bens. Só uma vigilância atenta dos Governos e a adopção de medidas internacionais eficazes e aplicáveis em todas as circunstâncias e em todos os casos, poderão conter a violência e dar às sociedades modernas as condições de paz e de segurança de que necessitam para o trabalho quotidiano e o progresso dos seus povos.

A terminar, o dr. Rui Patrício referiu os dois acontecimentos que, segundo ele, «deram um novo impulso às relações lus-espanholas»:

Em 1972 completaram-se quatro séculos da primeira publicação de «Os Lusíadas», esse poema épico que nem por ser português na sua origem deixa de pertencer ao património literário da Humanidade. A Espanha quis também participar nas celebrações da publicação de uma obra que tanta influência exerceu no pensamento lírico espanhol e da Espanha recebeu também inspiração.

E, além deste: «Terminou há dias em Barcelona a Semana Portuguesa. Estelona ainda recordados do que foi a Semana Espanhola em Portugal, magnífica representação das artes das letras, da música e do folclore espanhol na sua expressão autêntica e actual. Também se pretendia que a Semana Portuguesa na Catalunha constituísse uma afirmação do Portugal.

O AUMENTO DAS RENDAS



A posição tomada pelo «DL» em relação ao problema do aumento de rendas de casa está a provocar inúmeras reacções de apoio, da parte dos leitores. Uma delas, por exemplo, é a que nos enviou o sr. José Lucas dos Anjos Gomes e que passamos a transcrever:

«Como se não bastassem já os sobressaltos e tragédias familiares, derivados das ch cantantes demolições de bons e sólidos (os tugúrios continuam) prédios de rendas antigas, para reconstruir — processo com que os senhorios têm conseguido desalojar os incómodos inquilinos e fazer negócios e fortunas, mercê unicamente de estonteantes e enganosas indemnizações — mais uma gravíssima ameaça paira agora sobre a já tão débil tranquilidade das nossas progressivas, electrónicas e agitadas vidas! Sobre a mais fundamental base da «respeitada» e «protegida» estabilidade dos lares — a nossa casa!

Em toda a parte do mundo, as leis aplicáveis têm salvaguardado cuidadosamente, religiosamente, esta vital estabilidade, que até os animais defendem com os maiores encarnecimento e ciosidade.

E também aqui, até aqui — antes, até à já um pouco atenta-tória lei 2 030 — assim foi sempre, sem transtorno social ou económico algum.

Antes ainda — muito melhor para o inquilino e muito pior para o senhorio (que nem por isso deixava de existir) do que já é hoje, mesmo sem as auspiciosas perspectivas desta alarmante ameaça para a sobrevivência daqueles e de maior fortuna para estes. Tanto que o alcance de residência, mesmo na capital e até nos mais convenientes locais dela, não constituía ao tempo dificuldade ou problema alguns para ninguém.

Com efeito, a renda da casa, então, em nada abalava nem incomodava sequer os orçamentos do inquilinato, fosse de que nível fosse.

E se o preço da feitura ou compra e do arranjo, limpeza e pintura (também então muito mais cuidadosos e periódicos) e das contribuições dos prédios, eram nesse tempo insignificantes, como se invoca para justificar o atentado, menos insignificantes não eram os ordenados, e mais insignifi-

cantes ainda teriam que ser fatalmente as rendas, já que tão facilmente suportadas eram — muito ao contrário de hoje.

E nem por isso, nem por saber-se — ao herdar, fazer ou comprar um prédio — que o senhorio, ao arrendar, por livre vontade e recíproca conveniência, as casas, fazia um autêntico contrato, pelo qual perde o direito a elas e o de desalojar o arrendatário e aumentar as rendas, nos conhecidos e claros termos da lei — escasseavam, e muito pelo contrário, as habitações e quem preferisse e preferia mesmo assim, euforicamente até, esta segura aplicação de capitais e o rendosíssimo negócio da «construção».

De resto, e tal como em todos os demais contratos, nunca poderão ofender-se e desrespeitar-se assim tão simplesmente as imutáveis regras contratuais legais; nunca poderá alterar-se ou desfazer-se por este modo e por vontade unilateral, um negócio, imprevisivelmente bom ou mau e bem conhecidamente regulado por lei expressa, como é inconteste-mente um contrato de arrendamento!

Para mais, no caso, negócio sempre só mau para quem não possui ou vendeu prédios, uma vez que estes, e mais exactamente os de rendas baixas (na base e de rendimento das quais foram adquiridos) se têm valorizado desmesuradamente, mesmo sem o gordo inespereado presente, com que também nunca contou o vendedor, dos pretendidos aumentos (sim, que nem se trata de um aumento, mas sim de aumentos que não mais param) ou do falecimento de algum velho, solitário e estorvante inquilino — valorização que um actual felizado adquirente, por mais recente, não será obrigado a repartir com o infeliz vendedor, por mais difícil que seja a situação em que ficou. Aqui já todos dirão: negócios são negócios; tenha paciência, não vendesse... Como agora deveria dizer-se: não tivesse arrendado....

Por outro lado, a simples posse de um prédio — por vezes herdado e adquirido, pois, sem custo algum, ou adquirido em pechincha ou por justo preço que seja, sempre evidentemente, com base, como se

disse, nas rendas, na imutabilidade das mesmas, estabelecida por leis vigentes de todos concedidas — não pode dar ao proprietário o direito de ter que viver, forçosamente, parasitariamente, exclusivamente, à custa do rendimento dele — que pode, de qualquer modo, nunca ser bastante — uma vez que lhe está vedado o acesso aos outros meios de vida, de que têm que viver e socorrer-se, os que o não possuem.

E quanto ao grande pretexto das enormes e caríssimas despesas de arranjo, limpeza e pinturas, todos sabem e veem, que nunca os prédios andaram tão desarranjados e despintados. Todos sabem que os senhorios, até os de rendas e prédios modernos, quanto mais os de rendas antigas, nada fazem, nem limpam nem pintam, por vezes há dezenas e dezenas de anos, e antes, quanto a estes, deliberadamente cultivam a ruína e incomodidade deles, e disso se servem como meio de pressionar os inquilinos e de justificar as demolições permissoras das mais altas negociações, indiferentemente às mais prementes necessidades, perigos e súplicas, e a todas as leis sanitárias e camarárias — que também nada podem contra a provocada e agora já insanável crise de pedreiros, de pintores, canalizadores, serventes, trabalhadores e tro-lhas.

A não ser a quando da sorte grande (que lhes sai frequentemente) representada pela desejada morte de algum indesejável ocupante sem substituto legal, que assim presenteia o senhorio com a valorização de muitos milhares de escudos, permitindo-lhe a obtenção, através da mais livre especulação, de uma nova renda, tão exorbitante como a de um prédio feito agora, com o enorme custo de agora, só para o que não existe tabelamento algum!

Também quanto ao outro invocado grande pretexto das volumosas contribuições, há que esclarecer que estas constam de uma percentagem (de quase metade da contribuição industrial, por exemplo) incidente sobre o rendimento do prédio, pelo que só são volumosas, se volumoso for esse rendimento.

BALANÇO DE UM SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA

Decorreu no meio do maior interesse por parte dos 53 participantes portugueses e estrangeiros o SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA, através do Centro de Investigação Pedagógica do Instituto Gulbenkian de Ciência.

O Prof. Culioli, da Universidade de Paris VII, concluiu o tema da sua comunicação sobre «Linguagem e Linguas», em que intervieram os profs. Bresson e Grize. Presidiu ao encerramento do Seminário de Linguística o sr. eng.º Luis de Guimarães, administrador da Fundação Gulbenkian e encontravam-se presentes, além de todos os participantes do Seminário, os srs. Drs. Ribeiro dos Santos e Alberto Martins de Carvalho, respectivamente directores do Serviço de Ciência e do Centro de Investigação Pedagógica e Dr. Breda Simões, sub-director daquele centro.

Usou em primeiro lugar da palavra a sr.ª Dr.ª Maria Helena Mira Mateus, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, que apresentou um balanço do Seminário nos seus aspectos positivos e se referiu aos objectivos alcançados e aos aspectos a conseguir em futuras organizações do mesmo tipo, tendo em vista a finalidade central, que prevê ser a iniciação ou actualização e reciclagem dos professores do ensino básico e secundário.

Falou depois o prof. Lindley Cintra, professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, que apresentou algumas propostas e sugestões, que correspondem ao desejo de que a vitalização de interesses e a sensibilização para certos problemas que se conseguiram e que sejam prolongadas por meio de novas actividades com carácter permanente através de alguns grupos de trabalho para os quais se espera o apoio do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian, independentemente da realização de Cursos de actualização que corresponderiam a retomar esta iniciativa, embora em forma mais adaptada às necessidades actuais da preparação do docente.

O Prof. Lindley Cintra sugeriu que haja não propriamente seminários mas um ou mais Cursos de Actualização de professores em linguística.

Agradecdu também a colaboração prestada pela Fundação Gulbenkian, e teve palavras de muito apreço para os professores franceses Bresson, Grize e Culioli, que se deslocaram a Lisboa para colaborar no Seminário assim como ao Centro de Investigação Pedagógica e aos organizadores dos trabalhos em especial ao seu director e à dra. Dulce Rebelo e ao dr. Rogério Fernandes, do C. I. P.

Depois de ter proferido algumas breves palavras o prof. Grize em seu nome e no dos seus colegas agradeceu a colaboração da Fundação e a honra que haviam tido por estar presentes no Seminário de Linguística. O eng.º Guimarães Lobato, em seu nome pessoal e no do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian encerrou os trabalhos do Seminário de Linguística.

Referindo-se às palavras do Prof. Lindley Cintra disse que a Administração da Fundação estudará e procurará apoiar as propostas apresentadas.

Terminou afirmando esperar que em face do que se realizara com o Seminário, através de colaboração tão benéfica e prestante por parte dos professores universitários, essa colaboração se reflecta no futuro da educação do país.

No auditório dois da Fundação Gulbenkian e integrada nas comemorações do Centenário de Eduardo Claparède, o prof. suíço e pedagogo Robert Dotrens, da Universidade de Genebra, proferiu amanhã às 21 e 30, uma conferência sobre «A Vida e a obra de Claparède».

O conferencista será apresentado pela sr.ª Dr.ª Maria Irene Leite da Costa. De tarde será inaugurada no Centro de Investigação Pedagógica, na Avenida de Berna, 56-4.º, uma exposição bibliográfica de Eduardo Claparède.

PALESTRAS SOBRE CANCEROLOGIA

A direcção e o Serviço de Radioterapia do Centro de Lisboa do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, promovem uma pequena série de conferências a cargo de manobras do Instituto Gustavo Roussy de Villejuif.

As conferências, seguidas de discussão, abordando temas palpitantes e actuais da

Oncologia, têm o êxito assegurado pela participação dos preletores, e realizam-se amanhã, com o seguinte programa: 9 horas — Sra. Wolff, Chefe do Serviço de documentação científica, «Problemas de Informática»; 9 e 45 — Sra. Lacour, «Imunologia dos Cancros marmários» (dos Ratinhos e dos Homens); 10 e 45 — prof.

SETENTA MIL PRÉDIOS EM LISBOA COM OS MICRÓBIOS EM CASA

Os tubos de descarga de lixo que são utilizados nos prédios novos como um meio tido por muito higiénico são afinal responsáveis pela propagação em larga escala de doenças contagiosas. O alarme vem de Paris, onde se apurou que doentes habitando em andares diferentes em prédios com esses tubos, foram hospitalizados com algumas semanas de intervalo com doenças de germes idênticos aos encontrados nos tubos de descarga, nomeadamente o colibacilo, o estafilococos, as salmonelas etc... que penetram com facilidade nas cozinhas.

Não são já, só os vazados de lixo, manhas inteiras (quando não dias) à espera de despejo, que

contribuem para a proliferação das doenças contagiosas. No entanto entre nós não existe qualquer conhecimento dos malefícios provocados pelo sistema dos tubos de descarga, conforme nos informaram nos Serviços de Engenharia Sanitária da Direcção Geral de Saúde.

Existem actualmente uns 70 mil prédios em Lisboa em que os detritos são lançados em comportas hermeticamente fechadas na cozinha e ligados a receptáculos, onde através duma conduta vertical, caem os lixos domésticos. Este sistema está também montado em vários hospitais. Acontece que os materiais das paredes interiores das tubagens, constituídos por fibrocimentos, são um meio nutritivo ideal para o desenvolvimento dos micróbios que estarão na origem de doenças infecciosas.

HOSPITAIS COM ESTUFA DE MICRÓBIOS

Podemos por exemplo citar o caso de uma clínica moderna onde se verificava uma maior quantidade de infecções post-operatórias do que nos hospitais. Verificou-se depois que a boca de arejamento da clínica estava perto da tubagem de descarga do lixo.

Isto é citado nas conclusões a que chegou o «Centro de Estudos e de investigações de Higi-

ne Aplicada, de Paris, que por outro lado acentua a subsistência dos germes nas tubagens e apesar das desinfecções anuais obrigatórias.

O último Documento de Homologação, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil que define as características e estabelece as condições de emprego das condutas «Sanilar» para a evacuação dos lixos domésticos elaborado há vários anos, já considerava que é de recomendar que os lixos húmidos ou gordurosos não sejam lançados nas condutas sem serem previamente embrulhados em papel forte, para assim evitar

a formação de resíduos». Mas quem faz ao menos isto?

E que dizer da questão das revisões da tubagem que não se processam adequadamente, nem a da limpeza do interior das condutas a qual segundo a citada homologação se deveria realizar ao menos uma vez por mês?

SISTEMA DE RECIPIENTES COLECTIVOS EM LISBOA

O problema dos lixos da cidade e dos arredores arrasta-se assim como mais um motivo para preocupação. Embora

não pelas razões apontadas em desfavor dos tubos de descarga, prevê-se que no começo do próximo ano será montado um sistema de recipientes colectivos em toda a cintura da antiga cidade, a saber, Estrela, Campo de Ourique, Campolide, Avenidas Novas, Estefânia e Almirante Reis. Segundo informação do Serviço de Salubridade e Transportes, o novo processo de limpeza nas zonas citadas far-se-á mediante a iniciativa dos particulares que irão fazer os despejos em recipientes colectivos situados em locais estratégicos.



Caixa Nacional de Pensões

Av. da República, n.º 102 — Lisboa

CONCURSO PÚBLICO PARA LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA RUA JOSÉ DURO, N.º 1, EM ALVALADE — LISBOA

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às doze horas do dia 21/5/73, para realização das obras mencionadas, que constam de um caderno de encargos, que se acha patente nas horas normais de expediente, na Av. de Berna, n.º 13-3.º, em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 22 do mesmo mês, pelas 16 horas.

Lisboa, 1 de Maio de 1973

A DIRECÇÃO

Caixa Nacional de Pensões

Av. da República, n.º 102 — Lisboa

CONCURSO PARA LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA RUA ENGENHEIRO JOSÉ JÚLIO MACIEL CHAVES, N.º 9 E N.º 11 NO BARREIRO

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às doze horas do dia 21/5/73, para realização das obras mencionadas, que constam de um caderno de encargos, que se acha patente nas horas normais de expediente, na Av. de Berna, n.º 13-3.º, em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 22 do mesmo mês, pelas 16 h e 30 m.

Lisboa, 1 de Maio de 1973

A DIRECÇÃO

Caixa Nacional de Pensões

Av. da República, n.º 102 — Lisboa

CONCURSO PÚBLICO PARA LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA AVENIDA RIO DE JANEIRO, N.º 9, ALVALADE — LISBOA

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às doze horas do dia 21/5/73, para realização das obras mencionadas, que constam de um caderno de encargos, que se acha patente nas horas normais de expediente, na Av. de Berna, n.º 13-3.º, em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 22 do mesmo mês, pelas 15 horas e 30 minutos.

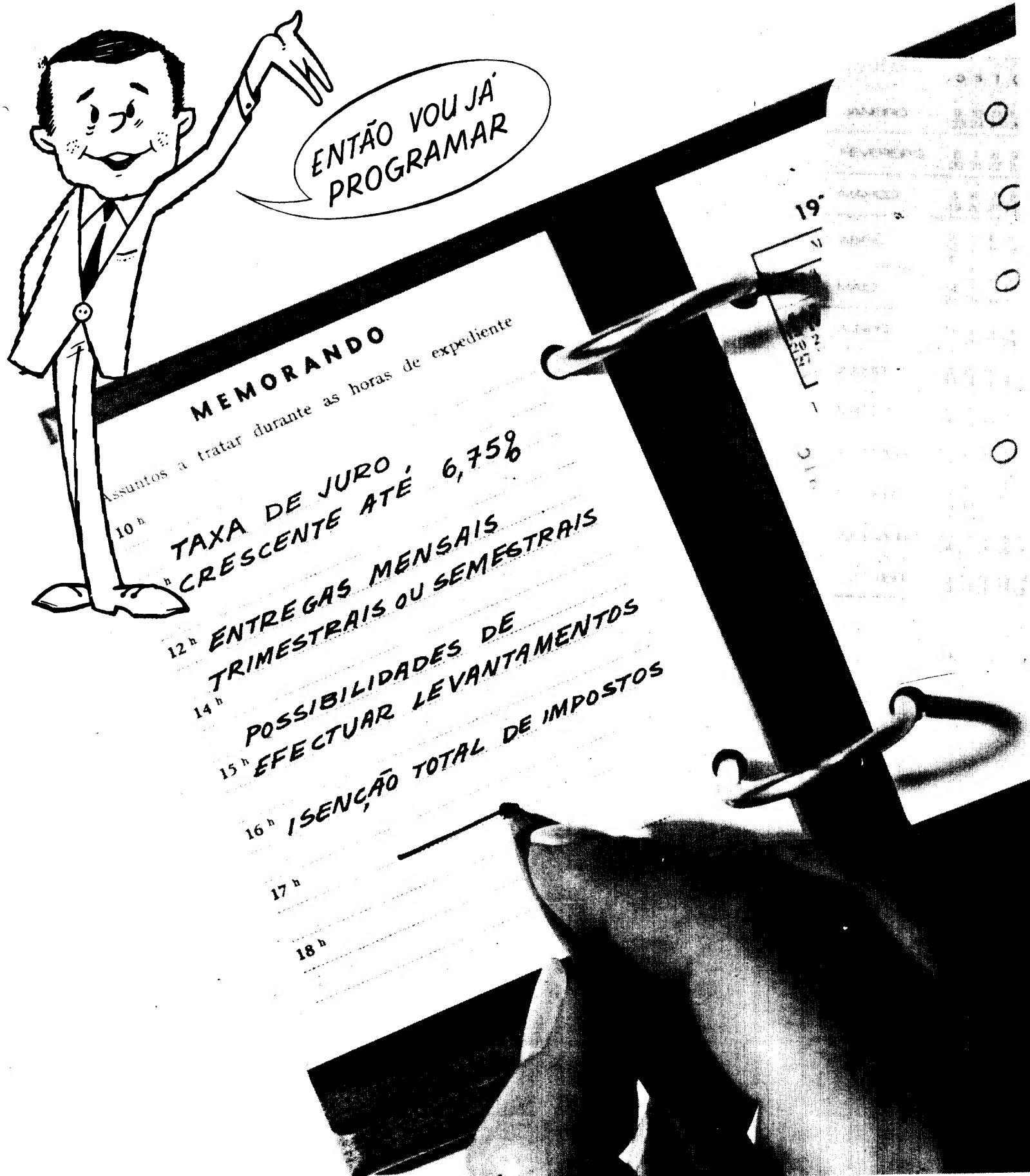
Lisboa, 1 de Maio de 1973

A DIRECÇÃO

PROGRAMAR PARA GANHAR MAIS faça um depósito de poupança

BF/18-73

Criámos um novo processo de aplicar as suas economias.
Programa a sua poupança
e aplique-a com maior rendimento
à medida que ela se vai formando.
Temos pessoal competente para o ajudar na escolha do plano
que melhor se adapte ao seu caso específico.
Consulte-nos.



 **BANCO DE FOMENTO NACIONAL**

AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETUBAL · VILA REAL · VISEU



A VISITA DE FERNANDO NAMORA

Vocês sabem da minha simpatia por pessoas fora do comum. Pelos dom-quiixotes de todos os idealismos. Pelos insaciáveis do conhecimento. Enfim, para falar claro, pelos que trazem dentro de si qualquer coisa de anjos ou de demónios. Sempre detestei os neutros.

Isso, na verdade, está em mim. Quando em décadas atrás houve a moda de se fazer literatura com personagens amorfo, embora não se tratasse ainda do anti-herói, eu deixei de ler romances, enfastiado.

Já várias vezes tenho ousado afirmar que entre a obra e quem a escreve, prefiro o criador. É por isso que sempre escolhi Dostoiévsky, como ser humano, aos seus heróis, por mais patéticos e sublimes.

Mas não vou citar outros exemplos. É certo que essa minha vocação para encarar os homens mais por si próprios do que pelos seus trabalhos já provocou, em várias oportunidades, inteligentes cartas contestatórias de alguns dos meus leitores. Mas, apesar disso, confesso, continuo na minha.

Tenho o culto dos que se perdem entre a alucinação e a magia, sejam eles escritores, poetas, pintores, pensadores, músicos. O mundo dos Zarzuelas, enfim...

Mas não é de músicos, nem de poetas, nem de escritores que vou hoje falar-lhes.

Nos meus tempos de menino era costume indagar de nós o que desejaríamos ser quando crescidos. Eu não sabia. Mas uma profissão sempre me pareceu agradável: — a de ser médico. É claro que não o fui. Fomos, de leito, de hospital em hospital, de caso clínico em caso clínico, estragava todo o meu prazer de sol, de mar, de alegria, de pedras históricas (eu morava então nas vizinhanças da Torre de Belém). Sim, eu queria ser tudo menos médico. E claro que não o fui. Hoje sou amigo de muitos. Talvez lhes deva a vida...

Mas, até esta semana, eu ainda não tivera a noção exacta de que o médico faz parte dessa longa odisseia criada, entre o mistério e a certeza, por iluminados que, durante séculos, se dedicaram de corpo e alma a saber o que era, afinal, o Homem.

Ora esse milagre de percepção devo-o a Fernando Na-

mora que, após uma ausência de vários meses, volta ao meu convívio com os dois volumes que trazem este título, há muito meu conhecido, mas de quem sempre estivera ausente: DEUSES E DEMONIOS DA MEDICINA.

Então, comecei pelo primeiro. A medo. Pois bem, leitor. Pouco depois estava apaixonado. Devorei cerca de setecentas páginas, em duas noites. E compreendi então que ao lado dos poetas, dos escritores e dos músicos da minha admiração, também os médicos não lhes deviam ficar atrás, tanto mais que poucas vezes a glória os confessou de longos anos de martírio e opróbrio.

Esta é a razão por que, no desejo de me penitenciar, quero rememorar para vocês, embora em rápidas evocações, os nomes daqueles, anjos ou demónios, que, nos dois volumes de Fernando Namora, descobriram o homem por dentro e por fora.

HIPÓCRATES

Era grego e pertence à história da cultura helénica. Como

os grandes filósofos do seu tempo, ele foi dialecticamente materialista.

Para Hipócrates homem e Universo fundem-se num sistema geral. A obra hipocrática, diz Fernando Namora, representa um labor assombroso, roubando aos deuses a arte de curar, para a pôr nas mãos do ser humano.

GALENO

Na Roma do seu tempo trazia consigo as chaves do triunfo. Toda a sua vida foi um espectáculo — do drama à comédia, da ambiguidade à apoteose. Sofreu por isso a perfídia dos médiocres. Percorreu o mundo. Escreveu centenas de obras importantes. Dele disse um imperador: Descobrimos, finalmente, um bom médico...

E juntou: E além de bom médico talvez o único homem honesto de Roma.

Sofreu repetidamente a inveja dos adversários. Mas era despótico. E se impeliu a medicina a um progresso dos mais salientes da história, acabou por defini-la, como diz Fernando Namora, no alto da sua fortaleza de intolerância.

AVICENA

Aos dez anos, na Pérsia, recitava de memória o «Alcorão». Seus pais foram aconselhados a levá-lo para uma grande cidade. Instalaram-se em Bokhara. Foi quando se apaixonou pela medicina. Mas de um jeito que destoava do modo como os árabes preparavam uma carreira de médico.

Um emir, por ele tratado de uma grave doença, franqueou-lhe a sua preciosa biblioteca que acabou sendo destruída por um incêndio, que os invejosos atribuíam ao desejo dele querer reservar para si próprio tanta cultura acumulada. Grandezas e misérias de sempre. Numa guerra quiseram matá-lo. Disse outro emir: Não se mata quem pode ser útil à Humanidade.

O que não impediu, mais tarde, de ser encarcerado. Foge. E diverte-se até à exaustão.

Morre no ano remoto de 1037, recitando pela última vez as preces do «Alcorão».

PARACELSO

Apóstolo ou herege, lunático ou predestinado, os seus dotes de médico são invulgares. Faz curas que espantam o mundo. E fala em alquimia, o que deixa varados os doutores. Os que nele acreditam dizem a seu respeito: Eis o Lutero da medicina.

Então, contesta-os falando deste modo:

... Porque gritais que sou o Lutero da medicina? Lutero não pode comparar-se a Paracelso. Eu trago uma verdade, a minha. E para a defender não me arrasto aos pés dos senhores das universidades. Lutero e o Papa são apenas duas comadres que disputam a mesma camisa.

VESALIO

Era uma criança singular, de inclinações extravagantes. Todo o animal a que deitasse a mão era logo morto e dissecado.

Mas os bichos não lhe chegavam: E necessário que me deixem observar o organismo humano.

Apoderava-se de achados macabros. Rondava os cemitérios e os patibulos. Mas antes de retalar um cadáver, ajoelhava e rezava.

Morreu em 1564, de fadiga, de doença e de fome.

UM FRANCÊS E DOIS INGLESES

Ambroise Paré é o pai da cirurgia. Levantou-se, contra ele, a oposição dos seus pares. Por sua vez o inglês Harvey foi o primeiro médico que esclareceu o segredo da circulação do sangue, demonstrando que o seu trajecto enuncia-se nas linhas gerais das funções digestivas, pulmonares, renais e musculares. Isso, é claro, provocou feroz oposição. Estamos no século XVII. Eis outro inglês, Sydenham. Esse tinha como objectivo a prática assídua da clínica, o convívio

com o doente. E era isso que considerava a suprema ciência...

Dele riram os «gentlemen» britânicos.

RIBEIRO SANCHES

Nasceu em Penamacor. Dedicado pelos pais às leis, seguiu para Coimbra. Desgostoso preferiu Salamanca. Mas um dia...

Bem é assim que começa a carreira do médico Ribeiro Sanches, que os leitores desta página têm obrigação de conhecer. Ribeiro Sanches é uma figura nacional. Revivida com amor por Fernando Namora.

HUNTER E MESMER

Sobre Hunter são admiráveis as vinte páginas a ele dedicadas pelo autor de «Deuses e Demónios». Quanto a Mesmer é autor de uma «Memória sobre a descoberta do magnetismo pessoal. Sua vida é uma constante aventura nos mistérios do oculto. Ou antes: — um romance de realismo fantástico.

PAUSA

Podia suspender aqui, por ter chegado ao fim do primeiro volume de «Deuses e Demónios da Medicina», prometendo continuar na próxima semana. Mas se o fizesse creio que o leitor ficaria insatisfeito. Inquieto por saber, entre tantos médicos do passado (são vinte e um, incluindo o brasileiro Osvaldo Cruz que, na verdade não é anjo, nem demónio, mas apenas um homem exemplar) — inquieto por saber, repito, quais são os que estão no Céu, ou os que desceram aos infernos.

Sim, mas desde já aviso de que nem Fernando Namora laborou a respectiva distinção. Eles serão deuses, ou serão demónios, conforme forem compreendidos pelo leitor, a seu talento — como se dizia nos dramas históricos dos palcos lisboetas da minha juventude.

JENNER

O segundo volume, e já estamos no século XIX, começa com Edward Jenner, nascido em Gloucestershire, na Inglaterra. O que ele queria? O bem da Humanidade, num tempo em que a varíola desfigurava boa parte da população. E médico. Despendeu cerca de vinte anos a estudar a varíola e a possibilidade de a evitar. Como? Pela vacina. E descobriu o processo. Então a reputação de Jenner subiu, como diz Fernando Namora, em flecha. Apesar de vitorioso foi morrer entre os seres humildes que em vida o cercaram nos vales e montanhas da sua terra, longe dos

caçadores de glórias e riquezas.

LAENEC

Este conseguiu efectuar o diagnóstico das afecções pulmonares. Foi ferozmente perseguido pela vaidade dos seus colegas. Os mestres. De Paris. No fim, devorou-o a doença que meticulosamente auscultara, sem descanso. Mas sua lição não foi perdida.

LISTER E KOCH

O primeiro vem a seguir, provando, em Londres, que a promiscuidade e negligência eram a ruína dos hospitais. Por fim, foi compreendido. E segue-se, com Robert Koch, a epopeia dos bacilos. Novas e amargas batalhas, que, por fim, corresponderam aos seus inúmeros troféus, como caçador de micróbios.

PAVLOV E UM ESPANHOL

Surge então Ivan Petrovich Pavlov, o fundador da psicofisiologia reflexa. Escreveu no fim da vida dirigindo-se aos jovens: «— Habitai-vos a uma inalterável pertinácia na aquisição do saber». Quanto a Ramon Y Cajal, ao fim de anos de luta, de reveses e de vitórias, deixou as seguintes palavras: «— Desejei a inteligência, e foi-me concedida. Invoquei o espírito da sabedoria e veio até mim. Prefiro-a aos reinos, aos tronos e às riquezas».

E POR FIM...

Bem, agora chega a vez de mestre Sigmund Freud. Fernando Namora dedica-lhe uma lucida biografia de quase quarenta páginas. Ora, aqui, eu ousar falar a meu respeito. Em muito jovem eu li Dostoiévsky. Depois, até hoje, nunca mais o reli. Mas seja como for, foi um marco da minha vida.

Quando, depois, lá por volta de 1920, tomei conhecimento de Freud, ele foi para mim a revelação. Na verdade, o mundo depois dele mudou.

Completamente. Podem negá-lo, discuti-lo, coisas assim. Mas ele subsiste.

No livro de Fernando Namora não sei se ele deve ser encarado como um deus ou como um demónio. Mas foi através dele que aprendi, nos meus já longos anos de vida, que tudo que há em nós, mais de mal que de bem, é a triste consequência de que nós somos, todos, ao mesmo tempo, vítimas e culpados. Mesmo você, leitor.

21 de Abril 73

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28 - Ap. 908 - COPACABANA - G. B. - BRASIL

Stentofon
Sistemas de
intercomunicação

Lisboa 42124 713470
Porto 483598
Faro 24338
Portimão 22954

RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

ar condicionado

DELCHI

com DELCHI não há calor



Agradecemos nos enviarem mais detalhes sobre os aparelhos de ar condicionado DELCHI
Nome _____
Ramo de Negócio _____
Rua e Número _____
Localidade _____ Telef. _____

Envie este cupão para os representantes exclusivos OLAVO CRUZ, LDA. Departamento Industrial - Rua das Flores, 59 - Lisboa

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS DR. FERNANDO TEIXEIRA

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61

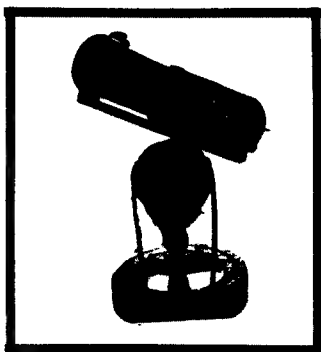
ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO ESPECIALIZADA
PEDIATRIA — PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE E DOMICILIÁRIO

DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS
Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º

Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS E FERIADOS
SERVIÇO DE URGÊNCIA COLHEITAS DOMICILIÁRIAS

A CIÊNCIA E O HOMEM

por
ANTÔNIO
BAPTISTA



OS RESULTADOS DA CIÊNCIA E OS VALORES MORAIS

Creio ser legítimo, na Ciência, o princípio geral: o que se pode conhecer, deve tentar-se conhecer. Claro que isto não significa que tudo o que se possa conhecer tenha igual importância. Aqui começamos a penetrar no universo dos valores e quando começamos a considerar a particular esfera dos valores morais, teremos de completar o enunciado do princípio acrescentando: o que se pode conhecer, deve conhecer-se, desde que a investigação não violente, com as suas exigências próprias, valores morais universais.

Se aceitamos o princípio assim enunciado, julgamos que muitas das confusões existentes sobre os limites que se querem impor à Ciência não terão razão de existir. Consideremos um primeiro exemplo a suspensão das experiências nucleares realizadas na atmosfera parece-nos legítima de acordo com o princípio. Com efeito, a sua realização, ainda que nos facultasse conhecimentos muito úteis, e não estou pensando nas aplicações militares, causa danos e pode prejudicar o futuro da humanidade... Sabemos aqui, neste caso concreto, que se produzirão substâncias radioactivas de vida longa que precipitando-se sobre a Terra podem prejudicar a vida dos homens. É possível que os receios de Linus Pauling

afirmando que centenas de milhares de crianças possam ser atingidas na sua saúde por cada explosão da grandeza da de Hiroshima, sejam exagerados. Mas vamos supor que sejam apenas dezenas de milhares ou mesmo da ordem das centenas as crianças prejudicadas. A conclusão moral é a mesma. E como recentemente a questão da vitamina C, provou, Linus Pauling, ainda que o seu comportamento o classifique, por vezes, para lá do excentrismo, o que de certeza não é, é estúpido.

Por outro lado, já não se compreendem restrições a outros estudos só porque se receiem que os conhecimentos adquiridos possam ser empregados de forma imprópria. E o caso de certas investigações biológicas

orientadas na síntese de certas formas de vida. Vamos aceitar mesmo que essas investigações levam um dia a métodos para interferir geneticamente no futuro da humanidade criando certos tipos de homem, por encomenda, digamos assim. É esta uma razão para não realizarmos estes estudos? Parece-me que não. Primeiro, ninguém nos obriga a realizar tudo quanto aprendemos a fazer, e a humanidade pode legitimamente criar esses autênticos «filhos das ervas», mais ou menos mágicas, da ciência. O que sabemos é que uma proibição de se realizarem estes estudos que podem levar a essa conclusão limitaria drasticamente a possibilidade de adquirir conhecimentos essenciais possivelmente para a saúde e sobrevivência dos homens. E não podemos dizer que estamos falando de coisas dum outro mundo. Não vimos há anos numa sociedade que se diz organizada cientificamente que eram vedadas aos cientistas certas áreas da cosmogonia, da biologia, da química quântica, da física teórica e da cibernética, sob pretexto de que violentariam, possivelmente, certos princípios da ideologia política vigente?

Quando há alguns anos o então presidente da Sociedade

Americana de Química. Professor Charles Price, propôs como programa científico nacional dos Estados Unidos, a ser executado com meios comparáveis aos do programa espacial, a síntese laboratorial de certas formas elementares de vida, caiu o Carmo e a Trindade... A tripulação dum barco fez-lhe logo uma encomenda de Taylores e Bardots, os caricaturistas ficaram inspirados e a própria Sociedade de Química apressou-se a declarar que os pontos de vista publicados eram do professor Price e não reflectiam necessariamente os da Sociedade, etc.

Ora o que o professor Price queria dizer é que existem problemas de extraordinária importância para a saúde da humanidade que poderiam ser atacados, talvez, compreendendo-se melhor os mecanismos que permitem obter-se os ácidos nucleicos a partir de certas matérias primas. Parecia a Price que não estaríamos mais longe da solução destes problemas do que em 1920 estávamos do aproveitamento da energia nuclear ou, em 1940, de enviar um homem para a Lua. Como o programa lhe parecia não ter importância menor do que a destes, não achava disparatado dedicar-lhe meios equivalentes...

Mais complicada é a posição de William Shockley um dos inventores do transistor. Prémio Nobel da Física em 1956. Com ânimo missionário, Shockley deseja realizar uma investigação que permita concluir sobre a existência de diferenças de inteligência ligadas à raça admitindo, para já, como cientificamente provado «para populações caucasianas típicas, que as diferenças genéticas entre os indivíduos têm quatro vezes mais importância em levantar ou baixar os coeficientes de inteligência do que as diferenças de ambiente».

Muitos discutem este cientificamente provado e até começam por discutir o que se chama raça e o que se considera inteligência. Mas este não é o ponto pertinente para as nossas considerações. O facto é que todas as propostas de Shockley para se realizar este estudo têm sido recusadas e até, recentemente, a Universidade de Leeds que lhe tinha oferecido o grau de doutor honoris causa pelos trabalhos de física, embaraçada pelos protestos que a notícia provocou, retirou-lhe a oferta. Seria insensato negar a legitimidade duma investigação destes problemas que tanto interessam ao homem. Só encontramos

uma explicação para as reacções contra Shockley. É que ele fala como se já soubesse o que vai encontrar, o que não está mal do ponto de vista científico se honestamente, como sempre deve acontecer, estivermos dispostos a deixar corrigir o que pensamos pelos resultados que vamos encontrando. E tão convencido está Shockley, que propõe até ainda que o rotule como «exercício do pensamento», medidas para se corrigir, em benefício da humanidade, as desigualdades, que incluem um plano de esterilização voluntária dos indivíduos diagnosticados como inferiores pelas melhores técnicas científicas. Claro que os voluntários seriam animados com benefícios materiais importantes. Julgamos, no entanto, que as posições actuais relativamente a este problema estão bem definidas por uma troca de palavras entre Lord Boyle: «Ninguém nasce com uma sela nas costas nem com ninguém calçado e com esporas para o montar». Contestou Shockley. «Mas quanto às crianças que nascem com pedras de moinho atadas ao pescoço? Desencorajar uma investigação relevante porque os seus resultados podem ser dolorosos, é um humanismo enlouquecido».

Como se vê, andam aqui misturadas muitas coisas que impedem a visão lúcida do problema. Acredito, no entanto, que quando o homem começa a ter medo das suas criações, corremos o risco de nos desumanizar e sabemos da história recente e da antiga até onde isso pode conduzir...

A CÂTEDRA EXEMPLAR DO PROFESSOR RICHARD TITMUSS

Morreu há poucos dias com 66 anos o professor Richard Titmuss. Filho de um agricultor abandonou os estudos (como se diz) aos 15 anos de idade. Empregou-se como agente de seguros, profissão que desempenhou durante muitos anos. Nas horas vagas escreveu livros entre os quais «A Revolta dos Pais». Esses livros despertaram o interesse de Sir Keith Hancock que o convidou para se juntar a um grupo que escrevia a história oficial da II Grande Guerra Mundial. Dessa colaboração resultou o estudo «Problemas de Política Social». A importância desse trabalho pioneiro da ciência social, leva-o a ser convidado para a cátedra de Administração Social da Escola de Economia de Londres. Titmuss tornará famoso o seu departamento, conquistando uma reputação internacional.

Mesmo na Grã-Bretanha não são muito numerosos os casos de professores universitários sem uma educação universitária formal. Mas existem e o sistema permite que possam ser seleccionados, professores sem notas finais de curso, sem teses, sem doutoramentos, sem concursos públicos mas com justiça, avalizados pelos seus trabalhos, eleitos pelos seus pares que tinham sido já elitos pelos seus pares, escolhidos por sua vez pelos seus pares que, etc., etc.

Para Titmuss a pobreza não era apenas um problema económico mas, como escrevia, um problema «multiprivacional». Compreende-se como um homem como Titmuss possa ter, no dizer de um discípulo, desenvolvido um conceito profundo e elaborado da igualdade.

Num livro recente, o cancelleiro G. Klein foi encarregado de fazer um sumário dos muitos aspectos das relações entre os chamados virus-her-

pes e diferentes espécies animais, rã, galinha, macaco e homem. Vergado ao peso dessa tarefa, Klein começa a sua revisão recordando uma velha classificação chinesa de animais que Jorge Luis Borges cita num dos seus livros. Eis as categorias a que pertencem os animais:

- 1 — Os que pertencem ao imperador.
- 2 — Os que têm quatro patas
- 3 — Cães selvagens
- 4 — Aqueles que têm tendência a quebrar os jarros
- 5 — Aqueles que se parecem com moscas, pelo menos ao longe

- 6 — Os que têm um comportamento de tontos
- 7 — Animais embalsamados
- 8 — Animais domesticados
- 9 — Os incontroláveis
- 10 — Os que são desenhados com um pincel muito fino, de pelo de camelo
- 11 — Feras míticas
- 12 — Leitões tratados a leite
- 13 — Etcetera

(Agradeço a William Clode ter-me chamado a atenção para esta passagem do comentário de Klein, talvez por me ver preocupado com um outro problema de classificação entre animais da mesma espécie para o qual poderia acudir a velha sabedoria chinesa...

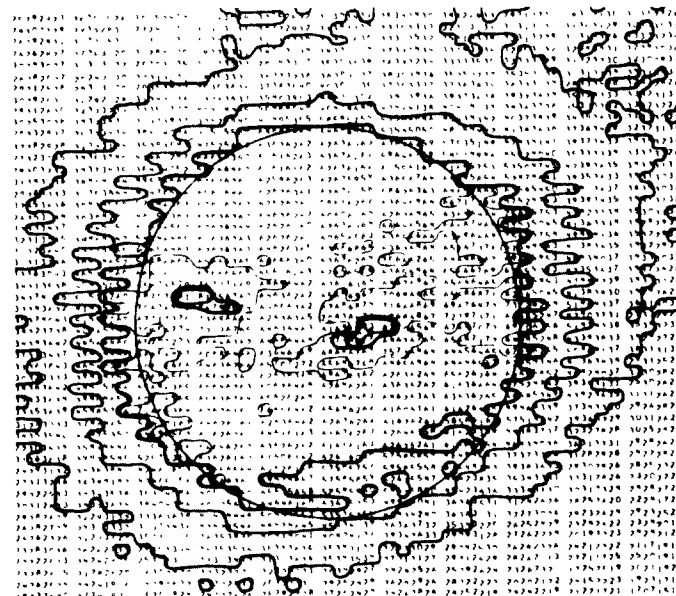
1973, O ANO QUIETO DO NOSSO VULGAR SOL

Primeiro, decisivamente, Copérnico deslocou o homem do centro do Mundo e colocou-o na sua Terra a girar em torno do Sol. Já no nosso século, Shapley pôs todo o sistema solar não no centro do universo nem sequer no centro da galáxia a que pertence, mas num dos seus braços espiralados, a 30 mil anos-luz do seu centro, deslocando-se com uma velocidade de 250 quilómetros por segundo.

Enfim, humilhações e humilhações sucessivas a que se acrescenta a de se saberem agora que o nosso glorioso Sol (cujo nome sempre escrevemos, respeitosamente, com letra maiúscula) é apenas uma vulgar estrela que se não distingue de 100 milhares de milhares de estrelas, só da nossa galáxia, a Via Lactea. Mas enfim, o nosso Sol é o que temos... e tem certas qualidades que um tempo menos apressado apreciaria. Assim, enquanto muitas estrelas têm velocidade

acalmia que os cientistas desejam aproveitar para estudarem melhor esse laboratório imenso. Assim, este ano é o Ano do Sol.

PROGRESSOS RECENTES
Pode dizer-se que, nos últi-



mos dez anos o nosso conhecimento do Sol duplicou. Isso se deve, principalmente aos OSO, Observatórios Solares em Órbita, mas naturalmente há muitos problemas por resolver. Por estes dias será iniciado o programa do Skylab e a bordo estará instalado um sistema de telescópios complexo para observação da radiação emitida nos diversos comprimentos de onda pelo Sol.

Sabe-se hoje que o Sol tem o seu interior a uma temperatura de 15 milhões Kelvin (K) devido a reacções de fusão de átomos leves como o hidrogénio e o hélio. A 100 mil quilómetros da superfície julga-se que existe uma zona de convecção onde massas fluidas se deslocam. Acima desta está uma zona superficial (fotosfera) com 500 km de espessura. A superfície do Sol visível da Terra está a uma temperatura de 6000 K que nas manchas solares baixa até 4000 K. Acima da superfície existe uma zona encarniçada de transição (a cromosfera) onde a temperatura se eleva a 10 000 K e depois a 100 mil kelvin e 200 mil kelvin. Na corona, o halo ténue que envolve o Sol, a temperatura sobe para 1,7 milhão

kelvin e sobre as zonas activas a temperatura pode chegar a valores de 3 milhões e 7 milhões kelvin alcançando mesmo, nalgumas erupções, o extraordinário valor de 40 milhões kelvin. Ainda se não sabe qual o mecanismo que permita explicar estas elevadas

des de 450 quilómetros por segundo, o nosso Sol roda a uma velocidade de apenas 1,9 quilómetros por segundo. Claro que o Sol tem as suas erupções que obedecem a um ciclo de 11 anos. Agora, em 1973, estamos numa fase de

Imagem do Sol obtida com um computador a partir dos dados obtidos pelo Observatório Solar Orbital 7, lançado em Setembro de 1971. As linhas contínuas ligam pontos do Sol e da sua corona onde a intensidade da radiação na zona ultra-violeta do espectro é a mesma.

temperaturas registadas pelos satélites. Enfim, um dos muitos problemas que serão atacados em anos próximos assim como o da mistura das massas no interior do Sol. E recordemos que estes estudos podem ter relação com os factores que afectam o clima da Terra.

ANTOLOGIA

De Norman Campbell, físico, sobre a educação científica dos jovens:

«Se a educação científica hoje não apropriada por aqueles que tencionam fazer da ciência a sua vida, é ainda menos apropriada para aqueles de que faz parte meramente da educação geral. Os cientistas queixam-se da falta pelo conhecimento científico mas o que é que podem esperar se oferecem ao mundo apenas os ossos secos do conhecimento dos quais se apartou a respiração? Nada poderia estar mais bem adaptado para assassinar qualquer entusiasmo nascente do que os cursos ordinários professados nas escolas com a sua tediosa insistência nos factos nús e não inspiradores. É extremamente importante, impressionar os estudantes com a natureza da verdade científica e com a possibilidade dum conhecimento positivo, definido relativamente ao mundo material... Mas insistir na verdade da ciência e desprezar o seu significado, é agravar o mal que se pretende curar...

O CASO DA HERANÇA SOMMER

Continuação da pág. 5

eram a sr.^a D. Maria Ana nem a sr.^a D. Maria Isabel.

DUAS SACRIFICADAS SENHORAS

Os autos, e as pessoas que aqui foram ouvidas nesta audiência, puderam dar-nos felizmente, uma ideia segura das personalidades dessas duas sa-

crificadas senhoras, que se vieram arrastadas aos vexames e aos incómodos que o processo revela, pela mania persecutória, a ambição, o desafio de seu sobrinho Carlos.

As sr.^{as} D. Maria Luísa e D. Albana, eram, na verdade, pessoas de um apuro de uma dignidade, de uma seriedade, que ninguém ousou pôr sequer em dúvida.

Fé até curioso, que nem o seu sobrinho Carlos — que a todos quantos se opuseram aos seus tortuosos desígnios não poupou com os seus impérios e as suas infâmias — nem o sr. Carlos Champalimaud, — dizia — teve coragem de beliscar a personalidade exemplar de suas tias.

Somente que, o sr. Carlos Champalimaud, à mingua de outros argumentos, se limitou a repetir o seu estafado estribilho de que suas tias se encontravam dominadas por seu irmão António.

Não obstante as considerações que acabo de produzir, que me permitiriam desconectar-me de responder aos comentários que o ilustre advogado dos assistentes referiu a propósito das declarações prestadas na instrução preparatória pelas sr.^{as} D. Maria Luísa e D. Albana, não deixarei, entretanto, de trazer à compreensão dessas declarações o contributo que o estudo do processo e dos factos me permite fornecer.

Fassim terminou mais uma sessão — a 4.ª —, prosseguindo o julgamento no próximo dia 7, à hora habitual.



Ana Formigal de Souza

Manuel Bento de Souza, sua mulher, filhos e noras, Maria Clementina Andrade de Souza, Henrique Roquette Bastos, sua mulher e filhos, Maria Leonor Ressano Garcia Vasques, seu marido e filhos, Maria Manuela Ressano Garcia Menano, seu marido e filhas, Frederico Ressano Garcia, sua mulher e filhos, Raul Ressano Garcia, sua mulher e filhos, Maria Júlia Ressano Garcia Debonnaire e seu marido e José Maria Bastos, Lima Raposo, participam que será rezada missa do 7.º dia, por sua alma, amanhã, dia 7, às 18.30 h., na Igreja das Mercês.

Formação profissional

O Serviço de Formação Profissional do Ministério das Corporações e Previdência Social, com o apoio do Serviço Nacional de Emprego, vai proceder em colaboração com os Serviços de Estatísticas a um inquérito sobre as necessidades de formação profissional, para o 1.º triénio compreendido no IV Plano de Fomento (1974/76) para que possa programar as especialidades a contemplar para aquele período.



ENG. AGRÓNOMO CÂNDIDO PEDRO DA SILVA DUARTE

Três anos de eterna saudade

Cybele Martins Gomes Duarte e sua família participam que, amanhã, segunda-feira, dia 7, será rezada missa pelo eterno descanso da alma do seu muito querido e nunca esquecido marido e parente, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, às 11 horas.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

MERCADO DA PRIMAVERA MOEDAS
Visite o nosso stand
Tel. 321677 LISBOA



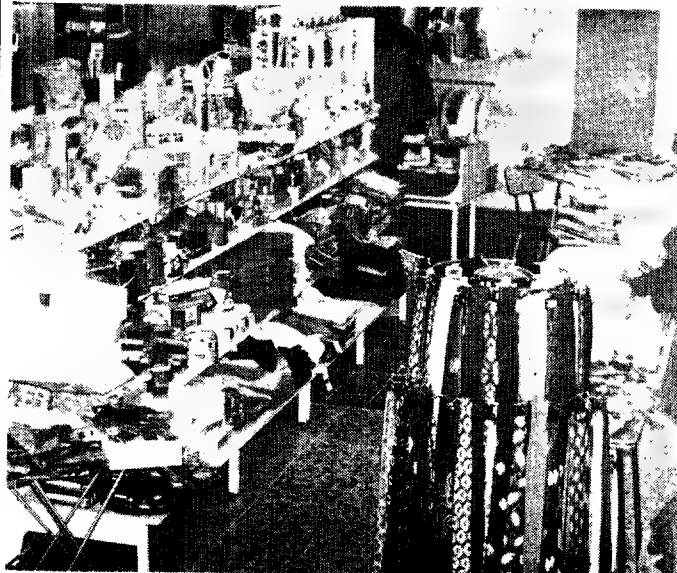
De visita a Espanha, o ministro português dos Negócios Estrangeiros dr. Rui Patrício, encontrou-se pela quarta vez desde 1970 com o seu colega espanhol, Gregório Lopez Bravo.

Encontro Caran D'Ache

Vai realizar-se na Sociedade Nacional de Belas Artes nos dias 9, 10, 11 e 12 deste mês, uma iniciativa denominada «Encontro Caran d'Ache» que consiste na exposição de trabalhos realizados por professores e alunos relacionados com a educação visual em escolas portuguesas.

Esta iniciativa repertir-se-á no Porto, na galeria «Árvore Cooperativa de Actividades Artísticas» nos dias 16, 17, 18 e 19.

Mais uma filial dos Armazéns do Povo



Recentemente inaugurada, a nova filial fica situada na Rua Conde Redondo, 14-A em Lisboa. Para além da quantidade de secções variadas, tem para

oferecer ao público um rápido meio de venda. Esta unidade comercial integra-se na Empresa MANIVARES — Comércio de Algodão, Lda.

Reunião da UNIVAS em Madrid



Como noticiámos, realizou-se recentemente em Madrid a Assembleia Geral anual da Univas onde estiveram juntas todas as agências de publicidade deste importante grupo internacional. Na foto o Director Geral Sr. Jacques Hintzy e o Director da zona do Mediterrâneo Sr. A. Poniatosky, acompanhados dos Drs. Mimon Anshory e Orlando da Costa representantes nessa reunião da associada portuguesa MARCA Agência de Publicidade.

Compañia Transatlántica Española, S. A.

MADRID
PARA:
NEW YORK
FILADELFIA
BALTIMORE (F.)
NORFOLK

Recebe Frigorífico e Carga Geral a moderna e rápida motonave espanhola

«GALEONA»
em 18 de Maio

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, L.D.A.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA-2

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV

LAGOTAINER LINE

Serviço totalmente contentorizado e regular para a Suécia

N/M «SIEA MAID»

a receber carga em 11 do corrente

para:

GOTHENBURG e demais portos da Suécia

OSLO e outros portos da Noruega
ANVERS e qualquer localidade da Europa Central

OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2
TEL. 366056 362266
PORTUGAL

A C. P. informa:

LISBOA-PARIS AUTO-EXPRESSO

De 3 de Junho a 29 de Setembro, no sentido Lisboa-Paris e no sentido Paris-Lisboa os Srs. Passageiros poderão fazer-se acompanhar dos seus automóveis, nas suas deslocações entre as duas capitais.

MARCAÇÃO DE LUGARES

Na estação de Lisboa (Santa Apolónia), emitem-se os títulos de transporte, efectua-se a marcação de lugares e prestam-se informações acerca das formalidades necessárias.

ENTREGA DOS AUTOMÓVEIS PARA EXPEDIÇÃO

A entrega dos automóveis pelos passageiros efectua-se:
— na estação de Lisboa (Santa Apolónia), ao lado da Avenida Infante D. Henrique, junto ao posto da Shell, entre as 15 e as 18 horas da véspera ou entre as 9 e as 10.30 horas do próprio dia do seguimento desejado;
— na estação Paris (Austerlitz) Voyageurs, 7 Boulevard de l'Hôpital diariamente das 14 às 19.30 horas.

ENCAMINHAMENTO

O encaminhamento entre Lisboa e Irun faz-se, em qualquer dos sentidos, pelo comboio Rápido, e entre Irun e Paris por um comboio de mercadorias de marcha acelerada.

RECEPÇÃO DOS AUTOMÓVEIS À CHEGADA

Os passageiros retomam o seu automóvel no dia seguinte ao da partida.

— Em Paris (Austerlitz) Voyageurs, 7 Boulevard de l'Hôpital: a partir das 6.45 horas;
— Em Lisboa (Santa Apolónia), depois da chegada do comboio n.º 1004 (12.45 horas).

FORMALIDADES ADUANEIRAS EM LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

Efectuam-se:
à partida: no acto da recepção do automóvel;
à chegada: no acto do levantamento do automóvel.

PREÇOS

De Lisboa (Santa Apolónia) a Paris (Austerlitz) ou vice-versa, em escudos:

	Ida	Ida e Volta (a)
— Automóveis de comprimento até 3,81 m	1 812\$00	2 778\$00
— Automóveis de comprimento entre 3,81 m e 4,42 m	2 104\$00	3 225\$00
— Automóveis de comprimento superior a 4,42 m	2 961\$50	4 527\$00

(a) Importante: — Quando o automóvel for acompanhado por mais de duas pessoas e a viagem de volta for efectuada no prazo máximo de 2 meses depois da viagem de ida, são concedidas, sobre o preço de transporte de ida e volta do automóvel, mediante a apresentação dos correspondentes bilhetes, as seguintes reduções:
— 20 % quando o carro for acompanhado por 3 pessoas;
— 40 % quando o carro for acompanhado por 4 pessoas;
— 60 % quando o carro for acompanhado por 5 ou mais pessoas.

Nestes preços não estão incluídas quaisquer despesas por formalidades aduaneiras, quer do veículo quer das bagagens ou objectos que nele se transportem, bem como direitos que, por qualquer motivo, sejam devidos.



termínio aos campos dos palestinos, apesar dos incitamentos que lhe fazem de Telaviv e, quem sabe, de outras capitais ainda mais importantes. As dificuldades por que passam os palestinos militantes são quase uma fatalidade. Expulsos por um inimigo implacável e arrogante da pátria ancestral, viram-se obrigados a viver, a fazer as suas bases, em países cujos Governos têm muito mais interesse no compromisso do que na reconquista. Vivendo nesta situação, os palestinos são presa fácil do desespero. Desespero legítimo, compreensível, mas nem sempre bom conselheiro. Ideologicamente muito diversificados e imprecisos, os diversos grupos palestinos ainda não atinaram com uma tática que contribua, de facto, para o grande objectivo estratégico. Mas essa imprecisão ideológica é suficientemente precisa para que a maioria dos Governos árabes sintam como um incómodo a presença dos expatriados.

5 QUINTA A guerra no Camboja ameaça tornar-se uma realidade tão corriqueira que já vai desmerecendo no seu evoluir diário grandes títulos nas páginas dos jornais. Mesmo quando Phnom Penh é atacada. Faz parte do dia-a-dia. E como se Phnom Penh, apesar dos bombardeamentos americanos, não tivesse nascido de novo para ser atacada. Quando o cerco a uma capital deixa de ser notícia importante, é porque se entrou na rotina da iminência da derrota dos que ocupam a capital. Essa é a situação no Camboja, apesar dos bombardeamentos americanos. Na verdade, apesar dos bombardeamentos americanos, os rebeldes controlam cerca de 90 por cento do território, lançam ataques tão fortes que os aviões americanos de reabastecimento lançam os caixotes com munições sobre o terreno ocupado pelos rebeldes e não pelos sitiados. Como, apesar dos bombardeamentos americanos, a situação se vai deteriorando para Lon Nol todos os dias, Washington faz ameaças de regressar em peso à Indochina.



A sr.^a Martha Mitchell, mulher do ex-ministro da Defesa do Governo do presidente Nixon e ex-dirigente da campanha eleitoral republicana, abandona o seu apartamento em Nova Iorque para prestar declarações relacionadas com o caso Watergate.

6 SEXTA Na sua mensagem sobre a política internacional, o presidente Nixon acusou os soviéticos de estarem a construir três novos tipos de mísseis o que pode vir a desequilibrar a balança comercial. Os EUA passariam, assim, a ter deficitárias as suas balanças comercial e nuclear. Por outro lado, o presidente afirmou que a situação na Indochina ainda não estava estabilizada e responsabilizou o Vietname do Norte por um eventual regresso em força dos americanos aquela área militarizada. E certo, porém, que Nixon disse estarem as relações entre Washington e Pequim e Moscovo a caminhar muito bem, com as reservas, implícitas, inerentes ao que atrás se disse sobre a balança nuclear. Este quadro descrito por Nixon não é brilhante, sobretudo se se tiver em conta que os grandes êxitos da sua política se colocaram todos no plano da política externa. Na verdade, no plano interno, a economia e Watergate constituem hoje os dois factores mais importantes. Ambos eles funcionam em detrimento da administração. No plano externo, diga-se em abono da verdade, o grande homem não tem sido Nixon, mas Kissinger. Porém os êxitos alcançados ou são muito periclitantes — caso da Indochina, como Nixon reconhece —, ou não dependeram da política Kissinger-Nixon, mas da vontade de terceiros — Moscovo e, sobretudo, Pequim.

7 SÁBADO Gregorio Lopez Bravo vai de novo encontrar-se com «Sir Alec Douglas-Home para discutir o velho caso de Gibraltar. Mais uma vez se trata, conforme o anunciado, de meras conversas informais. Os espanhóis desejariam sair deste tipo de encontros para verdadeiras conversações com um carácter deliberativo e com vista ao regresso do rochedo à soberania espanhola. Em Madrid acusa-se Londres de desviar as atenções para a verdadeira questão, pretendendo que ela é entre o Governo espanhol e a população gibraltina, a qual já se pronunciou em

referendo contra a integração em Espanha. Se Londres foge à verdadeira questão, a verdade é que Madrid também se agarra a aspectos formais, não encarando publicamente o que verdadeiramente motiva a recusa inglesa.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

O MÓBIL

Quando, em 1973, o presidente Lyndon Johnson nomeou a célebre comissão Warren para investigar o assassínio do seu antecessor — John Kennedy —, muitas foram as vozes que se levantaram contra o método seguido, apontando para a conveniência de ser o Senado ou o Congresso a tratar de tal comissão. E a razão para as críticas era óbvia: Johnson, mesmo sem nada ter que ver com o crime de Dallas, era dele o primeiro beneficiário, pois de outra forma seria vice-presidente enquanto Kennedy fosse vivo.

O caso Watergate, salvaguardando a distância marcada pelo sangue de um presidente, tem algumas semelhanças formais com o mistério de Dallas. Ao contrário do assassinato de Kennedy — que só secundariamente favorecia Johnson —, o assalto à sede do Partido Democrático tinha como objectivo a eleição de Nixon. Toda a conspiração, ao que hoje se sabe, se processou dentro da Comissão para a reeleição do presidente.

Assim sendo os factos, parece estranho que ninguém ainda se tenha lembrado de pedir que seja o Congresso a nomear um investigador para o escandaloso caso. O mais que se tem pedido é que o presidente nomeie alguém cuja independência e idoneidade não ofereçam quaisquer dúvidas. Isso, porém, foi o que Johnson imediatamente fez ao nomear o presidente do supremo tribunal.

Parece também estranho que os democráticos, embora exijam o completo esclarecimento dos factos, não centrem os seus ataques no presidente.

Pelo contrário, tanto Kennedy (Edward) como McGovern afirmaram que o presidente, quando diz que não sabe de nada, deve merecer o crédito de todos.

A justificação que se pode encontrar para ambos os estranhos factos atrás apontados é a de que se pretende defender a presidência-instituição a todo o custo.

Na verdade, a diferença de tratamento dado a Johnson e Nixon reside provavelmente no seguinte: Johnson, por mais inimizadas que suscitasse não era, nem de perto nem de longe, um suspeito no caso do assassinio de Dallas. Assim, ao fazer-se uma profunda e independente investigação não existia qualquer risco previsível de ver o presidente dos Estados Unidos da América envolvido num caso criminoso.

Segundo um inquérito Gallup, metade dos americanos não acredita que o presidente tenha dito toda a verdade sobre o que sabe a respeito do caso. Eles vão mesmo ao ponto de supor que Nixon deliberadamente esconde atrás de uma formal negativa muito do seu conhecimento já antigo sobre como se passaram as coisas. Mas, mais espantoso e perigoso para o normal funcionamento das instituições é que 58 por cento dos americanos, segundo o mesmo inquérito, pensam que a administração Nixon não é, neste aspecto, pior do que as anteriores.

Nixon e o seu prestígio estão evidentemente em jogo. Ninguém o nega. Mas há muito mais em jogo. Há as instituições e há o próprio sistema americano.

A. VILLASVERDE CABRAL

1 DOMINGO Willy Brandt, depois de arrumada a casa no Congresso do seu Partido, viajou até Washington para conferenciar com o presidente Nixon, cuja casa anda bastante desarrumada. Brandt fez empenho em garantir o apoio do Partido Social Democrático da Alemanha Federal para a sua política atlântica e de estreita ligação com os Estados Unidos. Essa força que levou na bagagem não lhe deve ter servido de muito pois a actual administração americana parece muito mais inclinada para fazer exigências à Europa do que em estabelecer uma cooperação simultaneamente aceitável por Bonn e pelos seus parceiros na Comunidade Económica Europeia. O neo-isolacionismo de que muitos acusam a América nixoniana não existe no sentido que lhe atribuem. O que se passa é que o internacionalismo americano do passado também se não revestia do carácter mais ou menos altruista que esses mesmos que hoje se lamentam de isolacionismo lhe atribuíam. Os Estados Unidos continuam com o mesmo empenho em participar nos negócios do mundo. As provas estão em todo o lado. Porém, a sua situação interna e, sobretudo, a situação no mundo obriga os dirigentes americanos a uma dureza nas suas relações com os aliados cuja necessidade anteriormente não era sentida. Os aliados, por seu lado, têm hoje uma força que não tinham, evidentemente, quando saíam de uma guerra devastadora que os deixara na miséria. Essa força, que é fundamentalmente económica, obrigou já — como factor parcial — a duas desvalorizações do dólar, símbolo do poderio americano. As negociações entre a Europa Ocidental e o Japão, por um lado, e os EUA, pelo outro, são cada vez mais difíceis. A dificuldade reside na fraqueza americana que se tenta, por todos os meios ao dispor de Washington (e ainda são imensos) transformar em força.

2 SEGUNDA Deteriora-se a situação na Argentina. Há quem receie que o presidente eleito, Hector Campora, nem chegue a tomar posse, o que está previsto para o dia 25 deste mês. As razões aparentes desta situação estão na actividade dos grupos de acção directa que, apesar do anunciado regresso do país à constitucionalidade, continuam a levar a cabo as suas acções, sobretudo raptando, ou matando mesmo, altas individualidades das forças armadas. Outro ponto de fricção, talvez mais importante, serviu também de pretexto para os militares no poder fazerem pressão sobre os peronistas. Foi o anúncio, por dois jovens dirigentes peronistas de que o novo Governo organizaria uma milícia popular. Porém, o fundo da questão não está no que surge à superfície, no que é imediatamente sensível. O programa de governo do dr. Campora e a vontade colectiva daqueles que organizadamente o apoiam é que constitui um grave risco, não tanto para os militares em si, mas para aquilo que eles re-

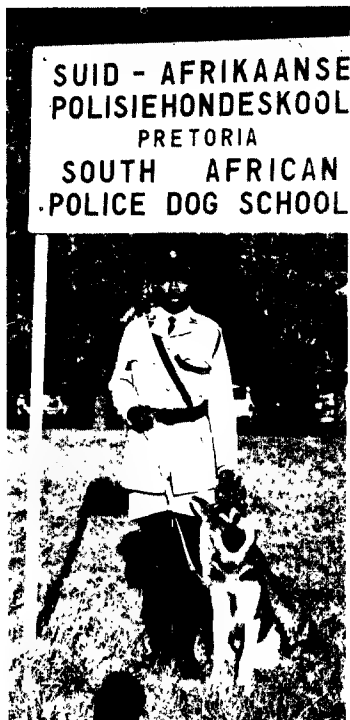
presentam e têm defendido desde que há 17 anos expulsaram Juan Perón do país. É isso que está já em causa e continuará a estar, cada vez com mais agudeza, à medida que o Governo de Campora — se se chegar a constituir — for executando o seu programa de nacionalização da economia argentina, de política externa independente, etc. É certo que, a dar-se um golpe, ele revestir-se-à provavelmente de um aspecto que nada, ou quase nada, tem a ver com a questão de fundo. Mas isso será apenas um pretexto. Resta ainda saber se Campora vai mesmo resistir às pressões e levar por diante o programa nacionalista.

3 TERÇA John Connally, o homem que ia no mesmo carro que John Kennedy no fatal dia 22 de Novembro de 1963, resolveu mudar de Partido. De democrático passou a republicano, seguindo uma trajectória oposta à do «mayor» John Lindsay. Ao fazer esta opção grave, Connally escolheu um momento bastante mau para o Partido Republicano. A transferência era esperada, mas o momento pode não parecer o melhor para um homem que, evidentemente, age a pensar na sua carreira política. Contudo, ao ingressar nas fileiras republicanas num momento tão mau como o do escândalo Watergate, Connally deve ter procurado garantir o maior número de trunfos possível no sentido de assegurar a nomeação para a corrida presidencial de 1976. Entre os republicanos, aqueles que viam com piores olhos uma candidatura do partido encabeçada por Connally, contam-se muitos velhos profissionais, para quem a lealdade partidária é factor importante. E Connally foi governador do Texas como democrático. Foi mesmo ministro de uma administração republicana sem deixar de ser democrático. Durante a campanha encabeçou a organização «Democráticos a favor de Nixon». Ao escolher este momento, Connally agiu com inteligência: ele será sempre lembrado como o homem que se juntou ao partido nas horas más. E isso não é coisa que toda a gente faça. Para o público ele poderá ainda aparecer como um político republicano que nada teve a ver, pois nessa altura era democrático, com aquela desgraça de Watergate. Spiro Agnew, um candidato potencial muito forte, e Ronald Reagan, o governador da Califórnia, não devem ter apreciado muito esta transferência que põe em sério risco as suas ambições declaradas.

4 QUARTA Sangrentos combates em Beirute fazem mais sangue entre os árabes. Vai sendo costume os árabes entregarem-se a chacinas mais ou menos fraticidas. Não morreram tantas pessoas, nem as consequências parecem vir a ser as mesmas, como no negro Setembro de 1970 na Jordânia. O Governo libanês, mesmo que tivesse esse desejo, não tem o à-vontade interno necessário para levar uma guerra de ex-



O general Alejandro Lanusse quando deixava a casa de Hector Campora, o presidente-eleito da Argentina, depois do encontro entre os chefes da junta militar e o político peronista.



Salários na África do S

«Chegou a altura de moderarmos as críticas às actividades comerciais, industriais e financeiras britânicas na África do Sul... dizendo ao mundo o que estamos a fazer pelos nossos empregados africanos.»

Este premente apelo às empresas britânicas que operam na África do Sul foi recentemente feito pelo presidente da «United Kingdom in South Africa Trade Association», W. E. Luke, o qual, porém, não fez qualquer referência aos problemas em causa. A grande maioria das empresas britânicas na África do Sul não está em condições de pôr o mundo ao corrente das condições e salários que oferece

aos africanos.

Há anos que vêm tranquilamente exercendo as suas actividades ao abrigo de um sistema que lhes permitia fazer o mínimo pelos seus trabalhadores, ao mesmo tempo que garantia lucros excepcionalmente elevados. A inesgotável oferta de mão-de-obra barata, as disposições de carácter legal que proíbem sindicatos africanos registados, o controlo da importação e as restrições impostas ao preenchimento de empregos vagos — toda a máquina do «apartheid», em suma — criaram um mercado de trabalho onde a única disciplina é a consciência do patrão.

PROGRAMAS
politur
73
O MUNDO AO SEU ALCANCE
VIAGENS ACOMPANHADAS POR
GUIA PORTUGUES EM AVIÕES
ESPECIALMENTE FRETADOS

PRODUTO «B2»

MARROCOS — 6 dias
Visitando Casablanca, Marrakech, Fez e Meknes
Partidas: 9, 14 e 19/6 2.830\$
A ALEMANHA — 10 dias
Em autocarro de Zurique a Zurique Visitando Frankfurt, Nuremberga, Munique etc.
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8 7.600\$
A AUSTRIA — 10 dias
Em autocarro de Zurique a Zurique Visitando Munique, Salzbourg, Viena, Innsbruck, etc.
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8 7.750\$
A ITALIA — 10 dias
Em autocarro de Zurique a Zurique Visitando Milão, Veneza, Florença, Roma, Génova, etc.
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8 7.380\$
COPENHAGUE «A Cidade Quente» — 10 dias
Partidas: 5, 14 e 23/8 8.100\$
A ESCANDINAVIA — 10 dias
Em autocarro de Copenhague a Copenhague Visitando Copenhague, Estocolmo, Oslo e Götterburgo
Partidas: 5, 14 e 23/8 13.250\$
AUSTRIA, HUNGRIA E IUGOSLAVIA — 10 dias
Em autocarro de Viena a Viena
Partidas: 3, 12 e 21/8 9.690\$
AUSTRIA, HUNGRIA E CHECOSLOVÁQUIA — 10 dias
Em autocarro de Viena a Viena
Partidas: 3, 12 e 21/8 9.250\$
INFORME-SE E INSCREVA-SE NA

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO
WAGONS-LITS COOK

Av. da Liberdade, 103 — Tel. 361521
Av. de Roma, 4, C — Tel. 722639 / 722654
Hotel Pittz R. Rodrigo da Fonseca, 85 — Tel. 680632

viagens
apolo
73
8 DIAS EM LONDRES

VIAGEM EM AVIÃO
ESPECIALMENTE FRETADO
Partidas todas as 5. Feras
durante todo o ano
PREÇOS A PARTIR DE **2.990,00**
Estadia com pequeno almoço
VISTA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto
CONSULTE A SUA AGENCIA HABITUAL

Casa de Repouso das Avenidas

INAUGURA-SE HOJE
É nova e tem máximo conforto. Recebe idosos, convalescentes e doentes crónicos (ambos os sexos). Seguem-se dietas por indicação médica. Ambiente familiar. Assistência médica e de enfermagem.
AV. CONDE VALBOM, 83-3.
T. 77 46 57



Três milhões de crianças bantas na África do Sul

fadiga escolar



OS PROGRAMAS DE ESTUDO TORNARAM-SE DEMASIADO PESADOS?

BIO-STRATH

SUPER ALIMENTO NATURAL
À BASE DE LEVEDURA

Restitui ao organismo as energias necessárias para o desenvolvimento físico e intelectual.

Aumenta as possibilidades de sucesso escolar.

Revigora as células e equilibra o sistema nervoso.

Produto Suíço preparado por STRATH LABOR-ZURICH

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Luke, presidente da U. K. S. A. T. A., deveria ser o primeiro a conhecer a situação. Uma das suas empresas associadas na África do Sul é a «Natal Threads», a qual paga a alguns dos trabalhadores metade do mínimo necessário para sustentar uma família africana.

A publicidade, mesmo a publicidade amigável nas mãos de homens das relações públicas astutas, é montada a fim de produzir uma interpretação digna de crédito de factos como esses. Não surpreende, por conseguinte, que menos de um terço das 100 principais firmas britânicas abrangidas se mostressem dispostas a revelar pormenores sobre os salários por elas pagos a africanos.

Apenas três das principais empresas britânicas pagam aos seus empregados salários superiores ao chamado «nível de

pobreza».

Convém esclarecer que este «nível de pobreza» não é um nível abaixo do qual uma família de cinco membros é considerada pobre, mas sim o salário mínimo, determinado por especialistas em nutrição e investigadores sociais, de que uma família africana média necessita para viver. Não inclui medicamentos, educação, poupança, férias, mobiliário, cobertores — nenhum luxo — nem mesmo uma viagem ocasional de autocarro.

Na verdade, o «nível de pobreza» representa um padrão de vida tão baixo que a maioria dos investigadores sociais se servem do conceito de «mínimo nível real» para exprimir o rendimento mínimo de que uma família africana precisa para ter uma vida decente. Não existe uma única empresa britânica na África do Sul empre-

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r.c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DOSSIER
INTERNACIONAL



Plataforma dos «não-brancos» numa estação de caminhos-de-ferro.

Sul

gando um número substancial de africanos que pague a todos os trabalhadores por este nível «humano» ou acima dele, o que corresponde aproximadamente a 34 dólares por semana.

Os salários africanos médios pagos na mina de zinco «Palabora», em Rio Tinto, atingem quase este mínimo. Todavia, o conselheiro da firma para os assuntos africanos, W. Felgate, não tem dúvidas de que se trata de um salário de sobrevivência: «O que se pode fazer com 96 rands (cerca de 132 dólares por mês)? Temos de reconhecer que é um salário insuficiente. Mas, pelo menos, com 96 rands, doenças como a «kwashiorkor» e a pelagra desaparecem.»

Os industriais britânicos, quando lhes perguntam quais as razões por que pagam salários abaixo do «nível de pobreza», apresentam várias justificações, que vão desde as leis da economia às leis do país. O presidente da «Hoover», Harry Wilcock, admitiu que alguns salários se situavam abaixo do «nível de pobreza» na fábrica da empresa, mas recusou-se a fornecer pormenores.

«A razão por que o não faço», disse, «é para não perturbar o equilíbrio na cidade. É fácil aborrecer as pessoas com as quais trabalhamos se nos distanciamos.»

Outra resposta típica a que nos foi dada pelo administrador da «United Kingdom South Africa Trade Association», comodoro do ar Freddy Rump: «O africano, nesta fase do jogo, até se tornar mais responsável, parece estar convencido de que, se obtiver um aumento, pode sentar-se a descansar e deixar que a produtividade diminua.»

Um terceiro ponto de vista, frequentemente ouvido, foi o de que, se as empresas britânicas pagassem mais, o único resultado seria agravar o desemprego dos africanos.

O Governo sul-africano, que começa igualmente a dar sinais de preocupação, é em larga medida responsável pelos baixos salários pagos aos africanos. Um destacado funcionário governamental disse: «Existem muitas empresas britânicas neste país gozando de excelente reputação em todo o mundo que têm pago aos seus trabalhadores menos do que está previsto.»

Críticas como esta começam a produzir os seus efeitos nalguns conselhos de administração, mas apenas nos mais compreensivos.

Um bom exemplo de uma empresa britânica com uma re-

putação a proteger que reagiu à pressão é Wilson Rowntree, subsidiária da firma gigante «quaker», Rowntree Mackintosh. Há seis meses, o salário mais baixo pago pela fábrica de chocolates da Wilson Rowntree, em East London, era cerca de 12 dólares por semana, menos de metade do padrão de subsistência mínimo. O secretário-geral do Sindicato dos Fabricantes de Doces, que representa os trabalhadores negros e brancos na fábrica (é-lhe vedado por lei ter membros africanos), declarou que o Sindicato estava tão desesperado com estes salários de «escravo» que apelara para a Embaixada Britânica. Duas semanas após o encontro dos representantes do Sindicato com funcionários consulares, Wilson Rowntree aumentou os salários dos trabalhadores mais mal pagos em quase 50 por cento.

«A primeira oferta que nos fizeram na contra-proposta cedida ligeiramente o nível. E, de repente, ofereceram estes aumentos fantásticos. Ficámos espantados», disse um funcionário sindical.

Membros da Embaixada Britânica confirmaram terem sido contactados pelo Sindicato que desejava o seu conselho, mas rejeitaram a sugestão de que a Embaixada tivesse intervido directamente.

A reacção do administrador-director da Wilson Rowntree, Peter Preston, foi mais violenta: «Não passam de uns mentirosos... é na verdade ciência, ficção.»

Interrogado sobre se o extraordinário aumento do passado mês de Outubro fora uma feliz coincidência, respondeu que a Wilson Rowntree já pensava havia algum tempo que os salários e outros benefícios marginais podiam ser melhorados. «Tentamos colaborar na industrialização deste país, e

estamos convencidos de que fomos muito bem sucedidos. Não é uma mão-de-obra barata, dado que eles necessitam de muito mais treino.»

Outras empresas britânicas de renome estão também a reformar actualmente os seus processos de recrutamento de mão-de-obra. A África do Sul tornou-se agora uma região tão sensível para as empresas britânicas que algumas das menos honestas se sentem tentadas a esconder a verdade. A Dunlop, que goza de uma das melhores reputações quanto a processos de recrutamento de mão-de-obra, continua a pagar a 4 por cento do seu pessoal salários inferiores ao «nível de pobreza». Todavia, numa carta escrita, no passado mês de Outubro, pelo presidente do conselho de administração do grupo britânica, a um membro do Parlamento, afirmava-se que, «os salários pagos pelas empresas do grupo situam-se acima do nível de pobreza». Isto em resposta à pergunta: «Quantos empregados vivem com salários inferiores ao nível de pobreza?»

Algumas empresas britânicas, tais como a ICI e a Shell, são uma excepção à regra, mas o principal estímulo para o progresso dos africanos parece vir agora das empresas americanas, bem como de um punhado de firmas sul-africanas esclarecidas, entre as quais se conta a South African Breweries. O administrador-director da Caltex, a companhia petrolífera gigante americana, está convencido de que a ordem de mudança para as empresas estrangeiras que exercem a sua actividade na África do Sul deve partir das salas de conselho das casas-mães. «Sejamos francos... todos nós podíamos andar mais depressa», disse.

ADAM RAPHAEL

A NOVA POLÍTICA DOS «PANTERAS NEGRAS»

...O que aconteceu a Bobby Seale? Seale, um dos fundadores do partido dos «Panteras Negras»; o jovem da boina preta e espingarda que provocou o terror nos corações brancos e deliciou a esquerda radical; o membro violentamente vocal dos Sete de Chicago que foi amordaçado e amarrado à sua cadeia por ordem do juiz Julius Hoffman; a sinistra figura julgada por assassínio há dois anos, no Connecticut, enquanto 4000 homens das tropas federais se encontravam de prevenção a fim de impedirem eventuais demonstrações violentas por parte dos seus simpatizantes. Pois este mesmo Bobby Seale, envergando um fato de homem de negócios conservador, apresentou-se como candidato democrático a «mayor» de Oakland, a cidade que serve de quartel-general aos «Panteras», nas recentes eleições municipais.

«Não haverá quaisquer perturbações nesta cidade... vamos às urnas», disse Seale a uma multidão que o aclamou delirantemente quando ele anunciou a sua candidatura.

«Dediquei a minha vida ao princípio de que as pessoas têm direito a uma vida melhor e mais decente», prosseguiu, «que pode começar com a ideia de que as pessoas têm direito a um emprego, quer sejam ou não especializadas.»

Seale refere-se depois às suas diversas ocupações: carpinteiro, músico de «jazz» amador e ministro ordenado da Igreja da Vida Universal, uma religião por correspondência. Dependendo de um conjunto de factores, Seale tem a possibilidade de ficar em segunda ou terceira posição numa corrida de oito candidatos ao lugar de «mayor», cargo que rende 7500 dólares por mês. Caso fique em segundo lugar, terá mais uma oportunidade num escrutínio final, se o candidato que for à frente obtiver menos de metade de todos os votos.

A candidatura de Seale suscitou o interesse nacional nas eleições desta cidade politicamente adormecida, de 360.000 almas, do outro lado da baía de San Francisco, onde cerca de 34 por cento do eleitorado é constituída por negros.

Seale conta-se entre os quatro candidatos mais destacados, incluindo John Sutter, advogado e vereador democrático branco, Otto Green, próspero homem de negócios democrático negro, e o actual «mayor» John Reading, republicano que fez fortuna na indústria alimentar e pretende ser reeleito para um terceiro mandato de quatro anos.

A mudança de tática política dos «Panteras» que se dispõem a trabalhar dentro do sistema foi bem recebida em Oakland.

No passado mês de Fevereiro, uma proposta de Seale no sentido da proibição de reuniões secretas do conselho municipal recebeu o decisivo apoio do único jornal importante da comunidade, o «Oakland Tribune», órgão de Informação ferozmente conservador. O próprio «mayor» Reading referiu-se a Seale como «um adversário de valor que levou a efeito uma campanha admirável... e conquistou o meu respeito.»

Recorrendo a uma tática evidentemente destinada a jogar com os receios dos moderados brancos, Reading mostrou-se convencido de que conseguirá cerca de 47 por cento dos votos, com Seale num mo-



desto segundo lugar, o qual lhe permitirá contudo participar nas eleições finais de 15 de Maio.

Sutter afirma que ficará em segundo lugar, Green em terceiro e Seale em quarto, enquanto que Green se declara convencido de que participará nas eleições finais, com Seale em terceiro e Sutter em quarto nas preliminares.

Todos, com excepção de Seale, prevêem que este obtenha entre 10 e 17 por cento dos votos. Seale afirma que ganhará imediatamente as eleições com uma maioria logo à primeira tentativa.

Os observadores políticos locais crêem que, a menos que Reading saia vencedor na «primária», o que é duvidoso, participará nas eleições finais contra Green, o qual contará com o sólido apoio da classe trabalhadora e do Partido Democrático, numa cidade racial-

mente mesclada que votou na proporção de 2 para 1 a favor do senador George McGovern, nas eleições presidenciais do ano passado.

Um aspecto ainda mais significativo desta campanha talvez tenha sido a ausência de história branca por causa da candidatura de Seale, o qual foi aceite seriamente por elementos da classe média que o escutaram cortesmente durante dois meses.

A nova estratégia de Seale foi explicada em Nova York pelo outro fundador dos «Panteras», Huey Newton:

«Estamos a levar a efeito o nosso trabalho doméstico fundamental, o qual consiste em organizar a comunidade e acompanhar a evolução do momento, porque, se não acertarmos o passo, a história condenar-nos-á.»

JEFFERSON MORGAN

EXCURSÕES CP

MADRID — Festas de St.º Isidro 73

Partidas colectivas em 19 e 26 de Maio

- ★ Partida de Lisboa — St.º Apolónia, às 21.10, no «Lusitânia-Expresso».
- ★ Assistência e transferência de autocarro da estação da Atocha/Hotéis e vice-versa.
- ★ Hotéis no centro de Madrid, em regime de pensão completa ou residencial.
- ★ Espectáculo nocturno num famoso «cabaret» da capital espanhola.
- ★ Regresso de Madrid, em 23 e 30 de Maio, respectivamente, à noite (22.30), no «Lusitânia-Expresso».
- ★ Possibilita-se o prolongamento de mais dias em Madrid, e o regresso, de dia, no comboio Ter.

PREÇOS POR PESSOA (TUDO INCLUIDO)

HS *** H *** (1.º cl.)
Pensão completa ... 1790\$00 2250\$00
Quarto e peq. almoço — 1450\$00

EXCURSÕES INDIVIDUAIS — Partidas diárias nos comboios Ter e Lusitânia-Expresso, também a preços aliciantes.

Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pessoas.

Informações e folhetos descritivos:

- ★ Estação de Lisboa-Rossio
- ★ Estação de Santa Apolónia
- ★ Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização, Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



anti-heros
de rêve

TEATRO EM PARIS - 1

«WOIZECK», de Georg Buchner. Tradução: Sylvie Muller e Jean Jourdeuil. Encenação: Jean-Pierre Vincent. Cenário e figurinos: Lucio Fanti, Patrice Gauchetier. Música: Karel Trow. Iluminação: André Diot. Intérpretes: Olivier Perrier; Yves Reynaud; Emma-nuèle Stochi; Bernard Bloch; Jean-Pierre Vincent, Philippe Clevénat, Dominique Miller, etc. Théâtre de l'Esperance. Cie. Vincent-Jourdeuil e Le Théâtre du Lambrequin. Tex Pop-Palace.

Escrita em 1835, «Woyzeck» foi a terceira e última peça de um dramaturgo que durante muito tempo o teatro ignorou. Só em 1916, graças à encenação que Max Reinhardt fez da «Morte de Danton», os alemães descobriram Georg Buchner cuja obra acabou por ser uma das fontes do teatro contemporâneo.

Quando Alban Berg transforma

Contudo, ao contrário do que possivelmente pretendiam, a sua encenação pende excessivamente para essa procura da carga onírica do texto deixando demasiado na sombra os aspectos abertamente sociais da obra. Vindos de uma prática brechtiana, os dois homens (que formam uma das mais consideradas equipas do novo teatro francês) sem desprezarem essa experiência, tentam uma revisão de processos dramáticos que aproxima o seu trabalho, salvo erro, mais do de Bob Wilson (o jovem norte-americano autor de «Le Re-

gard du Sourd») que do de Brecht. A encenação de «Woyzeck» é, nessa conformidade, uma tentativa, nem sempre conseguida, da criação de um espaço cénico em que se projectam os sonhos, os delírios, o itinerário de um homem perseguido mais do que pela sua própria loucura, pela loucura da humanidade que o rodeia. Esse espaço abre para o espectador uma leitura de signos que se vai transformando gradualmente numa vertigem que a impossibilita. A chave do trabalho de Jourdeuil e Vincent está nessa procura dum ponto

«Woyzeck» numa das obras-primas da música do nosso tempo, Buchner ocupa finalmente o lugar que lhe pertence e esse texto adquire uma projecção inesperada.

«Woyzeck» é uma peça inacabada, primeira condição; é uma obra que participa de uma realidade fortemente psicológica e de uma realidade fortemente social. A sua encenação pode, pois, incidir sobre um desses campos ou tentar a síntese de ambos. Lembro, a propósito, que esta peça foi uma das raras citadas por Artaud como com interesse de representação, embora fossem outras as suas intenções.

A versão cénica de Jean Jourdeuil e Sylvie Muller foi feita sobre os quatro manuscritos deixados por Buchner e permitiu a Jourdeuil e a Jean-Pierre Vincent criar um espectáculo que é antes de mais nada «uma investigação onírica sobre o limite do comportamento humano».

de desequilíbrio que obriga o espectador a mergulhar numa atmosfera quase surreal.

Uma balastrada coberta por panos que se retiram e que surge depois iluminada do interior; um fundo nocturno em que as estrelas parecem reais; um par de estranhos bonecos cobertos de pequenos espelhos que rodam, rodam incansavelmente parecendo irradiar uma luz que transporta o espectador para um outro espaço e para um outro tempo, numa das mais belas, das mais fascinantes cenas do espectáculo; um poço pelo qual as persona-



TEATRO

gens são tragadas como se fossem sugadas pela própria terra; duas estínges que guardam a cena impavidamente; uma boneca e um pequeno berço, jogos de crianças com que os adultos brincam como se fossem a sério. As próprias cenas cómicas são marcadas por esse tom onírico. Envolvidas por um cenário que participa do fantástico e do absurdo, as personagens actuam como se estivessem, elas próprias, numa situação de sonho ou de pesadelo.

Personagens que perderam o seu peso humano e, sobretudo, a sua identificação social, como se fossem elas também elementos do cenário (melhor: da atmosfera), bonecos animados capazes de assumir o sofrimento e a solidão de destroços humanos. A maldade que aqui surge deixa de ser qualquer coisa que se pode explicar e superar para parecer a marca de uma maldição que se abate sobre «Woyzeck» e o destrói inapelavelmente. «Sobre a terra nada permanece. Morreremos todos amanhã e sabemos-lo demasiado bem».

E esta litania, entoada por uma personagem, que permanece na memória do espectador. O que tem por objectivo fundamental, de acordo com os propósitos dos encenadores, apagar as fontes entre o normal e o anormal, fazer com que o espectador assumira essa condição de aparente «anormalidade», de forma a apreender mais profundamente a autêntica motivação de actos que ele classificaria de anormais.

Buchner inspirou-se num caso real para escrever «Woyzeck»: creio que os criadores deste espectáculo tentaram ao encenar a peça propor uma meditação sobre acontecimentos nos quais a antipsiquiatria lança luzes novas.

Os intérpretes de «Woyzeck» não conseguiram resolver todos os problemas postos por uma encenação que exige um tipo de representação fora do comum. As vozes, sobretudo, de uma maneira geral, prejudicavam a emissão de um texto belíssimo, desajudadas, ainda por cima, pelas más condições acústicas da sala. Em compensação, a carga poética da cena, o acerto da iluminação aqui fundamental, bem como a envolvimento sonora do espectáculo, fazem de «Woyzeck» uma experiência invulgar.

CARLOS PORTO

O JAZZ DE CASCAIS

Recebemos, a propósito do artigo «O jazz de calças», uma carta do nosso leitor Rui Moutinho, que a seguir transcrevemos:

«Depois de ter lido o artigo (não assinado) sob o título «O JAZZ DE CALÇAS», no DL de 29 de Abril, pareceu-me oportuno escrever algumas linhas sobre o conteúdo do mesmo.

Em primeiro lugar, fui um dos que, interessado em tudo o que de «verdadeiro» jazz acontece entre nós, não esteve presente no dito pseudo festival de jazz, realizado há dias no Monumental. E por uma razão muito simples: para além da opinião crítica que se poderia tecer, acerca das formações presentes (Quarteto de Marcos Resende, Ronnie Scott Trio), o objectivo do espectáculo era bem definido — não se procurava divulgar ou intensificar o gosto pelo jazz, mas tão-só promover publicitariamente (lucrativamente) uma marca de vestuário. E em manobras publicitárias não alinho eu, pelo menos sempre que posso...

O jazz, que se impôs desde há muito universalmente, como um dos movimentos musicais (artísticos) mais fecundos e originais do nosso século (veja-se a dimensão extraordinária que alcançou junto de um impressionante número de entusiastas e músicos em muitos países europeus), não necessita, de modo algum, destes (e outros) festivais comerciais para se divulgar. Só assim acontece entre nós, onde dada a escassez de programas de rádio, artigos de imprensa e a ausência total de

Música

- CARTA DE UM LEITOR

divulgação televisiva ou informativa por intermédio de revista(s) dedicada exclusivamente ao jazz, só muito recentemente se tenha procurado fazer alguma coisa de modo mais sistematizado pelo jazz e muitas vezes com nítidos objectivos lucrativos, aproveitando-se sabidamente a total ignorância de 99 por cento dos portugueses em matéria de jazz em particular e de música em geral. De facto, tem-se assistido entre nós (e não só) — a uma tentativa desesperada de reabsorção do jazz — como música de concepção progressista — pelos valores ditos culturais tradicionalmente aceites e incrementados. Tentativa desde logo votada ao malogro, pela própria essência do fenómeno jazzístico e das implicações que ele reflecte... Sim, porque se há música que não admite «compromissos», sob pena de se autodestruir, essa é o jazz (o verdadeiro jazz, entenda-se, e não certas formas abastardas de música que com os mais variados intuitos, v.g. comerciais, se procura fazer passar por jazz).

Em suma: apoie-se a divulgação do jazz entre nós, mas uma divulgação honesta e digna, que não subverta a verdadeira essência social, estética e política, deste fenómeno negro-americano desmascarando estas «jogadas» publicitárias e oportunistas...

Outra coisa: nada de meter no mesmo saco «jazz» e «rock». São coisas completamente distintas e que só a falta de informação e conhecimento do que é o jazz pode levar a confundir, confusão aliás que nada aproveita ao jazz.

E já agora uma sugestão: porque o «Diário de Lisboa» não dedica, à semelhança do que acontece com o teatro, cinema, artes plásticas e música clássica, uma rubrica regular de jazz, confiada a quem esteja dentro do assunto? Já ia sendo tempo, não?!»

(a) RUI MOUTINHO

N. da R. Sobre a sua sugestão, prometemos, pelo menos, estudá-la. Quanto ao resto, aqui estão expressas as suas opiniões. Se alguém se quiser pronunciar sobre elas...

ESTREIA EM PARIS

PARIS Baseado na peça de Calderon de la Barca, Daniel Ceccaldi, escreveu «Qu'Est-Ce Qui Fait Courir Les Femmes la Nuit À Madrid?», obra que é estreada no próximo dia 15, no Théâtre de l'Athénée, com cenários de André Levasseur. O elenco, formado por Maurice Risch, Mireille Deleroix, Jean Barney, Dominique Leverd, Marianne Borgo, Hubert de Laparent e Nicole Dubois, é dirigido por Paul Ducasse.

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Continuam na liderança dos «tops» as canções vencedoras do Festival da Eurovisão que revelou Anne Marie David e reafirmou o sucesso comercial de Cliff Richard. Entretanto «Eres Tu» dos Mocedades, desceu mais um ponto. «Killing me to Softly» e «Daniel» mantêm-se nas mesmas posições enquanto «Grand Hotel» dos Procol Harum regressa aos «dez mais». «Get Down» de Gilbert O'Sullivan vai ganhando terreno, e, ao contrário do que aconteceu na semana anterior, desta vez aparece nas tabelas um disco português: «Cavalgada» de José Cheta é êxito de vendas.

1	(2) — Tu te Reconnaîtras — Anne Marie David	6	(10) — Get Down — Gilbert O'Sullivan
2	(1) — Power to All Our Friends — Cliff Richard	7	() — Cavalgada — José Cheta
3	() — Grand Hotel — Procol Harum	8	(7) — Eres Tu — Mocedades
4	(4) — Killing me Softly... — Roberta Flack	9	() — My Reason — Demis Roussos
5	(5) — Daniel — Elton John	10	«Catch Bull At Four» — Cat Setevens



TIR NA NOG: PARA CONTINUAR?

E provável que «Frankenstein», o monstro do «rock» electrónico de Edgar Winter, se transforme num sucesso sem paralelo nos Estados Unidos, onde aparece esta semana em nono lugar entre os «dez mais».

O disco, tão perfeito que até tem efeitos fantasmagóricos de som, está actualmente a obter êxito na Grã-Bretanha e não deve tardar muito a aparecer na tabela de classificação de Londres.

Tie A Yellow Ribbon Round The Old Oak Tree continua a ocupar a posição cimeira tanto nos Estados Unidos como na Grã-Bretanha, surgindo esta semana, também, no topo das tabelas de Hong Kong e de Estocolmo.

Em Amsterdão, onde Cliff Richard continua em primeiro lugar com a canção que levou ao Festival da Euro-

visão, «Power to all Our Friends», o disco do conjunto Dawn surge na decima posição.

Há, porém, agora dois novos discos na Grã-Bretanha que poderão causar grande mexida na tabela «My Love» do conjunto Wings de Paul McCartney, e See Me Baby Jive dos Wizzards.

O antigo «beatle» conseguiu fazer com que dois dos discos anteriores dos Wings fossem proibidos nos postos de rádio da Grã-Bretanha por causa do seu discutido conteúdo. «My Love» é considerado, juntamente com outro êxito de Paul McCartney, «Mary Had a Little Lamb», como totalmente inofensivo.

A seguir, os top-ten da semana passada em centros mundiais escolhidos com a classificação da semana passada entre parêntesis

Depois dos «Beatles» e do reconhecimento geral, consequente à existência desse grupo, de que a música pop (ular) tem uma aceitação, no plano comercial e mesmo cultural, que não se julgava possível até então, vários foram os grupos que apareceram para logo desaparecer, sendo poucos os que permaneceram no topo da fama (e não, necessariamente, no topo da

qualidade). Dezenas de conjuntos foram descritos e anunciados com adjectivos que, tempos depois, qualquer leigo na matéria se envergonharia de empregar para os classificar.

Para a permanência por muito tempo num plano de evidência, a qualidade de música conseguida desempenha, como não podia deixar de ser, um papel preponderante, pese isso,

embora, à publicidade, aos jogos comerciais, etc. Nomes como os de Jethro Tull ou de Cat Stevens estão no lugar que ocupam porque produzem uma música de qualidade. Ora, por precisamente, com Cat Stevens e com os elementos do Jethro Tull que os **Tir Na Nog** trabalharam, em tempos. Será isso como cartão de apresentação? O tempo o dirá.

LONDRES

- 1 (1) — «Tie A Yellow Ribbon»: Dawn
- 2 (2) — «Hello Hello I'm Back Again»: Garry Glitter
- 3 (3) — «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- 4 (6) — «Drive-In Saturday»: David Bowie
- 5 (4) — «Tweedlee Dee»: Little Jimmy Osmond
- 6 (8) — «All Because Of You»: Georgie
- 7 (5) — «I'm A Clown»: David Cassidy
- 8 () — «See My Baby Jive»: Wizzard
- 9 (9) — «Never Never Never»: Shirley Bassey
- 10 () — «My Love»: Paul McCartney And Wings

ESTOCOLMO

- 1 (2) — «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- 2 (1) — «Ring Ring» (Swedish Version): Bjoern And Benny
- 3 (4) — «I Am an Astronaut»: Ricky Wilde
- 4 (3) — «Ring Ring» (English Version): Bjoern And Benny
- 5 (5) — «Can't Keep It In»: Cat Stevens
- 6 (8) — «Summer Never Says No»: Malta
- 7 (6) — «Garden Party»: Rick Nelson
- 8 (10) — «Ding Dong»: Lars Berghagen
- 9 (7) — «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- 10 () — «Tale Of Maria»: José Feliciano

HONG-KONG

- 1 (3) — «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
- 2 (1) — «It Never Rains In Southern California»: Albert Hammond
- 3 (6) — «Daniel»: Elton John
- 4 (2) — «Aubrey»: Bread
- 5 (8) — «Sing»: The Carpenters
- 6 (4) — «You're So Vain»: Carly Simon
- 7 (5) — «Relay»: The Who
- 8 (9) — «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
- 9 () — «Pinball Wizard»: New Seekers
- 10 () — «Don't Expect Me To Be Your Friend»: Lobo

BONA

- 1 (2) — «Der Junge Mit Der ...» (The Boy With The ...): Bernd Cluever
- 2 (3) — «Rock Me Baby»: David Cassidy
- 3 (1) — «Dreams Are Ten A Penny»: Kindace
- 4 () — «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- 5 (5) — «20th Century Boy»: T. Rex
- 6 (9) — «Cum On Feel The Noize»: Slade
- 7 (6) — «Woman From Tokyo»: Deep Purple
- 8 (8) — «Mama Loo»: Les Humphries Singers
- 9 (4) — «Ein Festival Der Liebe» (A Festival Of Love): Juergem Marcus
- 10 (7) — «In Den Augen Der ...» (In The Eyes Of ...): Christian Anders

AMSTERDÃO

- 1 (1) — «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- 2 (2) — «Forever And Ever»: Demis Roussos
- 3 (4) — «Tu Te Reconnaîtras»: Anne Marie David
- 4 (3) — «Le Lac Majeur»: Mort Shuman
- 5 (6) — «The Show»: Dizzy Man's Band
- 6 (5) — «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- 7 (1) — «Tweedlee Dee»: Jimmy Osmond
- 8 (9) — «Daddy's Home»: Jermaine Jackson
- 9 (8) — «Woman From Tokyo»: Deep Purple
- 10 () — «Tie A Yellow Ribbon»: Dawn

NOVA YORK

- 1 (1) — «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
- 2 (2) — «The Night The Lights Went Out In Georgia»: Vicki Lawrence
- 3 (4) — «The Cisco Kid»: War
- 4 (3) — «Little Willy»: The Sweet
- 5 (5) — «Sing»: Carpenters
- 6 (7) — «The Twelfth Or Never»: Donny Osmond
- 7 (8) — «Stuck In The Middle With You»: Stealers Wheel
- 8 (10) — «You Are The Sunshine Of My Life»: Steve Wonder
- 9 () — «Frankenstein»: Edgar Winter
- 10 () — «Drift Away»: Dobie Gray

DISCOS NOVOS

«Theodorakis chante Theodorakis» é o mais recente trabalho do famoso músico grego Mikis Theodorakis. Um álbum que engloba vários trechos entre os quais se destacam «Tu Veux Vivre des Femmes» e «Tu Lis les Saintes Ecritures».

Foi lançado no mercado discográfico português o último «Long Playing» de Freddie King, um dos melhores «bluesman» da música americana. Um álbum que tem o título genérico de «Te-

xas Cannonball».

Saiu, também, um álbum que reúne alguns dos nomes mais conhecidos da música ligeira actual. «Em «Original Versions» estão os New Seekers, J.J. Cale, Dusty Springfield, Demis Roussos, Lobo, Lindisfarne, Mouth e McNeal, Vicky Leandros, Ekseption, Cardinal Point, Leon Russell, etc.

Em «cassetes» foram gravadas diversas canções dos «New Seekers». En-

tre elas salientam-se «Beg, Steal or Borrow», «Nickel Song», «Never Ending Song of Love» e outras.

No respeitante à música clássica temos uma edição de «Peer Gynt Suitsen» de Grieg contendo entre outros trechos as suites n.º 1 op. 46 e n.º 2 op. 55.

VitoeDanielconstituem o «Duo Perspectiva» e acabam de gravar o seu primeiro disco comercial. Etiqueta «Estúdio».

UMA (PARTE DA) HISTÓRIA DA "POP MUSIC"

É notório o incremento que a música tem tido nos últimos anos. Pensando nisso, uma importante editora de discos resolveu lançar em Portugal uma colectânea musical designada «POP HISTORY» composta por 14 álbuns duplos, de alguns dos maiores nomes do panorama musical de todo o mundo, álbuns que contêm uma reunião dos maiores êxitos de cada artista.

O preço de venda ao público de cada álbum (duplo) é de esc. 260\$00.

Eis os nomes da colectânea «POP HISTORY»:

- 1 — Cream
- 2 — Jimmi Hendrix
- 3 — James Brown
- 4 — The Who
- 5 — Lovin' Spoonful
- 6 — Eric Burdon and the Animals
- 7 — Eric Clapton
- 8 — Ginger Baker
- 9 — Taste
- 10 — The Spotnicks
- 11 — Richie Havens
- 12 — John Mayall
- 13 — Booker T. and the Mgs
- 14 — Frank Zappa and the Mothers of Invention.

Começa a publicação da colectânea com o lançamento do

Vol. 1 dos Cream e o n.º 2 de Jimmi Hendrix. Semanalmente será lançado mais um álbum duplo.

GRILL DO HOTEL FLÓRIDA

Ao jantar toca

HELDER REIS

Telef. 54171

DOMINGO A NOITE



...E A GENTE VIVE DOS TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

«E a gente vive dos tempos que já lá vão», cantaria Lúcia Ribeiro, fadista de profissão, rouca ocasionalmente, no decorrer da gravação de mais um «Domingo à Noite». Foram as palavras mais certas que se ouviram em todo o programa.

AS PALAVRAS

1. As primeiras que se ouviram foram as de Eládio Clímaco e de Alice Cruz. Para apresentar José Cheta, que cantou letras de Sequeira Afonso, a primeira das quais intitulada «Amor Sobre a Neve», a segunda «(não sei quê que não se ouviu) da infância» e, a última, «Cavalgada». As palavras eram, entre outras, as seguintes:

«Nunca mais quero passar à rua da minha infância e ficamos a recordar os caminhos da distância oh, oh, oh, oh!»

Este naco foi retirado, evidentemente, da segunda canção. São as palavras de Sequeira Afonso, segundo tiveram a bondade de nos informar. O mesmo que, portanto, escreveu a «Cavalgada»? Foi, pelo menos, o que nos disseram. Mas as palavras que marcaram a «Cavalgada» foram as de Cheta: «Vão todos cantar comigo, tá bem?» (sorrisos nervosos na plateia). Já no meio da canção, torna o Cheta: «Não ouço nada!» E era verda-

de! Cheta não ouvia nada! Ninguém, na plateia, teve lata para fazer, á-á-á-á que o refrão exigia.

2. As palavras que se seguiram ouvimo-las pela boca de Lúcia Ribeiro, rouquíssima, aliás:

«É tão triste confiar e ser traída não vale a pena chorar nem deitar culpas à vida»

Lúcia, que veio vestida como se fosse uma convidada de honra ao concurso das misses, cantaria, ainda, a frase com que se inicia este artigo.

3. Depois, as palavras que puseram na boca de Florbela e Norberto. Perfeitamente ridículas, tanto na primeira como na segunda apresentação do par, quer a fazer a rábula da senhora esquecida, quer a gozar com os saldos que, em vésperas de Verão, são de artigos de Inverno.

4. Anne Michel. As palavras de Clímaco: «Da TV belga para a TV portuguesa... ANNE MICHEL!!!» Da artista belga, que chegou, mesmo, a cantar em flamengo, pouco se percebeu. E nada que valesse a pena.

5. Luís Filipe Costa entrevista Maria Dulce, que conta a história da sua vida e declama dois poemas, avisando, antes do «Quase», de Mário de Sá Carneiro, que não é uma declamadora, coisa que percebemos depois de a ouvir dizer o «Can-

tico Negro», de José Régio. Dulce entrevistaria, ainda, a «Maja Portuguesa». Nada de novo no reino da noite (de quarta/domingo).

6. As últimas palavras pertenceram a Clímaco: «Pedimos desculpa por este pequeno intervalo (...) que durará três, quatro minutos». Não demorou, sequer, dez segundos. E, logo a seguir: «Há quem diga «jazz» é cultura. Nós dizemos que «jazz» faz parte da cultura». Só então, só mesmo então, caríssimos leitores, depois de tantas palavras perfeitamente inúteis, se ouviram os primeiros acordes do trio de Ronnie Scott!

OS GESTOS

Os de Anne Michel, gestos de mulher fatal num corpo excessivamente forte para veleidades dessas.

Os do «ballet» do costume: duas aparições, a segunda das quais, vista mesmo de frente para o palco, conseguia um certo efeito. As meninas vestiram calças cor-de-laranja com flores pretas e camisolas pretas com flores cor-de-laranja, no primeiro número, e imitaram pagodes orientais para dançar o «Mercado Persa», na segunda intervenção.

Os de Manuela Varela Cid e Jorge Trincheiras, que dançaram o 2.º andamento «alegroferoce» da «4.ª Sinfonia», de Dvorak. Mais uma bofetada no «ballet» da casa. De vez em quando, os responsáveis

por «Domingo à Noite» convidam bailarinos a sério (para ensinar alguma coisa ao «Ballet Domingo à Noite»?).

A MÚSICA

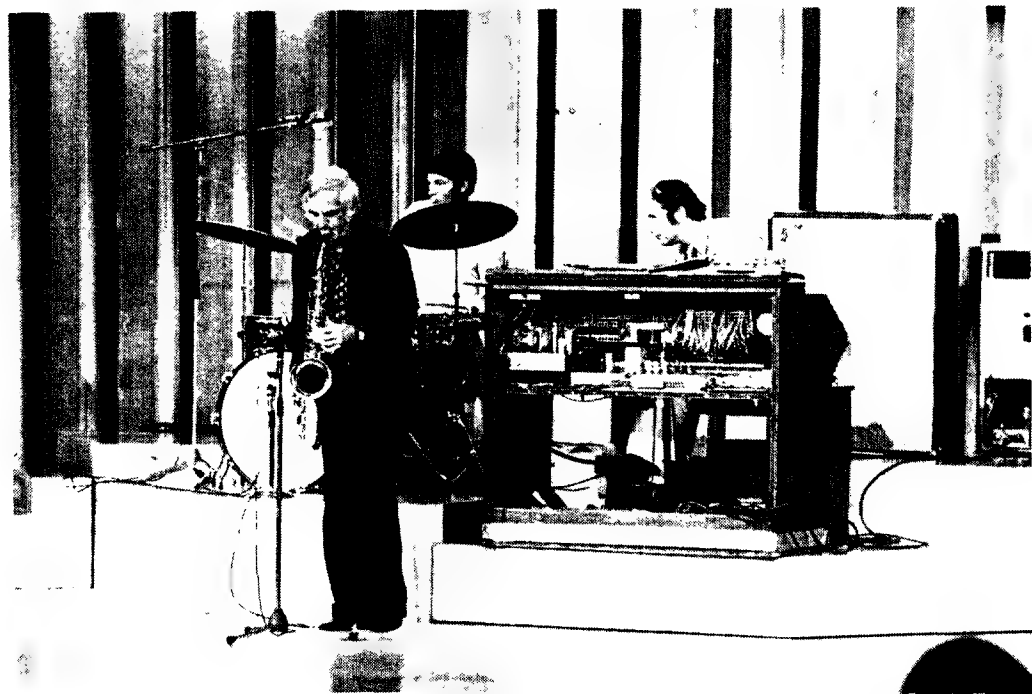
Bana e Seu Conjunto — Cabo-Verdianos, os elementos que constituem este agrupamento trouxeram ao programa que logo vai para o ar as «mornas» e as «coladeras» que cantam tão naturalmente que apetece.

Pena que o viola-baixo estivesse desafinado.

Marva Broome — Marva é gorda o que, para já, é um contra para muita elegância, principalmente quando se fala de música... Mas a negra canta «bem para diante». Foi um dos melhores momentos deste «Domingo à Noite», só superado, aliás, pela exibição do trio de Ronnie Scott, muito melhor a tocar quando não serviu de

acompanhamento a Marva. Um «jazz» sóbrio, clássico, sem grandes rasgos, sem grandes audácias, mas servido por músicos de excelente craveira, com especial relevo para Mike Carr, o organista, espantoso a servir-se da pedaleira. Foi o melhor momento de um programa que, não fora isso teria sido igual a todos os outros, pois só as moscas mudaram.

Nuno Gomes dos Santos



ANDARES

2 e 3 casas assoalhadas, alcatifadas, forradas a papel, acabamentos de luxo, aquecimento eléctrico.

DESDE 240 CONTOS

FACILIDADES ATE 10 ANOS

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
junto à placa da Flamenga



Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

Rosrio 74-3º telfr. 35438-35521-366257 LISBOA

INFORMAÇÕES NO LOCAL—LOTE 6—TEL.2531002

ANDARES

2 e 3 casas assoalhadas, alcatifadas, forradas a papel, acabamentos de luxo, aquecimento eléctrico.

DESDE 200 CONTOS

FACILIDADES ATE 10 ANOS

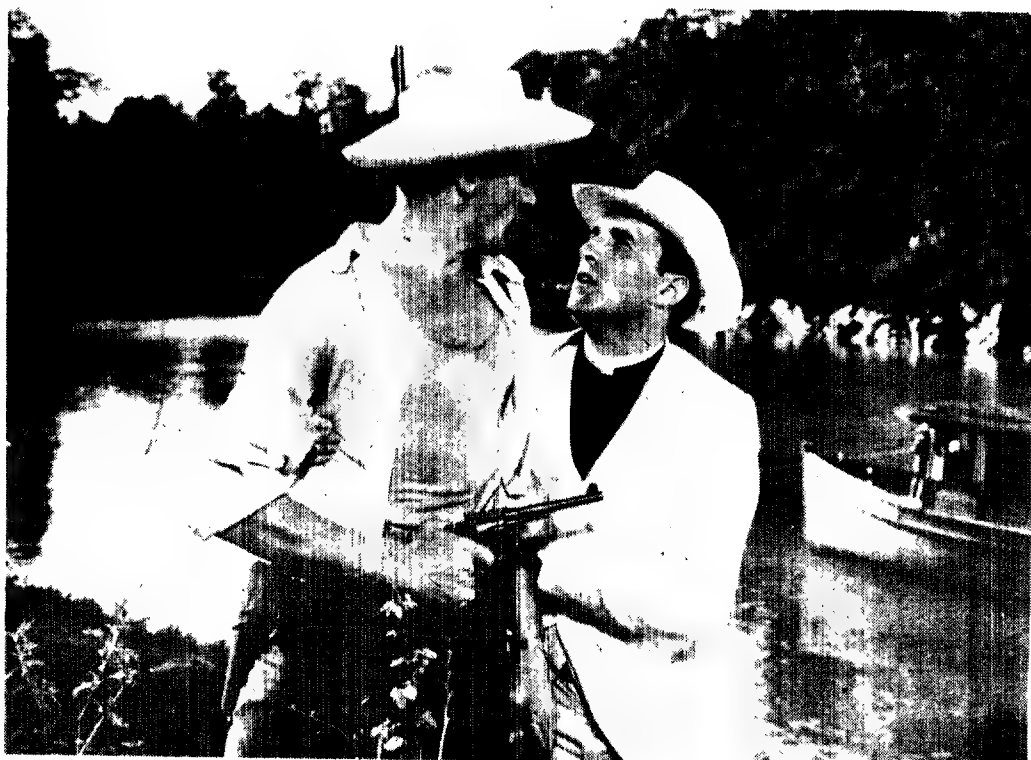
SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS
2 km após Loures
a 15 km do Marquês de Pombal



Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

Rosrio 74-3º telfr. 35438-35521-366257 LISBOA

BUNUEL FALA DE SI E DO CINEMA QUE FAZ



Uma cena de «Labirinto Infernal» (La Mort dans le Jardin)

Filmografia

- | | |
|--|--|
| 1928 — «Un Chien Andalou» | 1954 — «El Rio y la Morte» |
| 1930 — «L'Age d'Or» | 1955 — «Ensayo de un crimen» |
| 1932 — «Terre sans Pain» | 1956 — «Cela s'appelle l'Aurore» — «La Mort dans le Jardin» |
| 1946 — «Gran Casino» | 1959 — «La fièvre monte à El Pao» |
| 1949 — «El Gran Calavera» | 1960 — «La Jeune Fille» |
| 1950 — «Los Olvidados» — «Susana la Perverse» | 1961 — «Viridiana» |
| 1951 — «La Hija del Engaño» — «Una Mujer sin Amor» — «Subida al Cielo» | 1962 — «L'Ange Exterminateur» |
| 1952 — «El Bruto» — «Les Hauts de Hurlements» — «Robinson Crusoe» | 1964 — «Le Journal d'Une Femme de Chambre» — «Tristana» — «Voiejaeté» — «Belle du jour» — «Le charme discret de la Bourgeoise» |
| 1953 — «El» — «La illusion Viaja en Travia» | |

De uma ternura infinita sob uma crueldade aparente, intransigente e compreensivo, honesto e fiel a si próprio, à sua arte, ao seu ideal, aos seus amigos, é assim Luis Buñuel. Se Vigo foi o Rimbaud do cinema, então Buñuel será o Lautréamont. Nascido em Espanha em 1900, parte muito jovem para Paris em busca da liberdade. E é, justamente em Paris que Buñuel inicia a sua carreira cinematográfica dando os primeiros passos como assistente de Jean Epstein. «Foi então que o surrealismo me revelou que o homem não pode dispensar o sentido moral» — diz Buñuel. «Acre-

ditava na liberdade total do homem mas vi, no surrealismo, uma disciplina a seguir, e foi ele que me ensinou a dar o primeiro passo maravilhoso e poético, com «Un Chien Andalou» e «L'Age d'Or».

Após ter rompido com o surrealismo, Buñuel dirigiu «Terre Sans Pain», aliou-se aos republicanos espanhóis, conheceu um grande êxito nos Estados Unidos, e aceitou realizar filmes comerciais no México. Ainda no México e mais tarde em Madrid realizou uma série de obras-primas como «Subida al Cielo», «Nazarin», «Viri-

diana», «L'Age Exterminateur».

«Fiz maus filmes, mas moralmente sempre dignos; e seguí sempre os principais do surrealismo: «A necessidade de comer não desculpa a prostituição da arte». Sou contra a moral convencional, os fantasmas tradicionais, o sentimentalismo... E prosseguiu, Buñuel define assim a concepção que possui do cinema: «Bastaria que a pálpetra branca do écran reflectisse a luz que possui para que o universo saltasse. Todavia podemos ainda dormir tranquilamente porque a luz cinematográfica está seguramente doseada e acorren-

da». «O cinema é uma arma magnífica e perigosa, se for um espírito livre a manejá-la. É, igualmente, o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções, do instinto. Parece ter sido inventado para exprimir a vida do subconsciente cujas raízes penetram tão profundamente na poesia. Não se pense, com isto, que eu sou pelo cinema exclusivamente consagrado ao fantástico e ao mistério...»

«Peço ao cinema que seja o testemunho, o ajustar de contas do mundo, que diga tudo o que é importante na realidade. A realidade é múltipla e pode ter diversos significados, para diversas pessoas. Quero ter uma visão integral da realidade; e quero entrar no mundo maravilhoso do desconhecido. O drama privado do indivíduo não, pode, penso eu, interessar a ninguém digno de viver no nosso tempo. Se o espectador partilha as alegrias, as tristezas, as angústias do personagem do écran, é porque vê nisso o reflexo das alegrias, das tristezas de toda uma sociedade; por consequência, as suas próprias».

"O Loiro do sapato preto"

PIERRE RICHARD

Estreou-se quinta-feira última, a última obra de Yves Robert: «Le Grand Blond avec une Chaussure Noire». «Le Grand Blond avec une Chaussure Noire» necessitou de um eficiente arranjo gramatical para passar a ter título português: eliminou-se o adjectivo «Grand», passou-se da preposição «avec» para a preposição «de» e transformou-se o artigo indefinido «une» no artigo definido «la». Após esta complicadíssima solução morfológica «Le Grand Blond avec une Chaussure Noire» passou a intitular-se «Le Blond de la Chaussure Noire». «Le Blond de la Chaussure Noire» traduzido à letra deu, então, «O Loiro do Sapato Preto». «O Loiro do Sapato Preto», tem como principais intérpretes a loira (e recomendadíssima maíga de Alain Delon) Mireille Darc e o, também loiro, Pierre Richard. Pierre Richard que sendo menos loiro, tem os olhos mais azuis que Mireille Darc. Mireille Darc que, não se percebe porque, é muito mais conhecida do que Pierre Richard. Portanto, vamos ao loiro do sapato preto. Sapato preto, calçado pelo senhor

Grande, loiro, olhos azuis, distraído, pernas longas de bailarino, saltitante e aéreo, é assim Pierre Richard. Com o «Distraído» e «Les Malheurs d'Alfred», Pierre Richard deu-nos a conhecer um novo cómico, um personagem moderno, «um cómico dos nossos dias», como diz Yves Robert. Dir-se-ia que todas as desgraças vão recair sobre ele, mas são sempre os outros as vítimas. Ele passa pela vida com um sorriso nos lábios, maravilhado, feliz. O humor do visual, o cómico do absurdo, a fantasia da lógica sempre Pierre Richard os cultivou.

Um feliz encontro com Yves Robert provocou o início da sua carreira de autor-realizador. Em «O Loiro do Sapato Preto» o personagem interpretado por Pierre Richard não será nunca a vítima que representou, nem as catástrofes que desencadeou. «Mesmo que o meu personagem calçasse dois sapatos», diz Pierre Richard, «estes nunca seriam da mesma cor».

Mais popular embora, que



O loiro e a loira, às voltas com o sapato preto.

Pierre Richard, há sempre algo que se não sabe de

MIREILLE DARC

Orientou a sua carreira em inteligência, e tornou-se numa das mais encantadoras comediantes francesas. Mireille Darc além de ser uma mulher bonita possui também uma forte personalidade.

Em «O Loiro do Sapato Pre-

to», a última arma usada por Bernard Blier para atingir o «Loiro» (Pierre Richard) é uma mulher... e Mireille Darc interpreta com muito espírito o seu papel de sedutora, utilizando todos os meios de sedução para obter as confidências e os segredos que a sua vítima não pode, evidentemente, confiar-lhe.

Nos doze anos da sua carreira, Mireille Darc já interpretou uns vinte filmes, entre os quais

se contam «Galia», «La Grande Sauterelle», «Week-end» e «Jeff».

Posto isto e tendo em conta que a «fita» de Yves Robert bateu, na corrida às bilheteiras dos cinemas europeus, filmes como «O último tango em Paris», «O Padrinho» e «César e Resalie», será caso para perguntar: como descalçará a bota «O Loiro do Sapato Preto»?

Roberto Rossellini

«Não creio que a arte possa ser estranha à vida, e a vida é tudo. Creio que a grande função do artista é aproximar-se o mais possível de todos, entregar-se o mais possível à descoberta, ser animado pela vontade de se aproximar da verdade, uma verdade inteligível para todos, tanto quanto possível. O que não quer dizer que se deva pensar exclusivamente no público, porque então o discurso resultaria totalmente falso, noutro sentido. Isto é, a linguagem deve ser simples, directa. Desse modo, alcança-se igualmente a emoção, porque a participação é total. Se, pelo contrário, o artista se entrega ao virtuosismo, aos exercícios de estilo, a obra torna-se árida e estranha ao público e estranha a nós próprios».

«A Tomada do Poder por Luís XIV» de Rossellini; hoje de manhã no São Jorge, em Cinema Com Critério, com o patrocínio do Cine Clube Católico.

SINTESES CRÍTICAS

DE TEATRO

GASPAR
de Peter Handke

Encenação de José Luiz
Gomes
Teatro Villaret

Exactamente hoje, pelas 16 horas, o leitor dispõe da última oportunidade para ver um espectáculo que constitui uma das mais fascinantes experiências teatrais que passaram por palcos portugueses. Uma peça sobre a linguagem e as possibilidades que oferece na manipulação nada inocente do homem interpretada por um grupo de actores espanhóis encabeçados por José Luiz Gomes e transformada num espectáculo que não se deve perder.

**PRÓ MENINO
E PRÁ MENINA**
revista de Francisco Nicholson, Mário Alberto, Nicolau Breyner e Gonçalves Preto.

**Música: Pedro Osório,
Braga Santos e Correia Martins.**

**Realização plástica:
Mário Alberto.**

**Encenação: Nicolau
Breyner.
Teatro ABC.**

Se o leitor gosta da revista, não precisa que lhe recomende a nova produção de Sérgio de Azevedo. Se não gosta ou está farto, experimente a reconciliação com este espectáculo que confirma a intenção de renovar o espectáculo de revista na nova equipa do ABC.

CARLOS PORTO

BALLET NO S. LUIZ

O Grupo de Bailado de Anna Mascolo foi criado em 1969 e é constituído basicamente por elementos formados na Escola que a titular fundou e dirige desde 1958, e na qual foram treinados bailarinos portugueses, alguns dos quais exercem actualmente a sua actividade no estrangeiro, a par de outros integrados presentemente no Grupo de Bailados Portugueses «Verde Gaio» e no «Grupo Gulbenkian de Bailado».

Ao «Grupo de Bailado de Anna Mascolo» foi confiada, em 1969, a componente coreográfica das temporadas de Opera do Teatro da Trindade, sob inteira responsabilidade da sua titular.

No Natal de 1969 levou a efeito no Teatro Maria Matos o programa «Contos e Fantasias Coreográficas» inteiramente dedicado às crianças de Lisboa, o qual foi gravado para a Rádio Televisão Portuguesa e, pelo seu valor pedagógico, integrado no

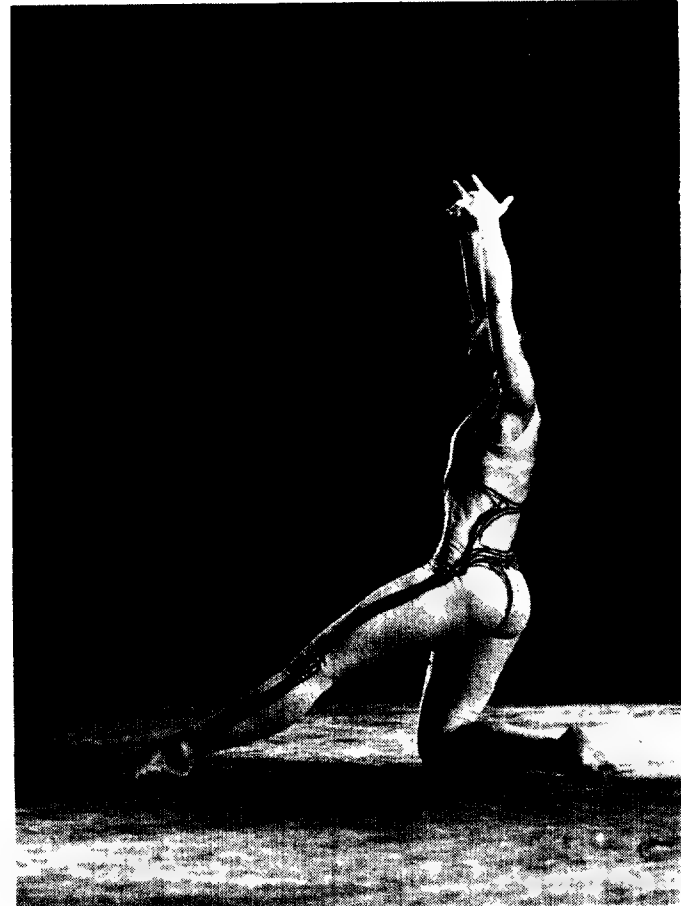
«Programa Juvenil».

Em 1970, o «Grupo de Bailado de Anna Mascolo» convidou especialmente o coreógrafo Anton Dolin a deslocar-se a Lisboa para repor o bailado «Pas-de-Quatre» que foi dançado pela primeira vez por bailarinas portuguesas, aquando dos espectáculos realizados no Auditório da Fundação Maria Madalena de Mello.

Ainda em 1970, Anton Dolin recriou o seu bailado «O Cisne de Tuonela» para o repertório do Grupo, com a participação do Primeiro Bailarino Vincent Warren expressamente convidado para esse fim.

No mesmo ano, continuou a sua participação nos espectáculos de Opera do Teatro da Trindade.

Em 1971 e 1972, em virtude de continuar a não usufruir de qualquer subsídio oficial ou particular, o «Grupo de Bailado de Anna Mascolo» limitou a sua



apresentação pública às temporadas de Opera do Teatro da

Trindade.

Em 1973, a convite do Teatro Municipal de S. Luiz apresenta neste Teatro uma série de espectáculos para a realização dos quais o Grupo tomou a iniciativa de convidar bailarinos estrangeiros de renome internacional.

No prosseguimento de um já longo e enraizado vínculo não só profissional mas também de amizade com a titular do Grupo, George Skibine reaparece em Portugal através da sua coreografia «Anabel Lee», para o efeito reposta por Marjorie Tullchief.

Por ocasião dos espectáculos, que decorrem actualmente, no S. Luiz, o pintor francês André Delfau, em atenção a Anna Mascolo, colabora com o Grupo apresentando a exposição «Impressões de Dança através do Mundo», onde se evidenciam além da sua interpretação pictórica do movimento, as suas qualidades de cenógrafo e figurinista de Bailado.



FREI VICENTE: Segundo disco para breve

«Meu nome é Vicente do Nascimento... foram as primeiras palavras do homem que tenho na minha frente. Um homem nascido há trinta anos em S. Jorge, na Madeira, e que por vocação escolheu a vida monástica como maneira de estar no mundo. Encontrei-o no silêncio rígido do Convento da Portela, em Leiria. O pretexto desta entrevista surgiu do facto de Frei Vicente se ter revelado ao mundo exterior (do convento) através da sua voz e da sua viola.

Onde tem feito a sua carreira?

Estive em Braga, dos 14 aos 19 anos; em Torres Vedras, dos 19 aos 23; em Leiria, dos 20 aos 23; em Lisboa, dos 23 aos 27. Foram estes anos preparatórios da vida em que me sinto comprometido. Depois da ordenação regresssei outra vez a Leiria onde me encontro vai para três anos.

Quando se sentiu atraído para a Viola e para o canto?

Canto desde o berço e toco há sete anos.

Porque o faz, Frei Vicente?

Por uma necessidade superior às minhas forças. E também

modo eficaz de divulgar a mensagem cristã e franciscana.

Sabemos que tem colaborado em vários programas. Pode-nos dizer alguns deles?

No Teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, várias vezes; outras tantas em Lisboa. Monumental, Império, Pavilhão de Desportos da Tapadinha; algumas actuações no Teatro Santo António, de Faro e diversas intervenções na rádio. As solicitações são constantes.

Quantos discos já gravou?

Apenas um disco (45 rotações). O próximo vem já a caminho e não tardará.

Sem ponta de enfado, solicito, o nosso entrevistado ia respondendo, amavelmente, à série de perguntas.

Costuma cantar e tocar viola durante os actos religiosos?

Sim. É um modo de participação nos cânticos e na liturgia.

Gosta de Leiria?

Gosto imenso. Encontro por cá muito apoio e muitos aplausos quando apareço para cantar.

Que temas escolhe?

Letras e músicas que digam alguma coisa ao mundo em

que vivemos. Mensagens humanas e cristãs.

A música e os poemas são geralmente de sua autoria?

Alguns deles. Gosto mais de cantar músicas e letras compostas por outros autores. Não sei porquê.

Como é encarada pelos seus superiores hierárquicos e colegas, essa propensão para a música e para o canto que exhibe publicamente?

Nos tempos idos não era assim. Hoje há mais abertura e maior compreensão para cada um realizar a sua vocação com os dons e a capacidade que Deus nos deu.

A nossa entrevista chegava ao fim. Frei Vicente, como qualquer irmão franciscano, tem a vida programada. Além das funções pedagógicas que exerce no Convento, frequentado por sessenta internados na carreira religiosa, dá ainda lições de viola.

Antes da nossa despedida, ariscamos mais uma pergunta.

Projectos Frei Vicente?

Desejo continuar a ser fiel à Igreja e à Ordem tendo por fim principal a minha realização como franciscano e como padre. A voz e a viola estão

em função destas duas realidades.



ORGANISMO DA PREVIDÊNCIA

ADMISSÃO DE PESSOAL

- ENGENHEIRO CIVIL DE 1.ª CLASSE
- ARQUITECTO DE 1.ª CLASSE
- AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA CIVIL DE 1.ª CLASSE

Horário concentrado

Prémio de produtividade

Outras regalias

Indicar curriculum

Resposta a este anúncio ao n. 790

→

Lisboa Porto

←

7 COMBOIOS
DIÁRIOS
EM CADA
SENTIDO

VIAJE DE COMBOIO!

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES





José Rodrigues pinta a ilha de S. Miguel

Na Secção de Arte do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, Açores, expõe José Rodrigues. Trata-se de uma mostra da paisagem da ilha de S. Miguel.

Muito conhecido e, ao que parece, admirado, pelos açorianos, José Rodrigues tem uma longa experiência atrás de si.

Natural de São Félix da Marinha, Vila Nova de Gaia, expõe na cidade do Porto, em 1927, os seus estudos de pintura. Convidado, pelo cônsul-geral do Brasil no Porto, expõe no Rio de Janeiro e São Paulo, em 1929.

Expõe em Lisboa, em 1936, de parceria com o médico-pintor João Carlos Celestino Gomes.

Concorre e participa nas exposições de Arte Moderna levadas a efeito pelo S. N. I.

Em 1949 é convidado pelo Embaixador da Venezuela em Lisboa a expor as suas obras em Caracas.

Realiza, em 1950, a sua exposição de obras produzidas em Portugal, na capital daquela República da América do Sul.

Esculpe, em madeira, a imagem de N. S. de Fátima, que oferece a Igreja da Venezuela, e se encontra no templo de Altigracia, em Caracas.

Realiza, em 1951, nova exposição, em Caracas, com aspectos paisagens da Venezuela. De regresso a Portugal, apresenta, em 1960, a exposição «Aquarelas do Mar», integrada nas Comemorações Henriquinas, na sala do Palácio Foz.

Em 1961, expõe «Aquarelas do Litoral».

Inaugura a Sala da Biblioteca Municipal de Sesimbra, em 1962, com uma exposição de motivos do mar.

«Moinhos e Azenhas de Portugal» é o tema da exposição realizada no Palácio Foz, em 1964, sobre os tradicionais exemplares de farinação.

Em 1964 expõe «Aquarelas de Portugal», na Galeria de Turismo de Leiria.

Expõe, em 1971, na Sala de Exposições da Editora Nacional, em Madrid, Espanha.

É convidado, então, pelo Ministério da Informação e Turismo, de Espanha, a pintar aspectos e paisagens das terras espanholas.

Apresenta, em 1967, na Sala de Exposições da Embaixada de Espanha, em Lisboa, a teoria de obras produzidas naquele país, sob o tema «Por Terras de Espanha».

Repete, em Madrid, em 1968, a exposição «Por Terras de Espanha», a convite do Ministério da Informação e Turismo, e que teve lugar na Sala do Prado do Ateneo de Madrid.

Apresenta, em 1969, na Galeria de Arte da Comissão Regional de Turismo de Leiria, a sua colecção «Portugal e Espanha».

«Da terra e do Mar» é a teoria que expõe no Palácio Foz, em 1969.

No Museu de Setúbal expõe, em 1969, «Aquarelas da Península do Sado», com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Em 1970 expõe, no Rio de Janeiro e São Paulo, «Paisagens de Portugal», no Centro de Turismo de Portugal no Brasil, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Em 1972 expõe na Casa de Portugal, em Nova-Iorque, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Salvador Vieira expõe no Porto

Segundo se lê no programa da exposição ora patente na galeria de Arte, na Rua Barão de Forrester 774, Porto, trata-se de «um dos mais importantes acontecimentos artísticos do Porto nos últimos anos». O responsável pelo «acontecimento» é Salvador Vieira.

Tendo frequentado a Escola Superior de Belas-Artes de Paris, onde teve como professor Chpin Midy, ao mesmo tempo que trabalhava no atelier dos famosos arquitectos Jean Ginsberg e Maurice Favette, Salvador Vieira transformou-se, com os anos, num dos casos mais sérios da moderna pintura portuguesa.

Ainda em Paris, onde expôs diversas vezes em conjunto com

artistas como Cargaleiro, Costa Camelo, Helder Godinho, Rodrigo Ferreira, Aurélio Guerreiro, Bertino e outros, cedo o seu nome se projectou para fora do ambiente que restringe os artistas nacionais. E, em Portugal, além de mais, foi seleccionado para o «Concurso de Design Pegasus», realizado pela Mobil, em 1970, no qual só entraram nomes consagrados como Palolo, Pedro Sobreiro, Eduardo Nery, Cruz Filipe, Jorge Martins, Noronha da Costa, Hogan, Nikias Skapinakis, etc. Razões por que esta Exposição de Salvador Vieira, para a qual chamamos a atenção de todos os amantes da pintura moderna, constitui um acontecimento assinalável na vida artística do Porto.



Um trabalho de Salvador Vieira.

NOTÍCIAS

MIGUEL YECO NA GALERIA JUDITE DA CRUZ - Será inaugurada amanhã, pelas 22 horas, na Galeria Judite da Cruz, uma exposição do artista Miguel Yeco.

A PINTURA DE ATSUKO MITSUHASHI - Prolongou-se até ao próximo dia 16 a exposição de pintura de Atsuko Mitsuhashi que está patente na Galeria de Arte «Diário de Notícias».

PIRES VIEIRA NA GALERIA DE ARTE MODERNA DA SNBA - Na última 5.ª feira foi inaugurada, na Galeria de Arte Moderna da SNBA uma exposição de pintura de Pires Vieira.

FERNANDES SILVA - Até ao dia 19 do mês corrente estão expostos trabalhos do pintor Fernandes da Silva na Sociedade Nacional de Belas Artes.

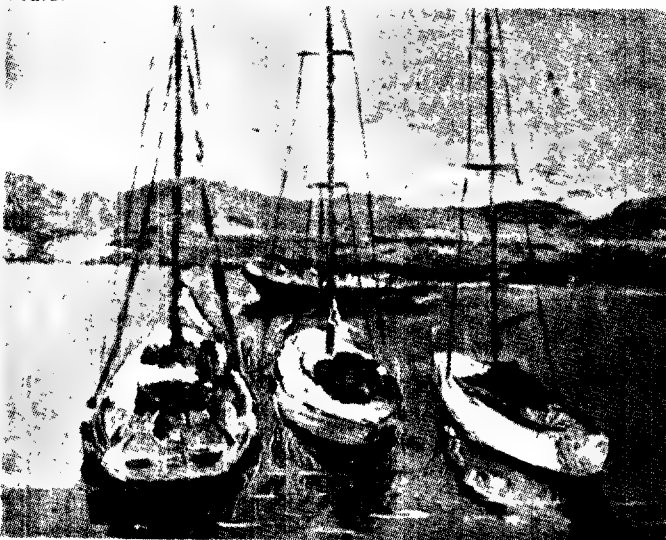
GRAVURA - Ainda na SNBA, estão em exposição vários trabalhos integrados numa mostra subordinada ao título «Gravura/72».

SEGUNDA EXPOSIÇÃO NA «PRISMA/73» - Até 30 deste mês estão expostos, nesta nova galeria de Lisboa, desenhos e pinturas de António Cruz, Arnaldo Figueiredo, Rui Filipe, Lima de Freitas, Lagoa Henriques, Alice Jorge, Maria Keil, Isabel Laginhas, Querubim Ipa, Tomás Mateus, Pedro Morais, Sá Nogueira, Alvaro Perdigão, Júlio Pomar, Francisco Relógio, Rogério Ribeiro,

Adão Rodrigues e Nuno San-Payo. A «Prisma/73» anunciou, entretanto, uma exposição de Júlio Resende a inaugurar em breve.

CURSO DE SERIGRAFIA

Vai realizar-se no IADE (Instituto de Arte e Decoração) um Curso Prático de Serigrafia, de dois meses (15 de Maio a 13 de Julho, orientado pelos artistas e técnicos José Manuel Man e Luís Garcia, com o apoio dos ateliers de Serigrafia e Fotografia daquele estabelecimento de ensino artístico livre. O Curso dará uma aprendizagem técnica e artística nos campos da gravura, da reprodução dos trabalhos gráficos ou do «poster». As inscrições podem ser feitas na Secretaria do IADE, R. do Alecrim, 70, em Lisboa, Tel. 367430-367438, encerrando-se o seu prazo no dia 8 de Maio.



«Marinha em Belém», de Fernandes da Silva

FILMES DE ARTE - Em prosseguimento do programa iniciado com a abertura da exposição de escultura, desenho, gravura e fotografia de Eduardo Paolozzi no Instituto Britânico (Rua Luís Fernandes 3, Lisboa 2, a S. Marçal), o Instituto Britânico promove, conforme fora previamente anunciado sessões de cinema, respectivamente na quarta-feira, 9 de Maio, às 17 horas e na sexta-feira, 11 de

Maio, às 18. Todos os filmes são referentes a artes gráficas. As sessões são de entrada livre.

A Espanha presente na Feira Internacional de Luanda

Regressaram por via aérea a Madrid os srs. Victor Audera e Lorenzo Sanchez, respectivamente Comissário das Feiras do Exterior, do Ministério do Comércio de Espanha, e membro da Câmara de Comércio e Indústria de Madrid - elementos que a Luanda se tinham deslocado para preparar a presença da indústria espanhola na Feira Internacional de Luanda (FILDA), certame já com prestígio enorme a nível mundial.

A visita processou-se no seguimento dos relatórios prestados ao Governo Espanhol pelas Missões Económicas que ultimamente se têm deslocado à capital de Angola e que têm sido unânimes nos elogios à FILDA e no interesse para a Espanha da sua presença em força no mais importante certame industrial angolano (Lusitânea).



CINEMA NO MUNDO

FILME AINDA SEM REALIZADOR - «Donne Al Confessionale» é o título de um filme que o produtor Carlo Infascelli está a preparar, desconhecendo-se, por enquanto, o nome do realizador a quem vai confiar a concretização do seu projecto cinematográfico.

«NOVO CINEMA» - A «Nona Mostra Internacional Del Nuovo Cinema» realiza-se em Pesaro, na Itália, de 12 a 19 de Setembro.

RUGANTINO - Pasquale Festa Campanile começou a rodar num dos bairros mais

característicos da velha Roma, o Trastevere, o seu filme «Rugantino», com Adriano Celentano e sua mulher Claudia Mori como protagonistas. A seu lado actuam Guglielmo Spoletini, Grazia Maria Spina, Toni Ucci, Paolo Stoppa, Sergio Tofano, Luigi Basagaluppi, Pippo Franco e Enrico Colli.

DOCUMENTÁRIO SOBRE O ANTÁRTICO - O realizador Angelo Grimaldi, auxiliado por Frederick Deakin e Giampaolo Pansa nas pesquisas históricas, terminou a película «R.S.I.» (Repubblica Social Italiana), uma produção do instituto Luce, que, entretanto, iniciou os trabalhos de rodagem de nova película, «Continenti Di Ghiaccio», de Luigi Turolla. Trata-se, este filme, de um documentário sobre o antártico, sendo necessárias filmagens por baixo dos «icebergs», o que sem dúvida vai dificultar os trabalhos.



DOUTOR

GUILHERME FERNANDO PEDROSO POSSOLLO

MISSA DO 30.º DIA

Maria Luiza de Vasconcellos Pimentel Pedroso Possollo Pereira da Cruz, seu marido, filhos e genros; Luiz Gonzaga de Vasconcellos Pimentel Pedroso Possollo, suas filhas e genros; Maria da Assumpção Possollo Pellen e filha; Helena de Vasconcellos Pimentel Quartim Bastos, Viscondes de Villa Maior, Maria de Vasconcellos Pimentel Vasques, sua filha e genro, participam que amanhã, às 12 horas, na igreja de Santiago, será celebrada missa pelo eterno descanso de seu querido pai, sogro, avô, irmão e cunhado.

P. N. A. M.

DESPORTO

BASQUETEBOL

PORTUGAL DEFRONTA A HUNGRIA

NO PRIMEIRO DIA DO "EUROPEU"

A partir das 11 horas de hoje o Basquetebol português retoma os seus contactos de alto nível efectuando o primeiro jogo da zona B do Campeonato da Europa, que se desenrola na cidade de Szombathely, situada na parte ocidental da Hungria.

— 1,85 (Sporting); n.º 15, Joaquim Neves, 27 — 2,00 (Académica Moçambique).

O «capitão» da equipa é o moçambicano Nelson Serra. Segundo os entendidos, Portu-

de agora, realiza-se na Espanha, no mês de Setembro.

Os dois últimos são despromovidos, alinhando de futuro na divisão C, que passa a existir a partir deste ano e onde irão parar todas as nações de nível considerado primário. Note-se que as divisões A e B terão de futuro 12 países cada, abarcando a C todos os restantes.

Para a prova em que participa Portugal estavam indicados 18 países, tendo-se verificado (posteriormente) as desistências do Egipto, da Suécia e da Suíça. As duas séries estão formadas com: Alemanha Oriental, Áustria, Dinamarca, Escócia, França, Holanda, e Israel (na série A, com jogos marcados para a Áustria) e os indicados como adversários de Portugal, na série B, marcada para a Hungria. De cada série classificam-se os dois primeiros para a fase final e desse grupo de quatro sairão os dois da promoção.

A 9 e 12 há descanso para todos, regressando a comitiva portuguesa às 18 e 50, do dia 15, uma 3.ª-feira, no voo TAP 515.



A equipa que representa Portugal no Campeonato Europeu de Basquetebol, com o treinador-adjunto Eduardo Araújo.

O primeiro adversário de Portugal é o próprio país organizador, a Hungria, seguindo-se a Bélgica, Turquia, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Grécia e Finlândia, numa sucessão de jogos em oito dias que nos deixam nulas hipóteses de classificação mas vão (certamente) contribuir para que diminua o fosso que nos separa das nações «Civilizadas» (em termos de Basquetebol, entenda-se, pois dos outros não cuida esta nota noticiosa...). É que, Portugal afastou-se das regulares competições a nível de selecção, há 22 anos (o último campeonato em que participámos foi o de Paris, em 1951), regressando, agora em situação de desvantagem em relação à grande maioria dos outros concorrentes, mas animado das intenções que usam presidir às representações desportivas nacionais: aprender. Até quando? Isso é outro problema. Para já temos esta viagem à Hungria, só possível graças aos «Dovers» cambiados em escudos ou seja: o dinheiro que a fase final do campeonato nacional de Basquetebol, o ano passado disputado no Porto, rendeu à Federação, graças ao fascínio de Dale Dover, mola real do F. C. do Porto — campeão e das bancadas e cofres cheios.

Recorde-se (apenas) que no distante campeonato europeu em que participámos Portugal se classificou em 15.º lugar (entre 17 concorrentes), tendo ganho apenas à Suíça e à Escócia e fazendo parte da selecção o actual presidente da Federação (Máximo Couto).

O MAIS NOVO TEM 19 ANOS E O MAIS VELHO 27

A delegação portuguesa ao Campeonato Europeu é consti-

tuida por 16 pessoas, a saber: os dirigentes, Fernando Ramos Pereira (vice-presidente da Federação) e José Paulo Mendes (secretário-geral), dos técnicos (Teotónio Lima e Eduardo Araújo) e 12 jogadores.

Os jogadores pertencem ao Sporting (três), Benfica (três), Sporting de Lourenço Marques (três), Académica (um), Académica de Moçambique (um) e Atlético da Beira (um) e são os seguintes, indicando-se a idade e altura: Augusto Baganha, de 22 anos, 1,75 metro de altura, pertencente à Académica e joga com o número 4. Número 5, Nelson Serra, 27-1,85 (Sport. Lourenço Marques); n.º 6, António Encarnação, 28 — 1,98 (Sporting); n.º 7, Roberto Saramago (Beito), 21 — 1,85 (Sporting); n.º 8, Leonel Santos, 21 — 1,90 (Benfica); n.º 9, António Pratas, 27 — 1,85 (Benfica); n.º 10, Quan Gui, 25 — 1,80 (Atlético da Beira); n.º 11, Rui Pinheiro, 19 — 1,98 (Sp. Lourenço Marques); n.º 12, Mário Albuquerque, 29 — 1,90 (Sp. Lourenço Marques); n.º 13, Paulo Carvalho, 24 — 1,89 (Benfica); n.º 14, José Carlos Gomes, 20

gal terá possibilidades de dirigir o triunfo em jogos com a Inglaterra, Finlândia e Turquia. Melhor seria: para ganhar mais um ou outro, na realização da fase de apuramento como aquela em que Portugal participou em 1963, em Madrid. Mas este ano não há. É directo à fase derradeira, tal como aconteceu em Paris, há 22 anos, com os resultados e a classificação referidos atrás.

O calendário do jogo, reserva para Portugal os seguintes adversários: Hoje: Hungria; amanhã: Bélgica (10 e 30); dia 8 — Turquia (10 e 30); dia 10 — Alemanha Ocidental (20); dia 11 — Inglaterra (18); dia 13 — Grécia (17); dia 14 — Finlândia (14 e 30).

Os dois primeiros classificados deste grupo que inclui Portugal (divisão B europeia, ainda subdividida em duas séries para a efectivação do campeonato) passam à divisão A, a principal e a que reúne as grandes potências europeias do Basquetebol: Rússia, Itália, Jugoslávia, Polónia, etc. O campeonato da divisão A, já com os dois grupos apurados



STEFAN KOVACS — O MAIS DESEJADO

Stefan Kovacs, o treinador de ascendência romena do Ajax, desmentiu que tivesse debatido a possibilidade de vir a orientar a equipa de futebol do Real Madrid, com Santiago Bernabéu em presidente dos «merengues».

Kovacs, cujo contrato com o Ajax termina a 1 de Junho, disse que falou na 4.ª feira com Bernabéu, que foi assistir ao jogo Holanda-Espanha, mas que não tinha abordado o assunto.

«Conversámos sobre a evolução do futebol nos últimos anos e do que eu pen-

sava sobre o futuro imediato. Creio, no entanto, que ele esteve a estudar-me» — declarou Kovacs.

A Imprensa espanhola dissera que a presença de Bernabéu no Holanda-Espanha fora um pretexto para sondar Kovacs sobre um possível contrato.

ÁRBITROS PARA FINAIS EUROPEIAS

A União Europeia de Futebol (UEFA) anunciou os nomes dos árbitros para as finais das três principais competições europeias, a realizar este mês.

Gugulovic (da Jugoslávia) arbitrar a final da «Taça dos Campeões», entre o Ajax (de Amsterdão) e o Juventus (de Turim), que se disputará em 30 do corrente, em Belgrado. Michas (da Grécia) dirigirá a final da «Taça dos Vencedores de Taças», entre o Leeds United (de Inglaterra) e o Milão, (Itália) que se efectua em 16 do corrente, em Salónica (Grécia).

Gugulovic foi o árbitro do Bulgária-Portugal, que se realizou na 4.ª feira passada, em Sófia (Bulgária) e teve actuação impecável.

O jogo da primeira «mão» da final da «Taça UEFA» entre o Liverpool (da Inglaterra) e o Borussia Moench-

gladbach (da República Federal da Alemanha) na próxima 4.ª feira em Liverpool, será arbitrado por Lynemayr (da Áustria) e o da segunda



O «menda-chuva» do Ajax.

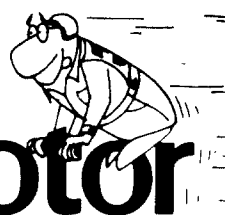
«mão», em 23 do corrente, em Moenchengladbach, por Kasakov (da União Soviética).

As fases finais Torneio de Juniores da UEFA efectuar-se-ão em Itália, de 31 do corrente a 10 de Junho. Os 16 países que se qualificaram para as finais são a Itália, Inglaterra, Suíça, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Checoslováquia, Dinamarca, Bulgária, Áustria, Irlanda, Islândia, Noruega, Bélgica, Escócia, Roménia e União Soviética.



Fase do último treino dos seleccionados, antes de partirem para a Hungria.

Leia às segundas-feiras



Edição de todos os desportos

SPORTING DA COVILHÃ: NA FESTA DOS 50 ANOS

Há muito tempo que o Sporting da Covilhã tem vindo a pugnar pela edificação de um pavilhão próprio, no qual pudesse manter em actividade, durante todo o ano, os seus numerosos atletas. Mas o sonho não conseguiu ainda tornar-se realidade, apesar de, em certa altura, termos conseguido por no ar as paredes que prenunciavam a materialização da obra tão necessária ao clube, à cidade e à sua juventude. Faltou-nos, nessa altura, o devido apoio e... as paredes acabaram por cair e foram inglórios os 300 contos que nelas investimos... disse-nos o presidente do Sporting Clube da Covilhã, a propósito da mais premente necessidade da colectividade na Serra e no momento em que a filial número oito do Sporting Clube de Portugal comemora as «Bodas de Ouro».

Em entrevista concedida ao «DL», José de Sousa Gaspar frisou bem a importância que o seu clube atribui à construção de um pavilhão gimno-desportivo, além de descrever o programa das comemorações do cinquentenário e nos informar sobre os dados mais importantes do dia a dia do clube, na fase de transição que atravessa, de um período de penumbra no futebol para o ressurgimento generalizado como clube ecletico e verdadeiramente desportivo.

Sobre o almejado pavilhão (e a solução provisoriamente conseguida) disse mais o presidente do Sporting da Covilhã, José de Sousa Gaspar:

Presentemente conseguimos que a FAEC (Feira de Actividades Económicas da Covilhã) nos cedesse um pavilhão de exposições que, embora não possua condições para as práticas desportivas (nem balneário tem) é, ainda assim, o único recinto coberto que nos possibilita desenvolver tais actividades. E cá continuamos a aguardar, confiadamente que o nosso sonho alcance a merecida concretização...

JORNADA DE HOMENAGEM

O programa das comemorações dos 50 anos de vida do Sporting Clube da Covilhã marcou para ontem o primeiro dia de festividades. Hoje, a cidade serrana vive um momento alto, numa jornada desportiva e de homenagem no estádio Santos Pinto, que inclui a exibição das

escolas de futebol (jovens dos 9 aos 13 anos). Haverá, ainda, homenagem às equipas de juvenis e juniores (campeãs distritais na época de 72/73), sendo-lhe entregues as taças e as medalhas respectivas e, por último, jogam as equipas femininas de futebol do Boavista e do União de Coimbra.

No dia 19 tem lugar um serão de convívio e, a 26 do corrente, um festival gimno-desportivo englobando as secções amadoras do clube: hóquei em patins, «escolas» de futebol, mini-basquete, iniciação de patinagem e basquetebol feminino e masculino.

De 27 de Maio a 2 de Junho estará aberta a II.ª Exposição Filatélica e I.ª Mostra Numismática da Beira Baixa, organizadas pelo Núcleo Filatélico e Numismático do Concelho da Covilhã.

A 2 de Junho, as comemorações encerram com outro dia repleto de acontecimentos relevantes. A saber:

As 17 e 30 prova de atletismo «Grande Prémio Bodas de Ouro» (Volta à Covilhã) aberta a clubes filiados na Federação Portuguesa de Atletismo e a Populares, com cerimónia de entrega de prémios, no Jardim-Público. As 20 e 15: sessão solene e homenagem aos sócios e atletas mais antigos, seguida de banquete de encerramento das Comemorações, com inscrição aberta a todos os sócios.

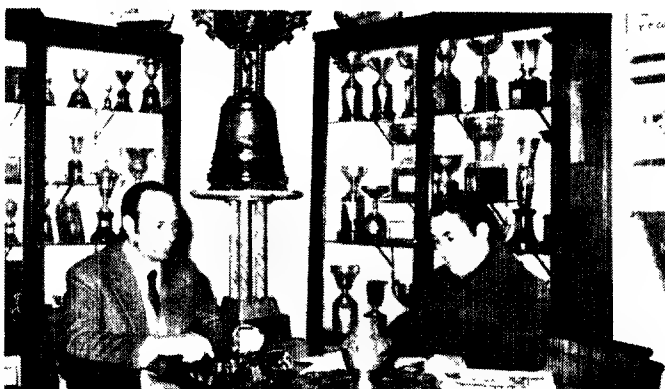
Como se vê pelos números das festividades programadas para este mês, o ecletismo do Sporting da Covilhã é já bastante relevante, e

maior impulso sofrera no dia em que as entidades desportivas resolverem conceder à cidade e ao seu clube mais representativo as instalações adequadas. O presidente do Sporting (no entanto) especificou melhor o movimento actual do clube:

O Sporting da Covilhã tem hoje em intensa actividade as suas secções de Basquetebol (seniores, juniores, juvenis e iniciados), de pa-

da hoje conserva. Mas, os tempos são outros:

O Sporting da Covilhã já foi grande entre os maiores do futebol português. Com o seu ingresso na Primeira Divisão na época de 1947/48, começou um período áureo que se prolongaria por 15 anos consecutivos de permanência no campeonato maior, chegando a ser finalista da «Taça de Portugal», em 1958. Das suas equipas fizeram



O presidente da direcção do Sporting da Covilhã falando ao «Diário de Lisboa» na sala de troféus do clube serrano.

tinagem, de hóquei em patins, de mini-basquete, as escolas de jogadores e, ainda, ginástica para adultos. São, ao todo, cerca de 200 praticantes, com idades que vão dos 7 aos 30 e muitos anos.

FUTEBOL: O DIFÍCIL REGRESSO

O que atrás ficou dito e, em resumo, a vida do Sporting da Covilhã, para lá das quatro linhas do campo de futebol. Simplesmente, foi o futebol que tornou o clube conhecido, foi através do jogo da bola, com grandes vedetas para a época, que o clube atingiu a dimensão que ain-

parte atletas nacionais e estrangeiros que ainda hoje são recordados com saudade: Simonyi, Rita, Tomé, Ramalho, Cabrita, os irmãos Cavém, Tonho, Oscar Silva, Helder, Szabo, Franklin, Suarez, Lanzinha, Mantelgueiro, Carlos Ferreira e outros que ajudaram a construir o «palmarés» brilhantíssimo dos «leões» da serra. Bons tempos esses, em que a cidade da Covilhã e toda a vasta região da Beira Baixa conheceram horas inesquecíveis de euforia, projectando-se turística e desportivamente em todo o País e até fora dele!

Vê possibilidades de esses bons velhos tempos regressarem?

Nada é impossível. A questão está em que os homens queiram... Todavia, sinceramente, creio que isso será muito difícil de alcançar-se. O futebol profissional está a atingir proporções alarmantes. Gastam-se autênticas fortunas em transferências, em «luvas», em ordenados e em tudo o mais indispensável à manutenção de uma equipa profissional. Em contra-partida, as receitas ficam-se muito aquém daquilo que seria necessário, por mais «mecenas» que apareçam a tentar remediar as situações criadas. Daqui o caos financeiro em que os clubes permanentemente vivem, muitos dos quais em risco de encerrarem as suas portas depois de terem conhecido períodos de grande prestígio no futebol português. Direi mesmo que quasi todos os clubes de futebol se encontram em autêntico estado de insolvência, incapazes de, conscientemente, assumirem mais encargos. Mas, infelizmente, a chamada «campeonite» não se compadece com estas situações: antes obriga a novas «loucuras». São necessárias vitórias. Vitórias a todo o custo. O futebol é o barómetro dos clubes que, sem esses êxitos nos campeonatos, vêm fugir as adeptos e, consequentemente, uma fonte de receita de que não podem prescindir. Enfim: um ciclo vicioso cada vez mais alarmante. Por isso os clubes longe de se projectarem e enriquecerem desportivamente, se vão empobrecendo (em todos os domínios) cada vez mais.

SITUAÇÃO FINANCEIRA DE FAZER INVEJA

O meu clube vive em dificuldades e posso até acrescentar que há uns quatro anos atrás esteve também para encerrar as suas portas. Hoje, porém, a situação nesse aspecto modificou-se bastante, ao

ponto de poder afirmar que tem o seu futuro mais ou menos desanviado. Resolvemos o problema por diversas formas, a que não foi estranho (como é óbvio) o sacrifício monetário de meia dúzia de «carolas». Passaram a estruturar-se as equipas seniores à base de atletas vindos dos «juniores» do clube. Contratou-se o mínimo indispensável de profissionais, pois sem eles não seria possível competir no campeonato a nível nacional em que o Sporting da Covilhã se encontra. Procurou-se estruturar o clube em todos os domínios, nomeadamente através da criação e expansão das chamadas modalidades «pobres».

A noção das realidades e da conformidade das ambições do clube com as possibilidades e disponibilidades da massa associativa parece ter chegado à Covilhã. Ainda bem que assim é, pois o balão de ar que vai enchendo pelos campos do País, algum dia terá de reventar: nessa altura, os que mais exigem não vão acorrer para pôr em ordem os destroços. O Sporting pretende tornar juniores e, a partir deles, constituir a equipa sénior. Os objectivos, nesse aspecto, estão em vias de se concretizarem. Até porque, e segundo garante José Sousa Gaspar, presidente do Sporting da Covilhã, «Presentemente a situação real do clube é esta: no aspecto financeiro deve fazer inveja à grande maioria dos clubes de futebol... A sua equipa principal é formada por oito profissionais e 13 ex-juniores. Neste particular acrescentarei que estamos em grande desvantagem com os nossos valorosos adversários. Mas, o único objectivo que temos em vista é mantermo-nos na 2.ª Divisão, neste ano em que comemoramos as «Bodas de Ouro».

ABEL RIBEIRO
DA CUNHA

ANDEBOL

O CAMPEONATO METROPOLITANO E OS SEUS INTERVENIENTES

O «metropolitano» de andebol foi um campeonato muito bem disputado: houve «suspense» até final, para apurar quer o campeão, quer os clubes que baixavam de divisão. Três equipas, de princípio a fim, foram candidatas ao título: Porto, Sporting e Belenenses. No entanto, os nortenhos estiveram sempre como guias da classificação.

Realmente, os portistas fizeram um óptimo campeonato e só baquearam na «finalíssima», frente ao Sporting. O Belenenses chegou a «ter o pássaro na mão» mas deixou-o fugir. Foi pena, pois os «azuis» do Restelo já mereciam um título nacional. Na nossa opinião, o Belenenses perdeu o campeonato, no jogo da segunda volta contra o Sporting.

Os campeões nacionais começaram com uma certa irregularidade: na 5.ª jornada, já tinham duas derrotas (frente ao Porto e ao Belenenses) e só então embalsaram definitivamente, embora tenham ainda consentido um empate frente ao Porto: um nulo que não estava nos cálculos dos lisboetas...

Houve (portanto) luta de princípio ao fim: e pena foi que as arbitragens não tivessem correspondido ao nível da prova. Verdade que houve progresso na maioria das equipas e em todas elas se notou uma busca no sentido posicional. Na parte técnica (como também na física) notou-se sensível melhoria. E de desejo que continuem a progredir e que, no próximo campeonato, em vez de três equipas favoritas, surjam cinco ou seis a disputar o título.

Revelaram-se também alguns jovens, que garantem o futuro da modalidade. Deles falaremos, detalhadamente, em outro artigo.

Vamos analisar hoje, embora sucintamente, as equipas concorrentes ao metropolitano. Como não podia dei-

xar de ser, começaremos pelo campeão nacional (Sporting Clube de Portugal) vencedor indiscutível de cinco títulos consecutivos. Sem falsas modestias, esta equipa do Sporting é um verdadeiro «quebra-cabeças» para os adversários. Na opinião dos adeptos leoninos é a melhor de sempre: para outros, não tem valor algum, excepção feita a dois ou três jogadores. Para os descrentes, «joga feio», não tem jogadores «bonitos» e só actua em força e tem «muita sorte». Como seu responsável, também temos a nossa opinião sobre os pentacampeões. Dadas as circunstâncias (e infelizmente o escrevermos não podemos explicar-nos como seria nosso desejo e a equipa bem merecia. No entanto, podemos afirmar, sem nos acusarmos de falsa modéstia, que a equipa sportinguista, nos últimos cinco anos, tem sido aquela que melhor condição física tem apresentado. Também é verdade que não joga «bonitinho», nem procura fazer rendilhados para enganar «papalvos»; mas é prática e eficiente, e os resultados são prova eloquente. As pessoas, na sua ânsia de derrubar, cegam completamente e não conseguem ver as realidades: o «palmarés» leonino é devesar impressionante, (invejável, mesmo) e é disso prova

a agressividade (nem sempre no bom sentido) com que as outras equipas se batem com os campeões.

Na verdade, a hegemonia leonina nos últimos cinco anos é deveras notável, pese embora a boa categoria dos seus mais próximos adversários. Cinco títulos e uma «Taça de Portugal», em 59 jogos, 4 derrotas e 2 empates para 53 vitórias, dizem bem do valor do conjunto sportinguista. Relevos especiais, também, para dois excelentes resultados contra equipas de grande nível internacional. O Gummersbach (da Alemanha) e o Banik (da Checoslováquia).

Estes rapazes (que servem o seu clube com verdadeira devoção e humildade, que formam uma verdadeira equipa de amigos), e o seu treinador, mereciam (de facto) uma maior e mais profunda simpatia: tanto dos seus adversários, como de alguns responsáveis. E, até, dos próprios árbitros. Enfim...

Em segundo lugar ficou o Futebol Clube do Porto, velho e sempre remojado balaço do andebol nacional. Equipa bem estruturada pelo jogoslavo Djébic, que lhe deu (sob certos aspectos) uma sincronização bastante meritória para o nosso meio. Tem (no entanto, e em nossa opinião) algumas falhas que a tornam vulnerável. Não nos

podemos esquecer de que ela está bem enriquecida de valores e que esses nem sempre são bem aproveitados, consoante a sua real categoria. F. Zorin, como seu orientador de jogo, segue as pisadas do seu compatriota Djébic na ordenação e delineação das jogadas.

O F.C. do Porto foi, da primeira à última jornada, o grande favorito do campeonato, e só sucumbiu na finalíssima da Marinha Grande, perante um adversário que foi francamente superior. Mas não restam dúvidas de que os nortenhos foram uns dignos vencidos: jogaram o que sabiam, limpo mas os campeões foram irresistíveis. Parabéns ao valoroso Futebol Clube do Porto, pelo brilhante campeonato que proporcionou aos adeptos da modalidade.

Em terceiro lugar classificou-se o Clube de Futebol «Os Belenenses». Ainda não foi desta vez que o simpático clube da Cruz de Cristo venceu um nacional. Cheio de potencialidades, o Belenenses é clube que merece um título, pelo muito que tem trabalhado pela modalidade. Apresentou-se esta época com elasticidade de movimentos, com os seus jogadores-base em boa forma, mas não conseguiu ultrapassar as barreiras naturais e anormais

que se lhe depararam. Equipa constituída por bons jogadores, alguns dos melhores deste país, com um treinador competente e experiente, precisa (no entanto) de ter mais calma e de uma maior combatividade. Avelino Baptista conhece bem os seus jogadores. Na grande maioria eles vieram dos juvenis, portanto ninguém melhor do que ele saberá a forma de resolver este problema.

No quarto posto classificou-se o Sport Lisboa e Benfica. Clube de grandes tradições, anda há muito afastado dos lugares cimeiros. Quer-nos parecer que existe algo de errado na forma de jogar da sua equipa. Nos últimos anos, o Benfica tem tido óptimos jogadores, mas as suas equipas têm sido insipidas. Actualmente, o núcleo dos seus andebolistas tem obrigação de fazer muito mais do que aquilo que tem demonstrado. É bem verdade que joga um andebol para recrear a vista, muito filigranado: mas, no fundo, pouco positivo. Os campeonatos não se ganham com «bonitinhos», mas sim com realidades.

Ângelo Pintado, o actual treinador, se transportar para a equipa o que era a sua forma de jogar, dá-lhe concerteza uma maior dimensão e uma mais perfeita realidade das necessidades do seu clube.

Os «encarnados» chegaram esta época a contratar um técnico jugoslavo: mas que, pelos vistos, não deu os resultados esperados. E de desejar uma equipa benfiquista bastante forte e candidata ao título, para interesse da modalidade.

Na quinta posição classificou-se o Vitória de Setúbal. Julgamos ser a melhor classificação de sempre do simpático «sete» do Sado. Na verdade, o Vitória apresentou-se melhor esta época do que nas anteriores. Os seus jogadores procuraram somente jogar andebol, o que lhes deu a vantagem de se entregarem completamente ao jogo. Houve um maior discernimento na planificação da sua maneira de actuar. Todavia, falta à equipa setubalense uma maior lateralização dos jogadores e um melhor poder de infiltração. A equipa é jovem e Manuel Manita conseguirá, certamente, moldá-la melhor no sentido de uma maior eficiência.

O Académico do Porto foi o sexto classificado. Equipa recheada de gente jovem, de futuro assegurado, teve altos e baixos ao longo da prova. Os académicos continuaram com os mesmos defeitos da época passada: mas o bom rolamento da bola e bom aproveitamento da sua excelente meia-distância. Armando Campos, técnico sabedor, saberá aproveitar as qualidades dos elementos que possui: e projectá-los para o futuro.

Estas foram as equipas classificadas nos seis primeiros lugares do excelente Campeonato Metropolitano que tornou titular pela quinta vez consecutiva, o Sporting Clube de Portugal: que disputará na primeira semana de Junho (em Luanda) o título de campeão nacional. Brevemente faremos referência às outras seis equipas que disputaram o Metropolitano.

HORUS RAUL LOURENÇO Lda QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

FUGAS DE GÁS

EXPLOSÕES

DETECTORES PORTÁTEIS E FIXOS

da marca **SALWICO**

Representante:

G. VIEIRA, LDA.

TRAV. DO CARVALHO, 15, 1.º

LISBOA

TELEF. 3 31 50

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH

(Reconhecida oficialmente)

CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS

CURSOS PREPARATORIOS PARA

EXAMES DE CAMBRIDGE

CURSOS DE VERÃO

CURSOS ESPECIAIS para:

pessoal em Viagem e Turismo,

Secretárias, Executivos, Professores

de Inglês, Funcionários de Banco,

pessoal de Hotel e Restaurante

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em Bournemouth,

Londres e Oxford sem compromisso para

INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom,

Rua Castilho, 38 - 1.º E, Lisboa, Telef. 45698

INTERLINK School of English

CURSOS INTENSIVOS

CURSOS DE VERÃO

ACSE International School

CURSOS DE FÉRIAS

para menores, 10 - 16 anos

Nome Sr. _____ PP12A

Sr. _____

Rua _____ Cidade _____

MAQUINAS LAVAR ROUPA

Frigoríficos, Esquentadores, Fogões, Televisores,

Candeeiros e Carpetes a Preços Excepcionais

PENHORES - Largo de Santa Bárbara, 8-B

SENSACIONAL...

Enceradeira	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Panelas Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

Mercado de Electrodomésticos

ESTRADA DE BENFICA, 705

TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PECAS DE ORIGEM

TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA

AFIXADA A PÚBLICO

COTAL A - Rua de Artilharia Um, 105-A e B

COTAL B - Rua dos Lusíadas, 113-A e B

**PARA
O PERÍODO
DE 6 A 12
DE MAIO**



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Os prognósticos para este período são abertamente convidativos com referência ao amor, às amizades e à família. Os astros prometem boa harmonia, momentos felizes e passeios alegres. Desconte agora os períodos estacionários que influências adversas lhe impuseram nas semanas que passaram.

DINHEIRO: Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa. Entretanto, tenha cuidado com as despesas extraordinárias, porque o descontrole nas suas finanças apenas servirá para aumentar as suas responsabilidades. Uma decisão sensata, em matéria de dinheiro poderá significar a base da sua segurança futura.

PROFISSÃO: A boa vontade de colegas, colaboradores e superiores será a faceta deste período, em virtude das actuais influências astrais. Os negócios e os seus esforços no emprego serão bem compensados.

SAÚDE: Nesta quadra o nervosismo e o excesso de preocupações derivadas dos seus problemas profissionais e familiares poderão abalar o seu sistema nervoso. Repouse convenientemente.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Será esta semana o artífice de sua ventura sentimental; dê prova de diplomacia e fascínio para favorecer a conquista de uma pessoa que vos atrai. Os astros advertem contra os rompimentos derivados de gestos impulsivos. Não faça agora nada de que não esteja absolutamente seguro.

DINHEIRO: Haverá demoras em correspondência e contratempos em negócios que estejam sendo efectuados por meio de cartas. Não recorra a métodos violentos para modificar as circunstâncias, por muito insignificantes que estas lhe pareçam.

PROFISSÃO: Tendência a orientar o seu trabalho de acordo com um método muitíssimo pessoal. Terá de enfrentar algumas dificuldades no quadro profissional; seja perseverante e não se inquiete demasiado com os contratempos que essas dificuldades possam representar. Uma notícia indicará-lhe a boa solução.

SAÚDE: Esteja muito vigilante esta semana; nada de imprudências.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Os seus projectos amorosos terão afectivação este período. A boa influência de Vénus permitirá-lhe a conseguir o que pretende. Se estiver em

condições de assumir nova responsabilidade sentimental, a altura é muito propícia.

DINHEIRO: As suas boas aptidões relacionadas com a sua capacidade de ganhar dinheiro serão bastante realçadas. Aproveite esta oportunidade para defender melhor a sua posição económica.

PROFISSÃO: As questões de trabalho serão satisfatoriamente resolvidas durante esta semana, graças à boa colaboração que encontrará por parte de chefe, companheiros e, até de competidores. Todos eles exaltarão as suas boas qualidades de iniciativa.

SAÚDE: E preciso não esquecer que deve haver um razoável equilíbrio entre os prazeres e o trabalho.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Uma falta de ponderação, de reflexão, poderá atrair-vos para uma criatura bonita, mas hipócrita. Cuidado. Se tiver bom senso, poderá iniciar um período no qual acontecimentos vitais e construtivos se verificarão na sua vida, por intermédio da pessoa amada.

DINHEIRO: Faça o seu orçamento e siga-o, pois de outra forma a sua situação financeira poderá cair de tal maneira que lhe causará muitos aborrecimentos. Entretanto, os aspectos astrais durante esta semana, para si, convidam-vos a fazer progredir as actividades e os interesses financeiros.

PROFISSÃO: Os seus problemas de trabalho serão satisfatoriamente resolvidos durante este período, graças à boa colaboração por parte de chefes, companheiros, e até de competidores. Trate portanto de desenvolver os seus empreendimentos, pois verá os seus esforços compensados.

SAÚDE: Algum tempo de repouso entre as suas tarefas será bastante proveitoso e reparador.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Novas amizades inesperadas ajuda de pessoas das quais não tinha notícias, tudo indicam as actuais influências astrais. Os que sofrerão contratempos ou restrições agora, encontrarão alívio. Quem teve divergências poderá considerar-se agora no caminho da reconciliação.

DINHEIRO: Os seus assuntos materiais tomam um bom aspecto, mas seja circunspecto e diplomata em relação às pessoas com quem lida. As questões financeiras relacionadas com as especulações e o jogo não estão favorecidas.

PROFISSÃO: O esforço pessoal que desenvolver será bastante eficiente e o resultado, embora um pouco lento, será notável. E provável que obtenha vantagens profissionais por intermédio de amigos.

SAÚDE: Saúde um pouco deficiente no fim-da-semana.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Atravessará um período de meditação. O seu espírito pensativo pouca atenção dispensará aos acontecimentos que se desenvolvem em redor de si. A sua atitude e o modo de agir poderão causar estranheza nos seus familiares, e proporcionar um ambiente carregado no lar.

DINHEIRO: Esta semana poderá ter problemas financeiros. Poderá também ser alvo de maledicência e deslealdade, e tudo isso poderá afastá-lo dos seus projectos de economia. O momento é para reflectir na sua situação económica e afastar-se de tudo o que não contribua para aumentar a sua situação pecuniária.

PROFISSÃO: Seja criterioso em seu trabalho e verá que os frutos serão abundantes. É possível que uma ideia extraordinária tida durante este período, venha a frutificar mais tarde. Prepare-se com calma a fim de organizar convenientemente os seus planos para o futuro ano que entra.

SAÚDE: Tome necessárias precauções para evitar perturbações de saúde, provenientes de excessos alimentares.



LIBRA

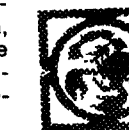
(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os seus interesses conjugais e sociais, trarão benefícios materiais. Os astros se mostram benéficos, permitindo tacto nas relações humanas. Velhas amizades se mostrarão prestimosas, contribuindo para a realização de alguns dos seus desejos.

DINHEIRO: Lucrará muito ao trabalhar por sua própria conta. Confie agora no seu julgamento. São luminosas as suas perspectivas financeiras.

PROFISSÃO: Alcançará um sucesso apreciável graças à sua diplomacia e ao seu tacto, no decurso duma visita um tanto difícil. Resultará daí uma simpatia duradoura, que lhe valerá muitas vantagens inesperadas.

SAÚDE: Evite bailes e passeios seguidos. Não se esgote excessivamente à toa.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Surgirão algumas aperturas na vida familiar. No aspecto puramente amoroso as coisas estão sob bons auspícios. As mudanças de residência, bem como quaisquer modificações que pretender introduzir com vista a beneficiar o aspecto do lar, são favorecidas.

DINHEIRO: Para não fugir à regra, também neste capítulo os astros não se mostram muito benéficos. Entretanto, não há

razão para pessimismos, o essencial é não dispendar grandes quantias, nem fazer despesas que não sejam absolutamente imperiosas. Tenha isso em mente e não permita que as extravagâncias lhe desequilibrem o orçamento.

PROFISSÃO: Não altere a sua linha de conduta, porque se o fizer depressa se arrependará. A indecisão é o seu maior mal. Os astros não lhe prometem nada de novo na sua ocupação, pelo que deverá continuar apenas com os seus afazeres quotidianos.

SAÚDE: Vigie a saúde e tenha cuidado com a humidade.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Poderá ser uma semana de ventura, se tiver calma e assumir atitude tolerante para com aqueles que o estimam. Chegou a altura de pôr em prática as ideias que já há algum tempo vem acariciando. Em meados da semana surgirá um problema respeitante à família, que é conveniente resolver com ponderação.

DINHEIRO: Uma decisão sensata em matéria de negócios significará a base da sua segurança futura. Mantenha-se fiel aos seus compromissos e não se arrisque em especulações duvidosas. Também, é bom não esquecer que os excessos e a generosidade sem limites, assim como o puro exibicionismo, podem não só prejudicar a saúde como abalar seriamente as suas finanças.

PROFISSÃO: As coisas decorrerão sem grande alteração ou obstáculos que dificultem a sua actividade. Simplesmente, verificará uma maior azáfama. Tudo se conjugará no sentido de poder consolidar a sua posição.

SAÚDE: Período normal no que diz respeito ao seu estado de saúde. Com efeito tudo correrá bem neste sector, apenas haverá a recear qualquer pequena indisposição motivada por excessos de natureza variada.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Os que tiverem problemas sentimentais poderão resolvê-los agora de modo satisfatório. Agora os amigos e parentes serão de extraordinária importância. Alguém que conhece há muito contribuirá para o seu bem-estar.

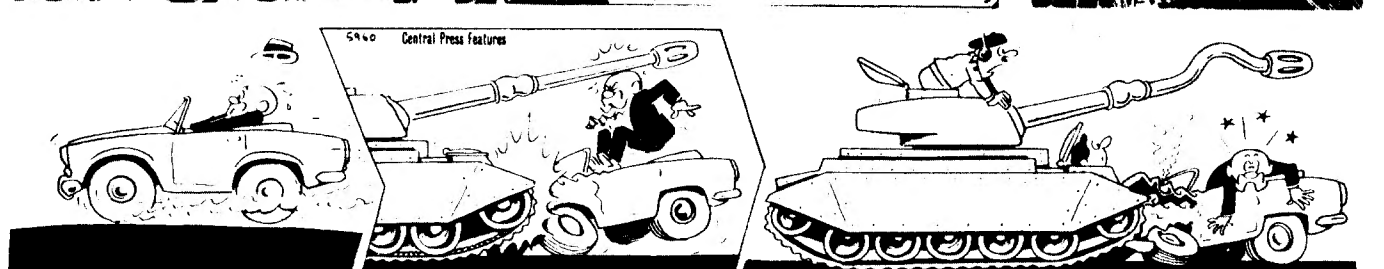
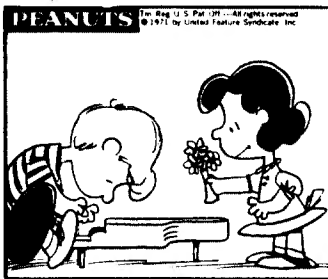
DINHEIRO: Ganhos possíveis, com o auxílio dum amigo ou parente; não recuse a ajuda que lhe é oferecida. O seu sucesso será mais seguro se proceder com paciência e ponderação, sem pressas.

PROFISSÃO: Excelentes e proveitosas relações comerciais, que lhe permitirão progredir consideravelmente. Melhoria das suas possibilidades materiais; a sorte protege a conclusão dos seus negócios.

SAÚDE: Acalme-se, viva tranquilo, pois os seus nervos têm necessidade de repouso.



Após 51 anos de reclusão, acusado por assassinato em segundo grau, Israel Karp, de 68 anos é posto em liberdade. Karp esteve durante todos estes anos prisioneiro numa das cadeias considerada de maior segurança nos EUA: a Dannemora Prison (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

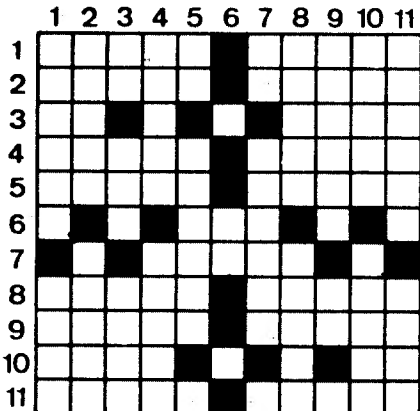


PROVERBIO CULTURAIS

COM PROVÉRPIO PROBLEMA N.º 10418

HORIZONTAIS:

- 1 Penhasco. Cara.
- 2 Freguesia do concelho de Coimbra. Afie.
- 3 Prefixo de negação. liha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
- 4 Puro. Vem à tona de água.
- 5 Limpar metais. Alar.
- 6 Recusa.
- 7 Gemer.
- 8 Estive unido por aderência. Reuma.
- 9 Comentários. Guarneceis de asas.
- 10 Bolor. Tempo do verbo ser. Gálio (s.q.).
- 11 Apelido. Covas.



VERTICAIS:

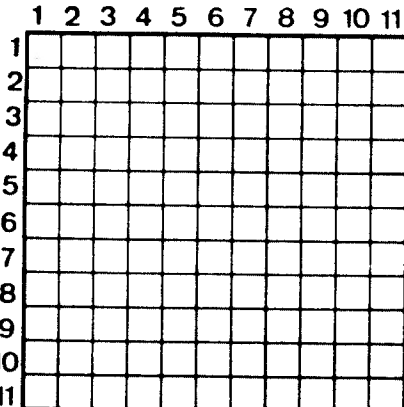
- 1 Figura. Nome científico do pato.
- 2 Versejar. Suavizo.
- 3 Atmosfera. Preposição. As regiões superiores da atmosfera.
- 4 Consome. Coma (pop.).
- 5 Campeão. Entertais.
- 6 Prefixo de privação.
- 7 Sódio (s.q.). Torna loiro.
- 8 Respeita. Sobre.
- 9 Lima. Segua.
- 10 Princípio odorífero da raiz da iris. Aliada.
- 11 Vigara. Pegas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6575

HORIZONTAIS:

- 1 Defunta. Farinha cozida em água ou leite.
- 2 Desmontar. Apertara (molhos).
- 3 Viscera dupla. Preposição. Pátria.
- 4 Não nascida. Dá massagens a (Índia Port.).
- 5 Ilha do Pequeno Belt. Pegas.
- 6 Milímetro. Nítion (s.q.).
- 7 Enrubescer. Segurem.
- 8 Erguera. Maquino (fig.).
- 9 Rente. Culpado. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 10 Nome de mulher. Cidade de Espanha.
- 11 O sono das crianças. Pertences. Uma das Espórades.



VERTICAIS:

- 1 Mãe de Jesus. Anfiteatro.
- 2 Entende. Olhinho.
- 3 Mover os remos. Nivela.
- 4 Basta. Cidade de Portugal. Nota musical.
- 5 Baú. Navegas (Fig.).
- 6 Mamífero carnívoro da América Central e da América do Sul. Pronome possessivo.
- 7 Prata (s.q.). Assassinar. Tempo do verbo ir.
- 8 Minerva considerada como deusa da guerra. Rio do Turquestão Oriental.
- 9 Bebida alcoólica, preparada na Índia e na América com a fermentação do arroz. Meto em mala.
- 11 Curas. Móveis sobre os quais se come.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10417

HORIZONTAIS:

- 1 Mat. N.N.O. Tas.
- 2 Amores. Sora.
- 3 Parem. Lapas.
- 4 Ar. Balada.
- 5 SEM. Posar.
- 6 Sapa. Coar.
- 7 Marra. Sal.
- 8 Amarro. Bi.
- 9 BARCA. Munir.
- 10 Anão. Serena.
- 11 Sós. Malaios.

VERTICAIS:

- 1 Mapas. Babas.
- 2 Amores. Mano.
- 3 Tar. Mamas.
- 4 Réu. Parco.
- 5 NEM. Parra.
- 6 N.S. Bo. Ro. Sa.
- 7 LASCA. Mel.
- 8 Saião. Pura.
- 9 Toparas. Nei.
- 10 Anão. Rabino.
- 11 Rasas. Liras.

PROVÉRPIO SEM BARCO, NEM LASCA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6574

HORIZONTAIS:

- 1 P.ª. Haicá. Ar.
- 2 Ornas. Lambo.
- 3 Réus. Real.
- 4 Ana. Imã. Ura.
- 5 Sa. Prosa. Co.
- 6 Seri. Irra!
- 7 Toa. Ama.
- 8 Alia. Ossa.
- 9 Mac. Nio. Por.
- 10 Praça. Suara.
- 11 Aarão. Airas.

VERTICAIS:

- 1 Poras. Campa.
- 2 Arenas. Lara.
- 3 Nua. Atiçar.
- 4 Has. Proa. Ca.
- 5 As. Iria. Não.
- 6 P.M.O. P.I.
- 7 Cl. Ásia. Osa.
- 8 Aar. Armo. Ui.
- 9 Meu. Raspar.
- 10 Abarca. Sora.
- 11 Rolão. Saras.

os kolans



horoscopo

pelo
astrologo
HORUS

Continuação da pág. 24



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O princípio da semana será para entrar em acordo e para resolver problemas com a pessoa amada. Alguém poderá mostrar-lhe, mais tarde, irrisível consigo. Domine o seu sentimentalismo. No lar poderá reinar a incompreensão e os consequentes aborrecimentos.

DINHEIRO: Não perca a calma, pois com paciência e compreensão resolverá todas as dificuldades que possam surgir. O êxito neste período depende de saber ou não adaptar as suas actividades à realidade concreta.

PROFISSÃO: Um pequeno esforço permitirá lograr o triunfo em algo que é de grande interesse. Quando lhe pedirem conselhos, use de discreção, e sejam quais forem as circunstâncias não permita que vos atinjam com maledicências. A melhor maneira de ser feliz e sair-se bem dos contratempos é dar aos outros o ensejo de manifestarem também os seus sentimentos e opiniões.

SAUDE: Distúrbios do fígado a reacear: trate-o sem demora tão logo surjam.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: As suas actividades terão estreita relação com as amizades que houver feito. Isso torna a semana excelente para que se dedique às suas actividades sociais. Essas relações amistosas compensarão as responsabilidades desagradáveis que lhe tenham imposto durante o período transacto.

DINHEIRO: Possibilidades de nova associação, permitindo a organização dum negócio rendoso e interessante. Não adie uma viagem profissional pouco agradável mas muito útil para o futuro.

PROFISSÃO: Excelente semana para tudo o que se refere à vida profissional. Aproveite para tomar iniciativas. São facilitados os contactos com o estrangeiro. Nas coisas importantes, é aconselhável consultar pessoas de influência, escolhidas entre as suas amizades, pois poderão ser muito úteis.

SAUDE: Vigie a sua saúde, cuide dos seus brônquios e do aparelho digestivo.

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DOS COMBOIOS NA LINHA DO MINHO RENOVAÇÃO DA VIA

Por motivo dos trabalhos da renovação da via a que se vai proceder nos dias úteis (segundas-feiras a sábados) entre Contunil e Ermesinde, a partir de 25 de Abril e até aviso em contrário, o horário da linha do Minho sofrerá as seguintes alterações:

- Automotora n.º 5015
Passará a fazer serviço de passageiros em S. Romão
- Comboio n.º 5905
Suprimido, sendo substituído pelo n.º 25905 que partirá de Porto (S. Bento) às 8.37 h e de Porto (Campanhã) às 8.42 h.
- Comboio n.º 5910
Suprimido.
- Comboio n.º 5913
Passará a efectuar-se só aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados.

Chama-se a atenção do Público para o facto destes trabalhos serem absolutamente imprescindíveis para melhoria das condições de circulação dos comboios na referida linha, pelo que a C. P. espera a sua melhor compreensão.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

Domingo à noite

Programa gravado no Teatro Maria Matos com cenografia de Moniz Pereira e Realização de Victor Manuel

2.º Programa (22.00)

Antologia

«Histórias do Ano Mil»

Com Franco Parenti, Carmelo Bene, Giancarlo Dettori, Geoffrey Copleston e Mariana Berti. Realização de Giorgio Patara.

MADEIRA SIEMENS
ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

- 12.30 Abertura e Missa de Domingo
- 13.10 Dia do Senhor
- 13.35 Nos Bastidores da aventura
- 13.45 Telejornal — 1.ª Edição
- 14.00 Robin dos Bosques
- 14.25 Hije pode ver
- 14.35 TV Educativa
- 15.05 Tarde de cinema «O Filho de Flicka»
- 16.30 TV Infantil
- 17.15 Eurovisão - Volta a Espanha em Bicicleta
- 17.55 TV Rural
- 18.30 Directamente de...
- 20.10 Domingo Desportivo
- 20.25 «As Solteironas»
- 21.00 Telejornal - 2.ª Edição
- 21.30 Congresso da A. N. P.
- 22.25 Domingo à noite
- 00.35 Domingo Desportivo
- 00.55 Telejornal - 4.ª Edição
- 01.00 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 «Regresso de Lucy»
- 21.00 Dó, Lá, Si
- 21.30 Telejornal — 3.ª Edição
- 22.00 Antologia
- 23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

- 12.45 Aberturas e Desenhos animados
- 13.00 Feminino singular
- 13.15 A Família Partridge
- 13.45 Telejornal — 1.ª Edição
- 14.00 Vivendo o futuro
- 14.25 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo Preparatório TV
- 19.00 TV Educativa
- 19.30 Telejornal — 2.ª Edição
- 19.45 TV Juvenil
- 20.00 Momento Desportivo
- 20.30 Portugal além da Europa
- 20.55 «Os Caminhos de Noé»
- 21.30 Telejornal — 3.ª Edição
- 22.05 Columbo
- 23.20 Telejornal — 4.ª Edição
- 23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e a Família Partridge
- 20.55 Vivendo o futuro
- 21.10 Desenhos animados
- 21.30 Telejornal — 3.ª Edição
- 22.00 Museu do cinema
- 23.20 Fecho

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era moderado de Norte ou Noroeste e caíam aguaceiros nas terras altas.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	13.º
P. DOURADAS	2.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	14.º
FARO	16.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA

Máxima 15.º

F. CASTELO RODRIGO

Mínima 8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	14.3.º
Atmosfera	15.6.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.36 3,7 m	12.04 1,0 m
18.54 3,9 m	

DIA 7

7.30 3,6 m	0.42 0,9 m
19.49 3,7 m	12.57 1,2 m

DIA 8

8.30 3,4 m	1.44 1,1 m
20.51 3,6 m	14.01 1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento moderado de Noroeste e possibilidades de aguaceiros fracos.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

39.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

SÓ ATÉ DOMINGO
com **JOSÉ VIANA**
no protagonista

SUA EXCELENÇA
O VENDEDOR

com **DORA LEAL** (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luis Santos, Manuela Cassola, Rita Nôbre, Vitor de Sousa, Luis Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semente, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de **MARIA PAULA**

ÚLTIMO DIA
As 21.45 H

4.ª Feira — Estreia no Sa da Bandeira — PORTO

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA
Hoje: As 21.45

Grupo C M/ 14 anos

UMA DELICIOSA COMÉDIA
PRINCE E A CRISTINA

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide Joao, Leonor Poeria, Luis Mata, José Braz

2.ª feira, descanso da C.ª

ÚLTIMA SEMANA

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

19.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com **FLORBELA QUEIROZ**

SEXO NUNCA SOMOS BRITÂNICOS

No elenco: **IRENE FERRO**, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, **OCTÁVIO DE MATOS**

Todas as noites: 21.45 h.

4.ª feira, descanso da C.ª

SABADOS, 2 SESSÕES:
20.45 e 23 H.

DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.



urgência

E emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.33

OCASO ÀS 20.34

DIA 9 DIA 17 DIA 25 DIA 1

BREVEmente: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos



CONCURSOS

Aceitam-se candidaturas pelo prazo de 15 dias a contar da publicação deste anúncio, para o preenchimento de lugares de catalogador de 2.ª classe e catalogador de 1.ª destinados a um Organismo Público.

São condições essenciais a habilitação mínima do 5.º ano liceal ou equivalente.

Resposta a este jornal, ao n.º 792 indicando nome, idade, morada, telefone, habilitações e experiência profissional.

LEIA motor **SAI AMANHÃ**

EMISSORA 1. PROGRAMA

- 15.30 Tarde desportiva: Rádio desporto, futebol — relato e informação dos jogos da 6.ª eliminatória da Taça de Portugal. Actualidade desportiva.
- 18.30 Música sem palavras.
- 19.10 Música da Europa.
- 20.00 Diário sonoro
- 20.20 Éxitos em parada.
- 21.00 Rádio desporto.
- 21.30 Variedades no estúdio, um programa de José Mesquita
- 22.00 Teatro das Comédias: «O comboio atrasado a horas», de Charles Charras
- 22.30 Música portuguesa.
- 23.30 Sol e toros.
- 23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia.
- 02.00 Fecho.

Programa em MF1 de Lisboa

- 23.00 Rádio Universidade.
- 00.00 Junção com o 1.º Programa.
- 16.00 Onda musical
- 20.00 Concerto de domingo — intercâmbio musical.
- 20.00 Diário sonoro.
- 20.20 A orquestra de câmara «Società Corelli»
- 20.30 As grandes figuras do mundo português — pelo dr. Caldeira Pais
- 21.00 Recital de canto e piano, por Elsa Saque e Olga Prats
- 21.30 Que quer ouvir? — Programa coordenado por Margarida Brandão.

23.00 Emissão em línguas estrangeiras.

01.15 Fecho.

Programa em MF 2

- 15.30 Música para soprano e piano (Nicholas Maw)
- 16.00 Música sinfónica
- 16.30 2.º acto da «Ópera D'Aran» (Gilbert Beaud)
- 17.15 Concerto n.º 5, em fá maior, op. 103, para piano e orquestra (Saint-Saens)
- 17.45 Quarteto em sol maior, op. 5, n.º 2 (Haydn)
- 18.00 Solos de piano — Obras de Mendelssohn e Turina
- 18.30 Junção com o 2.º Programa.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

MF 2

- 21.00 Música ligeira variada.
- 22.00 Obras para canto, de Debussy, pelo barítono BERNARD Kraysen.
- 22.45 Obras de Bach, Saint-Saens e Beethoven
- 23.38 Ilimité (Stockhausen) Conj. Instrumental e declamação do Texto, por Karlheinz Stockhausen.
- 00.23 Obras para cravo, de Bach e Couperin.
- 01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 15.55 Tarde desportiva.
- 18.00 Chave do tótopola.

- 18.02 Projectção
- 18.33 Meia hora depois.
- 19.03 Fórmula 1
- 19.30 Vedetas e canções.
- 20.00/21.00 «Rádio 73»
- 20.15 Comentário desportivo.
- 20.30 DE SETE EM SETE DIAS: «A Estrela da noite»
- 21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
- 21.30 Quando o telefone toca.
- 22.03 Antiquário.
- 22.30 Quando o telefone toca.
- 23.05 Mensagens bíblicas
- 23.19 Canções ao acaso.
- 23.30 FBX
- 02.00 A noite é nossa
- 06.00 Diário rural
- 07.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

- 15.30 Onda Desportiva.
 - 18.05 Automobilição.
 - 18.30 Terço e benção.
 - 20.05 Zona verde, espaço ocupado pela família.
 - 20.35 Intervalo.
 - 20.55 Meditação.
 - 21.00 Suplemento especial.
 - 22.00 Quando o telefone toca.
 - 22.30 Programa dos sócios.
 - 23.05 A 23.ª Hora.
- EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**
- Rádio Peninsular**
06.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00
- C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL**
08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
- RÁDIO GRAÇA**
12.00 às 14.30
- RÁDIO VOZ DE LISBOA**
14.30 às 17.00

● cinemas ●

■ LISBOA

TURNO G-1

ATÉ AS 22 HORAS

ALCANTARA
Barral, Rua Prior do Crato, 25 (Telef. 661321). **Bolifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824).

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef. 711730). **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Telef. 772466).

ARIEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Telef. 326476).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242). **Alegria**, Estrada de Benfca 180-A (Telef. 780511).

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Telef. 847019).

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610).

CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F (Telef. 663643).

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da República, 74-A (Telef. 771379).

ESTEFANIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef. 45578).

LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 362631).

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telefone 971131).

MATADOURO
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Telefone 553468).

SÃO MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (Telef. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 7-9 (Telef. 48642).

TURNO G-2

TODA A NOITE

AJUDA
Moura, Trav. da Memória 55 (Telef. 630944).

ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140).

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (Telef. 821633).

ARIEIRO
Garantia, R. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300).

AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043). **Dalva**, Avenida Duque de Avila 125 (Telef. 45225).

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B. 75-A (Telef. 683694).

BAIXA
Azevedo, Filhos, Rossio 31 (Telef. 327478).

BENFICA
União, Est. de Benfca, 592 (Telef. 700092).

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua Infancia 16 98-B (Telef. 663643).

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (Telef. 862835).

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66B (Telef. 666971).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480).

PICHELEIRA

Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703).

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zólimo Pedroso, 11-13 (Telef. 381136).

REGO
Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873).

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões 42-B (Telef. 638625).

SÃO BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros 115 (Telef. 679961).

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237).

■ LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034).

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058).

PARADE
Alair, Av. Gago Coutinho-B, das Caixas de Previdência (Telef. 2472948).

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186).

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A 15 (Telef. 260116).

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078). **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214).

■ LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019). **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485). **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149).

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9 (Telef. 970523).

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117). **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123).

CACÉM
Araújo e Sá

MEM MARTINS
Quimã, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456).

SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391).

COLARES
Abreja, (Telef. 299088).

■ OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250).

ALMADA
Central, R. de Oliveira, 11 (Telef. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141).

BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barracas, 50-A (Telef. 2760182).

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029).

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008).

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028).

SETÚBAL
Rosa Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484). **Nova**, R. General Gomes Freire (Telef. 22052).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580).

■ PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8. **Martino**, Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122. **Pombal**, C. Martires da Pátria, 152. **Prelada** (de) R. Central de Francos, 316. **S. Roque da Lameira**, R. S. Roque Lameira, 1111. **Sa da Bandeira**, R. Sa da Bandeira, 236.

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227. **Campo Alegre**, R. do Campo Alegre, 723. **Ferreira da Silva**, R. dos M. da Liberdade, 150. **Peninsular**, R. Chã 100-102. **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297.

■ COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Telef. 22961). **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Telef. 22603). **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Telef. 24737).

motor



CINEARTE (Tel. 660446)

15.00 - 21.00 H. Grupo D (18 anos) ENTRE A LOUCURA E O CRIME c/ George Hilton e Anita Strindberg e QUESTÃO DE HONRA c/ Ugo Tognazzi e Bernard Blier.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)

15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45 Grupo C (14 anos) 2.ª Semana colorido OS CLOWNS DE FELLINI (Esta cionamento Parque Castil)

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 - 18.15 - 21.30 2.ª Semana Grupo D (18 anos) THE GET-WAY. (Tiro de escape) Steve McQueen, Ali McGraw um filme de Sane Pechinpan - color Amanhã às 18.30 H. Grupo B (10 anos) O VALE DO FUGITIVO de A. Polansky. c/ Robert Redford e Katherine Ross.

SATÉLITE (Tel. 555131)

15.30 - 18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) 4.ª Semana Um filme de António Pedro Vasconcelos PERDIDO POR CEM... com José Cunha, Marta Leão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)

14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 Grupo D (18 anos) colorido. As seduções libertinas e o amor conjugal o filme de Eric Rohmer O AMOR ÀS 3 DA TARDE Snack Bar - Pub The Flag - o melhor encontro gastronómico.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45 Grupo D (18 anos) 4.ª semana - Color Um filme de Jan Kador MULHER A DERIVA. Rade Marcorie, Milena Dravic. (Metro: Alameda)

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15 - 18.30 - 21.45 Grupo C (14 anos) - Panavision color O JOVEM LEÃO c/ Robert Shaw, Anne Bancroft, Simon Ward

CONDES (Tel. 322523/326710)

14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45 (Grupo B 10 anos) 4.ª Semana A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss A GRANDE VALSA. Com Horst Buchholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision - Metrocolor

EUROPA (Tel. 661016)

15.00 - 21.30 Grupo B (10 anos) 3.ª Semana Technicolor Cinemascope William Holden, Alec Guinness em A PONTE DO RIO KWAI um filme de David Lean. Tardes Infantis. Hoje às 18.15 H. Grupo A (6 anos) o gênio incomparável de Charlot em O HOMEM MAIS ENGRAÇADO DO MUNDO

IMPERIO (Tel. 555134/5)

15.15 - 18.30 e 21.30 Grupo D (18 anos) Eastmancolor O LOIRO DO SAPATO PRETO. Pierre Richard, Mireille Darc. Realização de Yves Robert. (Metro: Alameda)

ROMA (Tel. 727778)

15.30 - 18.30 e 21.45 (Grupo B 10 anos) 5.ª semana CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ. Com Terence Hill e Bud Spencer.

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 - 18.15 e 21.45 Grupo D (14 anos) 2.ª semana Um filme de Luis Buñuel LABIRINTO INFERNAL. Simone Signoret, Michel Piccoli

APOLLO 70 (Tel. 763319)

15.15 - 18.30 - 21.45 Grupo D (18 anos) Technicolor Grande Prêmio do Cinema Fantástico 1973 UM ASSASSINO PELAS COSTAS com Dennis Weaver

RESTELO (Tel. 610375)

15.00 - 21.30 (Grupo D-18 anos) 5.ª Semana! Um autêntico festival de gargalhada COM JEITO VAL NA PANDEGA

VOX

15.15 - 18.30 e 21.45. 4.ª Semana Eastmancolor Grupo D (18 anos) Um filme de Calude Chabrol A CASA DOS DESEJOS. Jean Paul Belmondo e Mia Farrow.

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 e 21.00 (Grupo B 10 anos) CHEGA-LHE... AMIGO. Em complemento MANEQUIM DESFIGURADO. Hoje às 18.30 - Grupo A (6 anos) um êxito! FESTIVAL DE NOTAS. Variedades com as melhores atrações - Brindes.

S. JORGE (Tel. 54151)

15.15 - 18.15 - 21.30 (Grupo D 18 anos) 3.ª Semana De invulgar êxito PARIS, MANICÓ-MIO DO AMOR com Marthe Keller

EDEN

15.30 - 18.30 e 21.45 (Grupo D 18 anos) Technicolor. Realização de Sergio Martino PASSOS NA ESCURIDÃO. George Hilton - Edwige Fenech - Susan Scott.

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 e 21.00 (Grupo C 14 anos) SEGUIE-ME QUERIDO em complemento O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE.

POLITEAMA (Tel. 326303)

15.15 - 18.15 - 21.45 (Grupo B 10 anos) 5.ª Semana CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ. Terence Hill e Bud Spencer.

BERNA (Tel. 776098)

15.15 - 18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Eastmancolor Um filme de Jean - Pierre Melville CAI A NOITE SOBRE A CIDADE. Alain Deon e Catherine Deneuve

CASINO ESTORIL

15.30 - 18.30 e 21.30 (Grupo D 18 anos) QUANDO AS MULHERES QUE-REM com Jacqueline Bisset, Stella Steveres e Steve Lawrence.

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 - 18.30 e 21.45 5.ª Semana (Grupo B - 10 anos) CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ. Terence Hill e Bud Spencer.

TIVOLI (Tel. 505950)

15.15 - 18.30 e 21.45 (Grupo D-18 anos) 2.ª Semana Colorido. Dustin Hoffman em CAES DE PALHA. o filme de San Peckinfan

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30 - 18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) Colorido. Um filme de Edouard Luntz HUMOR VAGABUNDO. Jeanne Moreau - Michel Blouquet

OUTROS ESPETÁCULOS

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 - 23.00 (14 anos) Sua Excelencia o pendura

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos) Os amigos

VILLARET
21.45 (18 anos) Gaspar, de Peter Handke

LAURA ALVES
21.45 (18 anos) O Príncipe e a corista

A. B. C.
21.45 e 23.00 (18 anos) Prô menino e prá menina

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos) Cá vamos pagando e rindo

MONUMENTAL
21.45 (18 anos) Adriano VII

CAPITÓLIO

20.45 e 23.00 (18 anos) Sexo, nunca! Somos britânicos

LISBOA/Cinemas

PARIS

21.00 (18 anos) Com jeito vai... em Pândega

CINEARTE

21.00 (18 anos) Entre a Loucura e o Crime

RESTELO

21.30 (18 anos) Com jeito vai... em Pândega

JARDIM CINEMA

21.30 (14 anos) A Ameaça de Andromeda

MOSCAVIDE

21.00 (18 anos) Cabaret

OLIMPIA

19.00 (14 anos) Se disparas mato-te

LINHA DE CASCAIS

AMORA

Operária Amorense 21.15 (18 anos) As Cicatrizes de Dracula

PARADE

Royal-cine 21.15 (10 anos) Tauros, filho de Atila

ESTORIL

Casino 15.30, 18.30 e 21.30 (18 anos) Quando as mulheres querem

Palácio

21.30 (10 anos) A mania das grandezas

Esplanada

21.30 (14 anos) Os Incendiários

LINHA DE SINTRA

SINTRA

Carlos Manuel 21.30 (10 anos) A Ponte do Rio Kwai

DAMAIA

D. João V 21.30 (18 anos) Não desejarás a mulher do delicadinho

AMADORA

Recreios Desportivos 21.15 (10 anos) Ringo-O cavaleiro solitário

QUELUZ

Que luz Cinema 21.15 (10 anos) Hercules contra Mongois

MEM MARTINS

Cine Chaby 21.30 (18 anos) Não desejarás a mulher do delicadinho

OUTRA BANDA

LARANJEIRO

Instituição e Recreio 21.30 (18 anos) Aventura é Aventura

ALMADA

Incrível 21.15 (14 anos) Direito por linhas tortas

TRAFARIA

Pavilhão Jardim 21.15 (18 anos) O Doce corpo de delito

BARREIRO

Cine-Barreirense 21.00 (18 anos) Amantes desconhecidos

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA

21.45 (10 anos) Pela Boca Morre o Peixe

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO

21.30 (18 anos) Golpe de mestre e Traição

PASSOS MANUEL

21.30 (18 anos) Malpertuis

JULIO DINIZ

21.30 (14 anos) O Relicário

OLÍMPIA

Máscaras de cera

S. JOÃO

21.30 (18 anos) A Estátua

ÁGUIA D'OURO

21.30 (10 anos) Continuaram a chamar-me Trinitá

COLISEU

21.30 (18 anos) Roma de Fellini



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

Projectistas e consultores em congresso

O I Congresso Nacional de Projectistas e Consultores inicia-se amanhã. Não esquecendo o valor estratégico dos órgãos de Informação a Comissão Organizadora, promoveu uma conferência de imprensa no restaurante da FIL a fim de explicitar melhor certos pontos que interessam ao Congresso bem como para esclarecer todas as dúvidas que por acaso pudessem estar em suspenso.

Na ausência do presidente da Comissão eng. Campos e Matos, o eng. Myre Dôres, na qualidade de secretário-geral, começou por frisar que aquele simpósio se reveste de interesse nacional pois a actividade dos participantes pode ter impacto no desenvolvimento do país, acentuando que as 38 comunicações que até à data estavam impressas demonstravam o interesse suscitado, isto corroborado pelos 425 participantes. Seguidamente, enumerou as individualidades (ou entidades) que constituem a Comissão de Honra, na qual se incluem sete personalidades governamentais, referindo o apoio que têm prestado para a organização do Congresso.

Afirmou depois que o Congresso pudera, nem é essa a sua função resolver todos os problemas que hoje afectam os projectores e consultistas portugueses, antes deixando em suspenso certos temas que a seu tempo forçosamente serão solucionados.

Numa pequena conversa que se estabeleceu foi levantada a questão de quanto se teria gastado na organização do Congresso ao que o eng. Myre Dôres declarou ser difícil concretizar pois existem muitos apoios indirectos que não é possível contabilizar, no entanto acabou por dizer que os subsídios oficiais seriam na ordem dos 340 contos e que o orçamento total se previa entre os 550 e os 600 contos, em virtude das inscrições dos participantes no Congresso.

O Congresso que durará deste segunda até quinta-feira nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, incluirá para além das comunicações dos congressistas as quais serão apresentadas em síntese, uma exposição fotográfica sobre o meio ambiente e os aspectos sociais.

AGRO-PECUÁRIA

Mais de duas mil cabeças de gado bovino estarão presentes este ano na Feira Agro-Pecuária de Santo Isidoro, cujas portas abrirão no próximo dia 10, em cerimónia a que presidirá o Secretário provincial de Agricultura de Angola, eng.º Romero Monteiro.

A iniciativa pertence à Cooperativa Agrícola e Pecuária do Huambo, organismo que mais se tem esforçado pelo desenvolvimento da criação de gado das melhores raças no Planalto Central angolano, região vastíssima que oferece as melhores condições para o apuramento das raças.

A Feira contra este ano com a presença, em força, dos criadores de todas as regiões pecuárias de Angola, devendo atingir o seu ponto mais alto no leilão de gado, bem como nos concursos «a melhor leiteira» e «a melhor ordenhadora» da Feira, que tradicionalmente são seguidos sempre com muito interesse.

Entretanto, o certame conta também com um enorme pavilhão destinado à agricultura, cujos «stands» estão já reservados por numerosos agricultores, ao passo que — pelo menos até agora — se tem registado pouco interesse das firmas representantes da maquinaria agrícola, de adubos e de artigos de veterinário.

Por ultimo, o Ribatejo —

far-se-á representar «em força», no aspecto folclórico, enviando à Feira de Santo Isidoro o Rancho Folclórico Infantil da «Casa do Ribatejo» do Lobito, agrupamento composto por 30 elementos.



A existência do estado de Israel obriga o povo palestino a uma comemoração trágica — o 25.º aniversário de luta aberta.

25.º ANIVERSÁRIO DO ESTADO DE ISRAEL

TELAVIVE, (FP) — Os 2 700 000 habitantes da república de Israel festejam no dia 7 do corrente o 25.º aniversário da criação deste estado que, nesse espaço de tempo, teve com os vizinhos árabes três guerras «abertas» e 24 anos de guerra larvada com os movimentos palestinos.

O mandato britânico na Palestina terminou em 14 de Maio de 1948. David Ben Gurion proclamou, então, o Estado de Israel e assumiu a presidência do ministério. Um dia depois, deu-se a invasão da Palestina pelos exércitos árabes e, no mês seguinte (11 de Junho) era concluído o primeiro cessar-fogo Israel-Árabe, sob a égide do medianoiro da ONU, Conde Folke Bernadotte. A velha cidade de Jerusalém foi ocupada pela Legião Árabe e o exército egípcio ocupou parte do Neguev. As hostilidades recomeçaram, porém, em Julho, e os exércitos árabes são batidos. Em 17 de Setembro de 1948, o conde Bernadotte é assassinado por elementos do grupo

STERN (terroristas israelitas) e dias depois (22 de Setembro) forma-se um Governo Palestino em Gaza, ocupada pelo Egito. Entre 14 e 22 de Outubro decorrem novos combates e o Egito sofre outras derrotas no Neguev.

Em 1949, Israel elege, no mês de Fevereiro, o professor Chaim Weismann para a presidência da República.

De 24 de Fevereiro a 20 de Julho de 1949, assinam-se, sucessivamente, armistícios com o Egito, o Líbano, a Jordânia e a Síria. O Iraque retira as tropas sem assinar.

Em 11 de Maio de 1949, é a admissão de Israel na ONU.

Em fins de Abril de 1950, a Transjordânia anexa a Cisjordânia e toma o nome de Jordânia.

Em Israel, publica-se a «Lei do Regresso», que dá a todos os judeus do mundo (14 milhões ao todo) o direito a cidadania israelita.

Em 1953, Isaac Ben Zvi é eleito presidente da república. Em 1955, Israel faz um assalto

de represália em Gaza (38 mortos egípcios). Em 1956, o Egito nacionaliza o canal do Suez. Há a intervenção Anglo-Francesa e a intervenção israelita. O exército de Israel ocupa o Sinai, faz 10 000 prisioneiros egípcios e apodera-se de uma centena de carros.

«T-34». Paralelamente, os ingleses e franceses desenvolvem o ataque. Mas, em Dezembro de 1956, as forças destes dois países retiram do Egito. Instalam-se, então, os soldados da ONU. Em Março de 1957, os israelitas abandonam Charm El Cheikh, dando o lugar aos «capacetes azuis».

Em 1961, a população de Israel é de 2,2 milhões de habitantes, entre os quais 230 000 árabes. Em 1963, Zalman Shazar é eleito presidente da República (o terceiro). Em Junho desse ano, Ben Gurion demite-se depois de uns quinze anos no poder. É substituído por Levi Eshkol. Em Janeiro de 1964, Paulo VI vem visitar os lugares santos.

Em 22 de Maio de 1967, o Egito, tendo obtido três dias antes a retirada das forças da ONU, proíbe aos navios israelitas o acesso ao golfo de Akaba.

É a guerra dos seis dias. De 5 a 10 de Junho, Israel, que destruiu logo no primeiro dia a aviação egípcia, ocupa o Sinai, a Cisjordânia e as colinas do Golã, na Síria. Israel teve 679 mortos e 2500 feridos. O Egito 10 000 mortos, a Jordânia 6094 e a Síria 445. Em Novembro de 1967, o Conselho de Segurança aprovou uma resolução, exigindo a assinatura de um tratado de paz que incluí o reconhecimento de Israel pelos árabes e «a evacuação dos territórios ocupados em 1967». Antes, o «EL-LAT», um navio de guerra israelita, fora afundado por um misil egípcio.

Em 8 de Setembro de 1968, o presidente Nasser proclama a «Guerra de Usura» e, em 28 de Dezembro do mesmo ano, em represália por um atentado palestino contra a companhia aérea «EL AL» em Atenas, os israelitas fazem um raide ao aeroporto de Beirute onde destroem 13 aviões. A França decide (Janeiro de 1969) embargar o fornecimento de armas a Israel.

Em 17 de Março de 1969, Golda Meir assume o cargo de primeiro-ministro. Em Agosto de 1970, entra em vigor um cessar-fogo israelo-egípcio, negociado pelo secretário de estado americano, William Ro-

gers. Será prolongado «Sine Die».

Em 30 de Maio de 1972, a FPLP ataca no aeroporto de LOD (27 mortos, 72 feridos) e, em Setembro do mesmo ano, nos jogos olímpicos de Munique, um comando «Setembro Negro» apodera-se de 11 reféns israelitas, que acabam por ser todos mortos.

Em Fevereiro de 1973, os israelitas atacam campos de refugiados ao norte do Líbano e um avião líbio é abatido sobre o Sinai (107 mortos). Em 10 de Abril findo, um comando israelita ataca na própria cidade de Beirute e mata três chefes dos Fedaines. Ainda em Abril deste ano, o professor Ephraim Katzir é eleito presidente da república (o quarto).

A divisão da Palestina em dois estados — Judaico e Árabe — decidida pela ONU em 29 de Novembro de 1947, efectuou-se segundo um critério puramente demográfico. Os especialistas das Nações Unidas estavam persuadidos de que «a Federação israelo-árabe», concebida em Nova Iorque, mas que nunca chegou a ver a luz do dia, permitiria resolver todos os problemas económicos, políticos e militares.

As fronteiras de 1948. Nestas primeiras fronteiras, o Estado de Israel tinha, para 650 000 habitantes, uma superfície de 14 000 km divididos em três troços:

Ao Norte, a Galileia Oriental (a Galileia Ocidental foi atribuída ao Estado Árabe).

Ao centro, uma estreita faixa costeira, que vai de Haifa até 20 quilómetros ao sul de Telavive. Jerusalém com estatuto internacional e habitada, entre outros, por cem mil judeus, estava completamente cercada por territórios árabes.

No Sul, o Neguev, totalmente deserto, foi amputado da sua parte norte (Bersheba) e de uma larga faixa de terreno, na fronteira com o Sinai.

Mas, com a guerra de 1948-49, Israel aumentou de um terço a sua superfície (20 700 km quadrados), conquistando a Galileia Ocidental, uma faixa que une esta a Jerusalém e a totalidade do Neguev. Vem a guerra dos seis dias (1967). Israel anexa o sector Leste de Jerusalém e ocupa a Cisjordânia, o Planalto do Golã e o conjunto do Sinai, ao todo uma superfície de 89 600 quilómetros quadrados. Nessas fronteiras vivem 1 350 000 Árabes e 2 700 000 Judeus.



De espingarda ao ombro, um palestino inspeciona os estragos provocados pela artilharia libanesa no campo de refugiados de Bir Hassan. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257